



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MARIELE DE FÁTIMA CUNICO

**ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: OS CORREDORES DO
COLÉGIO ESTADUAL CÍVICO
MILITAR MOYSÉS LUPION DE
ANTONINA/PR**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Março / 2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

MARIELE DE FÁTIMA CUNICO

**ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS
CORREDORES DO COLÉGIO ESTADUAL CÍVICO MILITAR
MOYSÉS LUPION DE ANTONINA/PR**

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

MARIELE DE FÁTIMA CUNICO

**ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS
CORREDORES DO COLÉGIO ESTADUAL CÍVICO MILITAR
MOYSÉS LUPION DE ANTONINA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar
Orientador(a): Dr. Federico José Alvez Cavanna

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cunico, Mariele de Fátima

Ensino de história e a educação patrimonial: os corredores do colégio estadual cívico militar Moysés Lupion de Antonina/PR / Mariele de Fátima Cunico. -- Campo Mourão-PR, 2024.
118 f.: il.

Orientador: Federico José Alvez Cavanna.

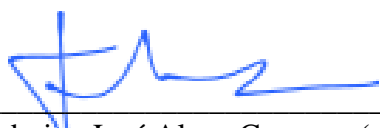
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Ensino de História. 2. Educação patrimonial. 3. História Local. I - José Alvez Cavanna, Federico (orient). II - Título.

MARIELE DE FÁTIMA CUNICO

ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS CORREDORES DO COLÉGIO ESTADUAL CÍVICO MILITAR MOYSÉS LUPION DE ANTONINA/PR

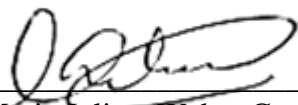
BANCA EXAMINADORA



Dr. Federico José Alvez Cavanna (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Maria Julieta Weber Cordova – Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Data de Aprovação

22/03/2024

Campo Mourão – PR

A todos que, de alguma forma, direta e indiretamente, contribuíram e serviram de fonte inspiração para a minha trajetória pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

O agradecimento pela finalização de um trabalho não é algo tão simples e fácil de fazer. Sempre corre-se o risco de deixar de mencionar pessoas e instituições que contribuíram para a sua realização. Muitos, de forma direta e indireta, serviram de inspiração e contribuíram para que este trabalho fosse concluído com êxito, desta forma, tenho tanto a agradecer. Por isso, expresso aqui através de sinceras palavras um pouquinho da importância que algumas pessoas tiveram, e ainda têm, nesta conquista. Ofereço minha sincera gratidão a todas elas.

Aos meus queridos pais, Priamos do Pilar Cunico (in memoriam) e Jacira Freire Cunico, por todo amor, carinho, dedicação e ensinamentos. Ao meu saudoso pai por ter sido um espelho de honestidade e dignidade em minha vida, mostrando-me a educação como melhor caminho para o meu crescimento pessoal e profissional. Em especial, à minha mãe ofereço minha genuína gratidão por seu apoio incondicional, incentivo e por ter acompanhado-me com amor e carinho em todos os momentos desta trajetória de estudos. Não tenho nem palavras para expressar os meus sinceros agradecimentos.

Matheus e Davi, meus amados filhos, agradeço pelo apoio, pelo encorajamento e paciência com a minha ausência durante esta pesquisa. Meus sinceros reconhecimentos e admiração por você, Davi, um exemplo de sabedoria e maturidade, mantendo-se forte e firme ao meu lado na cidade de Campo Mourão e tão longe do nosso lar, apoiando-me e incentivando-me a persistir na realização deste sonho. Que a minha trajetória seja exemplo de luta, de trabalho e de conquista para vocês.

Ao meu esposo Emerson, fico sem palavras para agradecer você pelo verdadeiro afeto, apoio e companheirismo em todas as etapas da minha vida, não sendo diferente durante a realização deste mestrado. Sem a sua compreensão e paciência por ser privado da minha presença (física e psicológica) e pelos momentos que passou-me tanta segurança e tranquilidade durante as minhas fases de alterações de humor e de desânimo, com tantas palavras de conforto, esta jornada não seria possível. Sou feliz e grata por tudo.

Em especial, ao professor Dr. Federico José Alvez Cavanna, profissional e pessoa incrível e admirável. Meu coração se enche de alegria e gratidão por você ter assumido a dedicada missão de orientar-me neste processo de pesquisa tão majestosamente, sendo atencioso e constante, com tantos sábios conhecimentos compartilhados e incentivos durante esta pesquisa. Seus conselhos, sabedoria e comprometimento foram elementos importantíssimos e indispensáveis ao longo do desafio de produzir este trabalho. A palavra que define o meu humilde sentimento nesta fase importante da minha vida é GRATIDÃO. Não deixando de

mencionar a sua visão marcante e posicionamento ético em defesa da escola pública, que com certeza proporcionou-me uma nova visão da minha prática educacional, um visão mais generosa, afetuosa e responsável.

A todos os professores e professoras do conceituado Programa de Mestrado por conduzirem com tanta dedicação, responsabilidade e profissionalismo as reflexões e os debates durante o curso: Eulália Maria, Ricardo Tadeu Caires, Ricardo Marques de Mello, Jorge Pagliarini Júnior e a Cyntia Simioni França. A todos vocês expresso meu carinho e admiração.

Ao Professor Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes, que merece os meus sinceros e respeitosos agradecimentos, primeiramente por ter ministrado suas disciplinas com grande sabedoria e comprometimento, fazendo-me refletir sobre o grande potencial educativo dos patrimônios para o conhecimentos histórico. Por seus apontamentos e contribuições importantíssimas como membro da Banca Examinadora, muito obrigada.

À Professora Dra. Maria Julieta Weber Cordova, por ter aceitado prontamente compor a Banca Examinadora e por suas ponderações e sugestões fundamentais para essas discussões.

Aos ensinamentos, discussões, debates, compartilhamento de conhecimentos e pelas sábias, sinceras e afetuosas palavras dos meus amigos do programa: Adriana, André, Ellen, Fábio, Flávia, Francisco, Gelssi, Ilda e Tiago, todos vocês contribuíram para que os meus dias na cidade de Campo Mourão fossem mais tranquilos, serenos e mais fáceis de suportar a distância do meu lar.

E, logicamente, ao Pedro e Adriana, meus agradecimentos e admiração por toda a receptividade, compreensão e por todo o profissionalismo que trataram a turma do Mestrado do ano de 2022, sempre prestativos a nos ajudar. Sou muito grata a vocês!

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio incondicional, em particular a minha amiga e colega de trabalho Andressa Iara Budny, por ter depositado confiança em mim para a realização deste projeto, emprestando-me o dinheiro no momento da inscrição do ProfHistória, sou grata por este gesto tão nobre e pelo seu ato de credibilidade. Aos meus alunos e alunas, fonte de inspiração e dedicação para a concretização deste estudo.

À Diretora, diretora auxiliar, pedagogas e funcionários da secretaria do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion pelo apoio incondicional, todos vocês foram indispensáveis para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Por último e mais importante, agradeço a Deus e a Nossa Senhora do Pilar, que conduziram-me por um caminho repleto de possibilidades, intercedendo por mim, cuidando-me e guiando-me, obrigada pela minha força e fé necessárias para enfrentar todos os obstáculos sem nunca desistir. Sem essa força divina, nada seria possível.

“Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante.”

Adauto Novaes

RESUMO

CUNICO, Mariele de Fátima. **Ensino de História e a Educação Patrimonial:** os corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina/PR. 111f. Dissertação. ProfHistória – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2023.

Esta dissertação de mestrado propõe organizar e sugerir algumas práticas educativas com o uso do acervo escolar do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion como uma valiosa fonte de pesquisa para o Ensino da História Local. Estas atividades foram pensadas para serem realizadas pelos professores e professoras de História em conjunto com os estudantes do primeiro ano do Ensino médio desta instituição de ensino, no entanto, podem ser adaptadas para atender outros contextos escolares. Compreender a História Local é essencial para a formação do cidadão crítico e consciente, portanto, o uso dos patrimônios escolares no Ensino de História pode desempenhar um papel significativo na construção do conhecimento histórico dos discentes. Desta forma, este estudo desenvolve-se por meio da Educação Patrimonial, articulando a História Local e os patrimônios escolares. Assim, torna-se necessário observarmos o potencial didático deste simples corredor, um local de passagem e acesso para as salas de aula que abriga em seu interior uma grande quantidade e diversidade de objetos, móveis, vestimentas e fotografias que narram a trajetória da comunidade escolar local. A Educação Patrimonial é uma importante ferramenta pedagógica na construção do conhecimento Histórico, portanto, utilizá-la tornou-se indispensável para o desenvolvimento de práticas didáticas que relacione o ensino de História e os patrimônios locais, com o propósito de despertar a compreensão sobre a necessidade da preservação, valorização e da problematização dos bens escolares na construção da memória e identidade local. Assim, este estudo destaca a importância dos bens escolares como recursos metodológicos enriquecedor no processo de ensino e aprendizado desta disciplina, capaz de conectar os estudantes ao passado e proporcionar uma compreensão mais significativa do saber histórico.

Palavras-chave: Ensino de História, História Local, Educação Patrimonial, patrimônio e memória.

ABSTRACT

This master's thesis aims to organize and suggest some educational practices using the school collection in the corridor of the Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion as a valuable source of research for the Teaching of Local History. These activities were designed to be carried out by History teachers with first-year high school students at this educational institution, but they can be adapted to other school contexts. Understanding local history is essential for forming critical and conscious citizens, therefore, the use of school heritage in History Teaching can play a significant role in building students' historical knowledge. Thus, this study is developed through Heritage Education, articulating Local History and school heritage. Therefore, it is necessary to observe the didactic potential of this simple corridor, a place for passage and access to classrooms that house a large quantity and diversity of objects, furniture, clothes, and photographs that narrate the trajectory of the school community. local. Heritage Education is an important pedagogical tool in the construction of Historical knowledge, therefore, using it has become indispensable for the development of teaching practices that relate the teaching of History and local heritage, with the purpose of awakening understanding of the need for preservation, valorization and problematization of school assets in the construction of memory and local identity. Thus, this study highlights the importance of school assets as enriching methodological resources in this subject's teaching and learning process, capable of connecting students to the past and providing a more meaningful understanding of historical knowledge.

Keywords: History Teaching, Local History, Heritage Education, heritage and memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA EM DISPUTA	14
1.1 O ensino de história a partir da História Local	20
1.2 A educação patrimonial como instrumento de alfabetização cultural	25
2. OS CORREDORES COMO ARQUIVOS ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ENTRE A EXPERIÊNCIA E A PROFANAÇÃO	33
2.1 Viagens ao corredor escolar: “diz alguma coisa”	36
2.2 A respeito da memória e o uso dos acervos dos corredores do colégio estadual cívico militar Moysés Lupion para iniciativas educativas	39
3. UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O CORREDOR DO COLÉGIO	46
3.1 Sequência didática para a aplicação das atividades propostas neste trabalho	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE	99

INTRODUÇÃO

Ao rascunhar vagarosamente as primeiras páginas deste texto em folhas soltas de papel, não consigo deixar de parar, observar e vislumbrar a linda paisagem do Pico do Paraná, trazendo consigo toda a sua suntuosidade que surpreendentemente invade a janela da sala dos professores do Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas e tira-me toda a atenção enquanto escrevo. Daqui consigo ver e ouvir os pássaros passarem pela minha janela e surpreendo-me novamente com esta deslumbrante vista. Neste momento, paro tudo que estou fazendo, fecho os meus olhos e de alguma forma me vejo viajar por este bucólico lugar. Os rios da região, as cachoeiras e as montanhas são fascinantes. Em meus pensamentos começo a caminhar nas ruas estreitas desta pitoresca cidade. Posso sentir o calor do sol e a brisa do mar, escutar o caminhar e as conversas das pessoas enquanto reflito sobre todas as particularidades que fazem da cidade de Antonina um lugar muito especial. Com um imenso sentimento de gratidão e uma mistura de emoções que tomam conta de mim, respiro e retorno a minha escrita. Para mim, escrever nunca foi algo muito fácil, na verdade, sempre foi um grande desafio. No entanto, percebo que provocar reflexões sobre as possibilidades de ensino da História Local, do reconhecimento dos patrimônios histórico-culturais do povo antoninense e da valorização da memória e identidade desta cidade através de práticas da Educação Patrimonial, faz desta pesquisa um trabalho de muita satisfação e, ao mesmo tempo, de uma enorme responsabilidade. Por esta razão, acredito que esta minha paixão e o desejo de compartilhar um pouco desta história foi a principal causa que motivou a minha trajetória até aqui.

Sou moradora e professora de História de uma cidade pequena e uma das mais antigas do litoral do Estado do Paraná, Antonina, cidade portuária com aproximadamente dezenove mil habitantes e com uma história incrível, porém, pouco reconhecida e valorizada, muitas vezes até pelos próprios moradores do município. A cidade têm suas origens no importantíssimo ciclo econômico brasileiro de catas e faisqueiras de ouro que existiam nos estuários da região no século XVII. Cabe ressaltar que o primeiro Ciclo do Ouro do Brasil marca o início do povoamento da cidade por portugueses, movidos pela cobiça da extração do ouro, assim como o começo efetivo da atividade mineradora no nosso Estado e país, já em meados do século XVII. Os portugueses que aqui chegaram, possivelmente trouxeram os primeiros escravos negros para trabalharem na extração e lavagem do metal tão desejado. A cidade de Antonina desfruta de uma história e de uma paisagem excepcional, emoldurada por morros que delimitam a cidade e pela Serra do Mar, com uma exuberante Mata Atlântica e por calmas águas da Baía de Antonina, situada no fundo da Baía de Paranaguá. Além da sua deslumbrante paisagem natural,

a cidade dispõe de ruas, edifícios residenciais e comerciais do século XIX e XX que servem de testemunho da fase áurea de produção e de escoamento da Erva Mate na região, período de maior desenvolvimento econômico do município.

No entanto, mesmo com a atuação preservacionista do IPHAN (cabe ao Instituto a responsabilidade de reconhecer, preservar e promover os bens materiais e imateriais do país e assegurar sua permanência e usufruto para gerações presentes e futuras) em 2011 e com o processo de tombamento de alguns patrimônios da cidade em 2012, a desvalorização, o descuido e o abandono desta história e de seus bens estão visíveis nos diversos espaços da cidade. Monumentos em ruínas, mal cuidados e em estado de abandono por toda parte, de certa forma sempre me inquietaram. Como antoninense, cresci ouvindo histórias sobre a fase áurea deste município, sobre o período da Erva Mate, do seu grande crescimento econômico, das suas ruas, dos comércios e porto bem movimentados. Lembro-me de deslumbrar-me com as histórias sobre as noites movimentadas de espetáculos no Teatro Municipal, que já foi palco de shows inesquecíveis dos artistas da era de ouro do rádio brasileiro, onde apresentaram-se nomes como Procópio Ferreira, Sílvio Caldas, Luís Barbosa, Aracy Almeida, Carmem Miranda e o Maestro Ary Barroso e simplesmente sentia-me maravilhada, mas no entanto, a realidade é de um município em uma lenta destruição de seus espaços e de seus patrimônios que leva a história e a cultura capelista ao esquecimento.

Em 2003, me tornei acadêmica e iniciei o curso de graduação em Licenciatura Plena em História na antiga Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá Fafipar na cidade de Paranaguá, atual Universidade Estadual do Paraná, Unespar. Graduei em 2007. Confesso, sempre fui apaixonada pela História desde criança. Morar e crescer em uma cidade histórica influenciou-me nesta minha feliz escolha e posso mencionar com orgulho que sempre tive excelentes professores de História contribuindo com a minha formação de consciência crítica, sendo referência pela minha decisão na graduação de História. Logo iniciei uma pós-graduação, onde pude discutir pela segunda vez sobre o ensino de História. Terminei o curso em Metodologia do Ensino de História e Geografia, pela Faculdade Internacional de Curitiba, Facinter, no ano de 2008, e no ano de 2009, comecei a minha jornada em sala de aula, como professora de História da Educação Básica do Estado do Paraná, no Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas, instituição escolar localizada dentro da Vila Residencial da Copel, no Bairro Alto, na zona rural do município, onde continuo docente até hoje. Leciono a disciplina de História nos dois turnos que a escola oferece, manhã e tarde sou professora das turmas de sexto ano do Ensino Fundamental até as turmas de terceiro ano do Ensino Médio.

Com o tempo em sala de aula pude perceber que cada turma e cada aluno apresenta as

suas especificidades, as suas diferenças transformando cada aula em uma única. O Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas atende sete comunidades rurais de Antonina e uma diversidade de estudantes com perfis socioeconômicos e culturais diversos. Quando iniciei a minha carreira como docente, meu principal objetivo era promover aos meus alunos e alunas um ensino de História de qualidade, valorizando as trocas de saberes em sala de aula e respeitando o multiculturalismo escolar, propósitos que mantenho até hoje. Desta forma, busco diversificar a minha prática docente promovendo ações diversificadas dentro e fora da sala de aula, muitas vezes, realizando as minhas aulas em outros espaços que a escola oferece, como o refeitório, o laboratório de informática, laboratório de química, embaixo de uma árvore, sentados nas calçadas, na beira de um rio ou até mesmo em um programado passeio histórico pelas ruas estreitas da cidade. Trabalhar em uma escola do campo tem o benefício de proporcionar aos estudantes o contato direto com a natureza que nos cerca.

No meu primeiro dia de aula, chego em sala recém-formada, ansiosa para ministrar as minhas aulas e compartilhar com os meus alunos e alunas toda a minha extensa e profunda “bagagem” de conhecimento específico da disciplina. No entanto, encontro estudantes desinteressados pelo saber histórico e com conteúdos no currículo que se afastavam cada vez mais dos espaços da cidade, do próprio ambiente escolar e do universo de vivência dos estudantes. Isso tudo me angustiava.

Após alguns anos em sala de aula, era impossível não perceber que a escola distanciava-se cada vez mais dos espaços da cidade, dos estudantes e não conversava com os patrimônios e a memória escolar pela exclusão de propostas didáticas que incluíssem metodologias mais comprometidas com o ensino da História Local. Muitas vezes, esse abandono se dava pela escassez de material didático e pela falta de formação de professores no assunto.

Assim surgiram os primeiros questionamentos: por que a História Local e os patrimônios da cidade estão ausentes da sala de aula e do ensino escolar? E como podemos abordar o ensino da História Local utilizando os bens produzidos no ambiente escolar como fonte de pesquisa? Acredito que os questionamentos são muitos e cada vez surgem novas dúvidas e reflexões a respeito das diferentes abordagens para o ensino de História.

No entanto, apesar das reflexões, era difícil enxergar como era distante a relação entre o ensino de História e a educação patrimonial. Os currículos eram engessados, impossibilitando a inclusão de novos temas. Outras perspectivas surgiram em 2022, quando iniciei no programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória, coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ofertado na cidade de Campo Mourão, pela Universidade

Estadual do Paraná (UNESPAR), onde tive a oportunidade de fazer parte de um prestigiado programa voltado para professores que atuam na área do Ensino de História promovendo um enriquecedor diálogo entre a universidade e a escola, diminuindo o distanciamento entre ambas, permitindo aos docentes da educação básica estreitar as relações entre a escola, a cidade e a realidade dos estudantes. O programa de mestrado profissional é um espaço favorável para desenvolver estudos, reflexões, discussões e debates teóricos entre docentes e discentes, tendo como compromisso buscar significados para um Ensino de História efetivo e a formulação de um produto educacional capaz de ser reproduzido por outros professores, professoras e estabelecimentos escolares.

O grande desafio deste trabalho foi o de pensar e criar um produto pedagógico eficiente para o ensino de História Local que possa ser aplicado por qualquer docente de História e estabelecimento de ensino. Assim, o produto educacional que será apresentado adiante, foi pensado a partir do meu interesse em compartilhar a história da cidade de Antonina, pelas minhas inquietações em sala de aula ao perceber o desconhecimento e a desvalorização dos patrimônios históricos culturais locais, somando aos estudos teóricos realizados, das discussões, debates e reflexões proporcionados pelas aulas ministradas pelos eminentes professores e professoras do conceituado Profhistória.

Desta maneira, pretende-se neste trabalho de dissertação intitulado Ensino de História e a Educação Patrimonial: Corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina/PR, estabelecer relações entre as minhas duas principais paixões de infância: a História e a cidade de Antonina, e assim provocar reflexões a respeito de desenvolver práticas educacionais com o acervo histórico exposto no corredor do colégio, a fim de inovar e enriquecer o Ensino da História Local, sensibilizando professores, professoras, alunas, alunos, funcionárias e funcionários para a importância da preservação, da valorização, da problematização e da aplicabilidade dos patrimônios produzidos no ambiente escolar nas aulas da disciplina, assim como pretende-se propor reflexões a respeito do contexto que estamos inseridos e repensar criticamente sobre a realidade local.

Cabe ressaltar que esta pesquisa se constituiu como uma tentativa de reconhecimento dos bens históricos culturais do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion e de sua história, através de ações metodológicas da educação patrimonial, proporcionando reflexões a respeito do uso deste espaço escolar e de seu conjunto de patrimônios materiais, dos seus objetos, documentos, mapas, mobílias e fotografias como fontes de pesquisa para o processo de construção do conhecimento histórico local. Diante deste propósito como temática desta dissertação, vale justificar a escolha e o meu interesse pelo acervo escolar do corredor principal

do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion.

Desta forma, sabe-se que o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion é um dos dez estabelecimentos de ensino mais antigos do Estado do Paraná e a sua origem remonta ao ano de 1946. No entanto, em um contexto de processo de militarização dos colégios públicos em todo o Brasil e atendendo o decreto que institui o Programa Nacional das Escolas Cívicos Militares¹, o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion após uma solicitação a toda comunidade escolar para o comparecimento em uma consulta pública, torna-se Cívico-Militar no ano de 2021.

Vale lembrar que durante algumas décadas, o colégio mencionado foi a única instituição de ensino da cidade de Antonina a ofertar aos moradores o antigo segundo grau, mais tarde, Ensino Médio, após o decreto da Lei 5692/71. Portanto, sabe-se que grande parte da população antoninense estudou, estuda ou tem amigos e familiares que frequentam ou já frequentaram este estabelecimento de ensino.

Sendo assim, acredita-se que o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion estabeleceu uma relação muito forte com a população capelista, com história e a identidade do município, constituindo-se no cenário do cotidiano escolar de muitos antoninenses. O propósito desta pesquisa em desenvolver-se no corredor principal deste colégio, este lugar de passagem de centenas de alunos, alunas, professoras e professores, nasceu após a primeira visita na instituição. Desta forma, nota-se que o corredor não é um local somente de passagem, mas sim um local de caminhar, parar, sentir, observar, imaginar, interpretar, consultar e problematizar toda a sua materialidade presente no local, como as fotografias e outros objetos expostos neste espaço, reconhecer que este acervo faz parte da memória e identidade da comunidade escolar. Portanto, acredita-se na necessidade do reconhecimento, da valorização, da preservação e do uso deste ambiente nas aulas de história e de estimular reflexões nos estudantes sobre o seu papel como sujeito histórico.

O objeto de estudo deste trabalho encontra-se na relação do Ensino de História, patrimônios escolares e a História Local por meio da educação patrimonial, apresentando conceitos e sugerindo ações educacionais, pelas quais os alunos e alunas aprendam, debatam, reflitam, interpretem e construam saberes sobre a cidade onde vivem, valores, costumes e tradições locais, a escola e os seus patrimônios. Desse modo, espera-se que a comunidade

¹ O Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívicos Militares (PECIM) no território Nacional e no Estado do Paraná, a Lei Ordinária 20338, de 6 de outubro de 2020, institui o Programa de Colégios Cívicos Militares no Ensino do Paraná.

escolar possa participar, observar, consultar, comparar e ressignificar os objetos e fotografias expostos no local, conscientizando-se sobre a importância da preservação da memória, da identidade escolar e da valorização dos sujeitos e dos espaços que são silenciados e esquecidos do processo de construção do conhecimento da História “oficial”.

Para apresentar os conceitos, metodologias e as propostas, esta pesquisa está dividida textualmente em três capítulos. Optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, por uma pesquisa documental e bibliográfica. Esta investigação está apoiada nos estudos bibliográficos em Ensino de História, sobretudo em Ensino da História Local e nas discussões sobre Educação patrimonial, patrimônios, identidade e memória.

Primeiramente, busquei por produções teóricas visando sempre a base para aprofundar melhor o conhecimento e a desenvolver as discussões pretendidas neste estudo. Feito isso, com a mesma finalidade de aprofundamento do conhecimento histórico, efetuou-se um levantamento no Banco de Dissertações da Caps e do programa Profhistória com o objetivo de realizar uma consulta por artigos e outras produções com grande relevância para o nosso estudo. No entanto, cabe ressaltar que a metodologia de estudo para esta dissertação constituiu-se também em um estudo de campo, na visitação do local onde se encontra o arquivo escolar e nos corredores do do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion, na tentativa de efetuar uma investigação, seleção e análise dos documentos históricos destes acervos.

Para o contexto da história do Ensino de História, destacamos os estudos dos seguintes teóricos que enriqueceram as discussões: Bittencourt (2008), Nadai (1993), Rocha (2014) e Caimi (2014). Com o objetivo de aprofundar o conhecimento nas ações educacionais propostas pela Educação Patrimonial recorreremos aos seguintes estudiosos como Ferrari (2002), Figueiredo (2002), Florêncio (2014), Horta, Grunberg e Monteiro (1999), Lacerda (2015), Salvadori (2008). Nas discussões sobre os arquivos escolares buscamos pela fundamentação teórica de Bellotto (2006), Fargue (2017) e a contribuição de Feijó (1988).

Nos estudos sobre Memória analisou-se publicações de alguns estudiosos do tema, destacando-se entre eles, Halbwachs (2013), Miranda (2008), Nora (2012) e Pollack (1989), Sendo assim, explorou-se aos trabalhos de outros renomados teóricos para a realização desse estudo, como podemos destacar Agamben (2005), Caimari (2020), Cuesta Fernández (2002), Larrosa (2017), Masschelein e Maarten Simons (2018), Zabala (1998), Le Goff (1992), finalizando com alguns estudiosos que contribuíram com os seus conhecimentos para essa escrita, metodologia, fundamentação e a elaboração de um projeto científico como Ludke e André (1986), Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2003).

Feito isso, optou-se por incluir os relatos e as conversas informais dos amigos, amigas,

e das funcionárias da secretaria do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion como fonte histórica, sendo que as suas contribuições foram engrandecedoras e enriquecedoras para essa dissertação. Assim, esta pesquisa está organizada da seguinte forma:

No capítulo 1 “O Ensino de História no Brasil: Uma trajetória em Disputa”, apresentaremos uma discussão sobre a trajetória do Ensino de História no Brasil, suas transformações e adequações da disciplina nos documentos e currículos escolares. Algumas discussões a respeito do Ensino da História a partir da História Local buscam como estratégia a aproximação da realidade histórica ao contexto dos estudantes. Optamos por esta metodologia por acreditar que o processo histórico da sua localidade seja um assunto mais interessante e significativo, contribuindo com o processo de desenvolvimento do reconhecimento da sua identidade cultural. Ainda neste capítulo, trataremos da Educação Patrimonial como instrumento de sensibilização cultural, valorizando as experiências vividas pelos diferentes sujeitos históricos da localidade e posteriormente apresentamos o conceito da História temática, as discussões dos temas propostos foram fundamentadas teoricamente com alguns autores que contribuíram com os assuntos abordados neste capítulo desta pesquisa.

No capítulo 2 “Corredores como arquivos escolares: uma proposta de Ensino de História Local entre a experiência e a profanação”, pretendemos iniciar uma discussão sobre a valorização e o uso dos arquivos escolares como fonte histórica para o ensino da História Local, propor possibilidades de atividades pedagógicas desenvolvidas com documentos históricos deste espaço escolar, um local visto somente como depósito de documentos úmidos, empoeirados e intocáveis, porém, com grande potencial para a pesquisa histórica, rica fonte de informação, que permanece em locais inapropriados, mal guardados e mal-organizados em caixas esquecidas em um espaço escolar qualquer. No entanto, propomos que estes acervos escolares tornem-se públicos para pesquisas dos estudantes, profanados e “subtraídos ao livre uso” da comunidade escolar.

Neste mesmo capítulo é proposto um novo ambiente como pesquisa histórica e neste caso apresentamos o tema “Viagens ao corredor escolar: ‘diz alguma coisa’”, trataremos do corredor do colégio como um local de memória e de patrimônio escolar, como possibilidade de desenvolver no local ações didáticas de interação com os alunos e alunas da instituição de ensino. Posteriormente, trabalharemos com o tema “A respeito da memória e o uso do acervo dos Corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion para iniciativa educativa” analisando o potencial do corredor como um ambiente de grande importância para a realização de práticas educacionais do ensino de história da localidade, buscando valorizar e preservar a memória e a identidade dos sujeitos locais que muitas vezes foram deixados de fora da História

“oficial”.

O capítulo 3 “Uma proposta de Sequência didática com o corredor do colégio” reflete sobre um guia de orientações para professores e professoras, constando três propostas de sequências didáticas e de cinco atividades educativas inspiradas nas etapas da metodologia da Educação Patrimonial para serem realizadas com o primeiro ano do Ensino Médio do estabelecimento escolar, portanto, explicitamos no capítulo que as atividades apresentadas como sugestões educativas podem ser adaptadas para qualquer turma e instituição que tenha a finalidade de trabalhar com estudantes temas como a História Local, patrimônio e memória escolar, assuntos abordados nesta pesquisa.

Portanto, as propostas de atividades sugeridas nesta dissertação pretendem ser inspiração para que professores e professoras possam desenvolver ações com os acervos produzidos no ambiente escolar, a fim de proporcionar um Ensino de História onde seus alunos e alunas aprendam na prática o ofício do historiador e desenvolvam um conhecimento histórico mais significativo a partir do contato direto com as fontes históricas.

Por fim, nas considerações finais iremos apresentar o caminho percorrido desta pesquisa e o seu desenvolvimento, buscando reflexões a respeito da importância de trabalhar com os patrimônios escolares com a finalidade de despertar o reconhecimento dos estudantes com a sua identidade escolar, assim como, sujeitos históricos do lugar em que vivem.

1. O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA EM DISPUTA

(...) estou convencido de que nosso ofício perde sentido se permanecer fechado em si próprio. A história, ao meu ver, não deve ser principalmente consumida por aqueles que a produzem (...). Mas não tenho ilusões, não atingirei a maior parte do público. Este prefere, e com razão, a fábula ou o inquérito policial, em vez do que eu lhe posso contar. Mesmo assim faço tudo para que a minha voz produza efeito (DUBY, 1989, p.182).

O ensino de História no Brasil vem sendo objeto de estudo dos pesquisadores brasileiros, principalmente, no que se diz respeito as mudanças que ocorreram desde o início de sua trajetória como disciplina escolar até os dias de hoje, com a sua adaptação, permanência, subtração e restrição nos currículos escolares. Portanto, “a História escolar integra um conjunto de disciplinas que foram sendo constituídas como saberes fundamentais no processo de escolarização brasileira e passou por mudanças significativa quanto a métodos, conteúdos e finalidades até chegar à atual configuração nas propostas curriculares” (BITTENCOURT, 2008, p. 33). Assim, percebe-se que se faz necessário relembrar algumas partes do longo caminho percorrido da História como disciplina escolar, como campo de conhecimento e disputas buscando analisar as suas permanência e variações ao longo do seu curso.

No Brasil, o ensino dessa matéria teve início no período colonial, quando os padres jesuítas que aqui estavam para o processo de catequização, utilizavam dos textos históricos bíblicos no processo de alfabetização na colônia. Posteriormente, em 1827, após o Brasil tornar-se Estado independente e monárquico, a escola elementar ou escola primária foi o local destinado a ensinar a ler, escrever e a contar. Desta forma, os professores elementares deveriam utilizar para o ensino da leitura, entre outros textos, a “Constituição do Império e da História do Brasil” (BITTENCOURT, 2004, p.61).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.19), a escola elementar era destinada a passar conhecimento políticos e religiosos à população, a História a ser compreendida era a História Civil articulada com a sagrada, que por sua vez, ensinava a doutrina da religião católica apostólica e romana e os princípios morais cristãos, fornecendo a base para uma formação cristã, enquanto a outra dedicava-se a ensinar os pretextos cívicos com base para o ensino de História, voltada para a formação moral dos estudantes, dando exemplo de grandes homens da história. No período do Império, a História aparecia como disciplina optativa do currículo nos programas das escolas elementares.

A constituição da História como disciplina escolar autônoma no Brasil, iniciou com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, colégio público secundário criado para as elites

pelo governo imperial, em dezembro de 1837. Nesse percurso, a produção historiográfica brasileira inspirou-se nos elementos construtivos da historiografia francesa, portanto, sabe-se que os conteúdos e os métodos do ensino de História passaram por mudanças significativas, adaptando-se a realidade e as necessidades da construção da identidade nacional, porém, sem abrir mão do caráter conservador e nacionalista. Dessa forma, acredita-se que acabou predominando a História Universal e manteve-se a História Sagrada nos currículos. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p.19) “Os conteúdos eram voltados para o ensino clássico e humanístico, destinado à formação de cidadãos proprietários e escravistas”.

Cabe lembrar também a importância do papel dos historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)² sendo que alguns de seus professores faziam parte também do Colégio Dom Pedro II. Seus membros foram responsáveis por construir os programas escolares, criarem os manuais didáticos, pela orientação dos conteúdos a serem ensinados nas escolas públicas e na instituição da História como disciplina acadêmica, assim como na divisão da base da História Nacional em períodos definidos pela ação política do Brasil, períodos esses que tinham como objetivo conteúdos que configurassem a formação da identidade nacional e que desenvolvessem na população o patriotismo. Em alguns estudos, como os promovidos por Abud (2007, p.109), observam-se duas importantes tendências na construção da disciplina histórica uma delas priorizava garantir a importância do passado para a genealogia da nação recém criada; a outra consistia em assegurar um lugar para ela na civilização ocidental cristã. Vale lembrar que a autonomia e a formação da identidade da nova nação não poderiam significar uma ruptura com os nossos colonizadores “cuja a imagem era de civilizadores”, mas sim, buscar destacar cada vez mais a relação da antiga colônia portuguesa com a Europa. A nova nação via-se como continuadora da tarefa civilizatória, antes da sua independência atribuída a antiga metrópole. Assim, acredita-se que o conceito de nação era acima de tudo restringido ao branco e excluía os povos “incivilizados”: negros e indígenas do projeto de nação.

Uma das principais propostas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para a História do Brasil foi o reconhecimento da contribuição do branco, do índio e do negro na constituição do povo brasileiro. Ao mesmo tempo em que valorizava miscigenação racial e a participação das três etnias, defendia a ideia hierarquização e da superioridade branca na formação da história e na cultura do povo brasileiro.

² Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi criado em 21 de Outubro de 1838, com a finalidade de coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil.

Desde o início visualiza-se o predomínio da política do branqueamento³, assim como uma série de medidas políticas racistas criadas e adotadas no Brasil na tentativa da higienização social, moral e cultural como projeto de nação defendido no século XIX. Sendo assim, o objetivo das políticas públicas brasileiras da época era clarear a população, cada vez mais, para progredir. Desta forma, o modelo de sociedade brasileira estava sendo constituído por valores conservadores e aristocráticos. O currículo oficial de História buscava legitimar um processo histórico conduzido por líderes e excluía a ideia de uma nação construída com a participação de pessoas comuns, portanto, afastando a possibilidade de serem vistos como sujeitos históricos. Assim, entende-se que este modelo de ensino de História e a referência Colégio Dom Pedro II na organização educacional brasileira foram mantidos no início da República, em 1889 (Diretrizes, 2008, p.38).

Os métodos e procedimentos aplicados nas aulas de história tinham como base a memorização e a repetição oral dos conteúdos, “ensinar história era transmitir os pontos que estavam nos livros, dentro do programa oficial e aprender História reduziu a memorizar e a repetir as lições recebidas” (PCNs, 1997, p.20). Portanto, sabe-se que a história teve como função pedagógica, o importante papel na formação política da elite brasileira e na construção da “identidade nacional”, objetivos que permearam o ensino de História no Brasil por longos anos. E assim, podemos perceber que ela, quando se constituiu como disciplina escolar, procurava “expressar as ideias de nação e de cidadão embasadas na identidade comum de seus variados grupos étnicos e classes sociais constitutivos da nacionalidade brasileira” (NADAI, 1993, p. 149).

Acreditou-se que o processo histórico da nação brasileira foi conduzida pela ideia de um país que foi constituído com a colaboração dos diferentes grupos sociais que aqui viviam de forma harmoniosa, amigável e sem nenhum conflito, procurava-se manter a ideia de uma nação recém formada e resultado da contribuição das diferentes etnias, dos europeus, dos africanos e dos nativos e portanto, negava-se a ideia de um país colonizado, do dominador branco português, do domínio de uma metrópole e do sistema escravista africano, a essa foi a

³ A teoria científica do branqueamento foi uma das propostas racistas do Brasil no início da República, que tinha como orientação a miscigenação, ou seja, misturar a população negra com a branca, incluindo os imigrantes europeus, geração por geração, até mudar o perfil “racial” do país de negro a branco. A Teoria do Branqueamento seria a solução do problema do Brasil, onde o negro representava o passado e o atraso, no entanto, o branco representava o progresso e o futuro da nova Nação que tinha a Europa como referência.

linha definidora da elaboração dos currículos escolares e os conteúdos históricos foram determinantes para a construção da ideia de nação, de cidadão e de pátria brasileira.

A partir de 1930, durante o governo provisório de Getúlio Vargas, começou a surgir a proposta educacional inspirada no modelo norte americano que pretendia a substituição das disciplinas de História e Geografia por Estudos Sociais. A proposta visava a integração do indivíduo na sociedade brasileira. No decorrer dos anos 1960, o ensino dos Estudos Sociais foi adotado em algumas escolas primárias, denominadas de “experimentais” ou “vocacionais”. Nas primeiras décadas dos anos 1970, durante o governo militar no Brasil, com a Lei nº 5692/71, os Estudos Sociais foram introduzidos em todo o sistema de ensino, o qual, então, passou a chamar “primeiro grau”, estendendo-se para as demais séries do antigo ginásio (BITTENCOURT, 2008). Com a substituição por Estudos Sociais, alguns conteúdos de História foram esvaziados, dando lugar aos temas ideológicos e nacionalistas organizados pelo governo do regime militar iniciado a partir de 1964.

Com o fim da Ditadura Militar no Brasil, houve um crescimento de movimentos pelo retorno da História e Geografia nos currículos escolares da educação básica e pela extinção dos Estudos Sociais. As lutas pela volta do ensino de História foram organizadas por professores da disciplina liderados pela Associação Nacional de Professores de História, a ANPUH. Em 1996, foi aprovada a Lei 9394/96, a nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, que desencadeou a implementação dos PCNs.

De acordo com Germinari e Mello (2018, p. 7-24), no ano de 2017 houve novas mudanças no Ensino de História na Educação brasileira. Durante o Governo Temer, foi instituída uma medida provisória aprovada pelo Congresso Nacional: a Reforma do Ensino Médio e a elaboração da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), medidas autocráticas que ignoraram as discussões e debates que vinham ocorrendo desde primeiro mandato do Governo da presidenta Dilma Rousseff. Sabe-se então que tais medidas representaram um processo de retrocesso educacional forçado e que afetaram diretamente o lugar e o sentido do Ensino de História, visando a restrição ou subtração da História ensinada nas escolas. Neste caso, algumas disciplinas fundamentais, como a História, deixam de ser obrigatórias no currículo do Ensino Médio, sendo ofertadas na área de conhecimento “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” com outras disciplinas. A aprendizagem, competências e as habilidades seriam direcionadas pela BNCC.

Estas propostas foram amplamente contestadas por professores e professoras de História organizados pela ANPUH, porém sem produzir efeito de reversão. Todavia, nos últimos dez anos têm surgido uma variedade de propostas de renomados estudiosos com a finalidade de

proporcionar um ensino de história mais significativo. Assim, se tem pensado em outras possibilidades e novas perspectivas para o ensino de História, mudanças em relação aos métodos e aos conteúdos que necessitam ser reavaliados, onde defende-se a ideia da inclusão de novos olhares que questionam o “código disciplinar” com a qual a disciplina incorporou-se aos currículos escolares no Brasil, assim como a inclusão de novas metodologias que possibilitem um ensino mais inovador que desenvolva hábitos de investigação, de análise, de crítica e de raciocínio lógico, novas abordagens que oportunizem os educandos participarem do seu processo de ensino aprendizagem, discutindo e problematizando.

A formação da História como disciplina escolar teve em sua trajetória como principal objetivo a função social educativa, moralizante e a função de moldar o cidadão brasileiro. A História, muitas vezes, era vista como a disciplina que formava o cidadão para o exercício da cidadania e como ciência a ser ensinada teve como predomínio a ideologia dominante, nacionalista, elitista, religiosa e tradicional, portanto, a objetivo de “formar” o verdadeiro cidadão brasileiro. Com isso, o professor de História deveria motivar seus alunos e alunas utilizando diferentes metodologias, temas e conteúdos que precisam ser relacionados com o presente, principalmente com os aspectos econômicos e sociais, assim como, éticos e método biográfico, ou seja, ressaltando e valorizando a vida de grandes homens considerados os heróis da época e tidos como exemplos de vida a serem seguidos. Desta maneira, a História escolar teve os seus manuais didáticos, discursos, regulamentos, conteúdos e as práticas de educação histórica fundamentadas nos elementos próprios da cultura dominante, valiosos e legítimos do “código disciplinar” da História. Portanto, acredita-se que podemos entender melhor o código disciplinar no dizer de Cuesta Fernández, autor do conceito:

Se puede definir como el conjunto de ideas, valores, suposiciones, reglamentaciones y rutinas prácticas (de carácter expreso o tácito) que a menudo se traducen em discursos legitimadores y em lenguajes públicos sobre el valor educativo de la Historia, y que orientam la práctica profesional de los docentes. Em suma, el elenco, discursos y práctica dominantes em la enseñanza de la historia dentro del marco escolar (FERNANDÉZ, 2002, p.29).

Assim, sabe-se que o código disciplinar da História configura-se como parte integrante da cultura escolar compreendendo uma longa e duradoura tradição social que abrange a formação do conhecimento histórico, o aprender e o ensinar História, assim como as práticas rotineiras do docente em sala de aula, sugerindo, muitas vezes, as regras, normas, valores dominantes e até mesmo os conteúdos. A História como disciplina escolar alimentou-se (e ainda alimenta-se) dos elementos que Cuesta Fernández identifica como distintivos do código

disciplinar: o arcaísmo, o elitismo, o nacionalismo e o memorismo:

En cierto sentido, el código disciplinar de la Historia encierra normas y convenciones socioculturales que designan la legitimidad/ ilegitimidad del saber escolar, a modo de los foucaultianos «regímenes o juegos de verdad». Por poner un ejemplo expresivo de las reglas del conocimiento legítimo de la historia escolar, el arbitrario cultural de la división tripartita o cuatripartita del pasado en edades, «el dogma oficial de la continuidad histórica» (Citron, 1982, 117) y la «concepción evolutiva del pasado» (Fontana, 1982), constituyen, entre otros, ingredientes muy duraderos del código disciplinar de la Historia (FERNANDÉZ, 1997, p. 7).

No entanto, os debates atuais do ensino de História apontam possibilidades de estabelecer disputas em relação aos conteúdos dos currículos escolares e a realidade dos estudantes, o professor e a professoras diante de tal desafio, indo além do tradicional Código Disciplinar que apresenta Cuesta.

Os docentes podem realizar adequações e escolhas pedagógicas com potencialidade educativa que possibilitem os estudantes a refletirem e problematizarem sobre o seu entorno, seu cotidiano e seus espaços, com isso, fazendo florescer e fortalecendo o sentimento de pertencimento com o local onde vivem. Desta forma, acredita-se que os conteúdos das disciplinas escolares, assim como, os de história devem aproximar-se das vivências, do cotidiano e dos saberes dos estudantes, para que a aprendizagem seja mais interessante, reflexiva e participativa pelos alunos e pelas alunas.

Considera-se que para os estudantes a história não tem significado por não articular com as suas experiências. Voltaremos sobre a noção de experiência no segundo capítulo, mas por enquanto digamos segundo Larrosa (p. 18, 2017) “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou o que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. Por esta razão, as aulas de História e as suas abordagens devem tocar nossos estudantes, devem provocar experiências e assim, transformar a sua aprendizagem, tornando-as mais atrativa e estimulando o interesse para conhecimento histórico local. Por esta razão, percebe-se que a História como disciplina escolar relaciona os seus conteúdos com os aspectos sociais e culturais presentes. Neste sentido:

A História Local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência como escola, casa, comunidade, trabalho e lazer, e igualmente por situar os problemas significativos da história no presente (BITTENCOURT, p.168, 2008).

Assim, acredita-se que o ensino da História Local seja uma alternativa de aproximação

da realidade dos estudantes ao conhecimento histórico escolar, proporcionando um ensino além do eurocêntrico, factual, heroico, cronológico, pautado na memorização de conteúdos e na fixação de exercícios dos livros didáticos e desta forma, propiciar aos alunos e alunas um ensino de História Local pautada no uso dos patrimônios históricos escolares, nos lugares e nos sujeitos comuns como fonte de pesquisa e informação.

Portanto, na História Local os estudantes são detentores de conhecimento, podendo compreender as dimensões de espaço, tempo e da sua historicidade, desta forma, acredita-se, que a metodologia é indispensável para o ensino da disciplina por ser um ponto de partida para outras aprendizagens, pela possibilidade de desenvolver reflexões a respeito das experiências vividas pelos alunos, pela valorização das identidades culturais dos sujeitos e pela problematização da sua realidade política, econômica, social e cultural. Sendo assim, percebe-se, que o ensino da História da Localidade representa os sujeitos dos diferentes segmentos sociais, deste modo, o seu estudo permite enxergarmos a história e os saberes de pessoas comuns que convivemos, a nos descobrirmos como sujeitos e produtores da História, que no senso comum não seríamos cogitados nos livros e nos materiais didáticos que continuam eurocêntricos.

1.1 O Ensino de História a partir da História Local

A História como disciplina tradicional, decorativa, factual, cronológica, nacionalista, eurocêntrica e muito distante da realidade do aluno, ainda continua presente nas escolas narrando fatos elitistas de homens de vida e passado distantes do cotidiano e das experiências dos estudantes. Assim, nota-se que a História como disciplina escolar continua eurocêntrica, privilegiando narrativas dos “grandes” homens, das suas ações, seus espaços e seus patrimônios, portanto, ignorando e distanciando-se cada vez mais das vivências dos estudantes e de outros grupos sociais “comuns”.

Percebe-se que a escola apresenta, muitas vezes, um conhecimento pronto, acabado e bem distante dos discentes, sendo assim, a impressão que se tem é que a História é uma disciplina hermética e irrelevante para os jovens. Diante disso, como professora de História da rede básica de ensino do Estado do Paraná, questiono: Como podemos ensinar História de forma ainda mais interessante para os jovens? Quais recursos podemos utilizar em sala de aula para contribuir com uma aprendizagem mais significativas e comprometida com o passado e presente dos estudantes?

As possibilidades de fazer, de pensar e ensinar História são inúmeras e a História

Local é uma das alternativas bem relevantes a ser pensada para as aulas da disciplina: a metodologia é sugerida pela LDB e PCNs de História, destacando a utilização de diferentes e variadas fontes como ferramenta de pesquisa para o conhecimento histórico, principalmente por aproximar o saber escolar aos patrimônios históricos culturais de uma cidade ou região, por fortalecer as particularidades locais e regionais e por abordar questões referentes à importância da preservação, valorização, do uso da história dos sujeitos e espaços comuns da cultura local. A metodologia contempla pesquisa e atividades que valorizam a autonomia de aprender e o desenvolvimento intelectual do discente, proporcionando possíveis reflexões a respeito dos seus valores, do seu cotidiano, da sua cidade, da sua escola, do seu grupo de convívio e do mundo, permitindo a mudança de atitude com as pessoas, com os espaços da cidade, com a escola, com os patrimônios e com a sua história.

O ensino da História Local é a possibilidade de conectar a história de uma localidade à História Regional ou até mesmo à História Nacional ou Global. Portanto, acredita-se que a História Local como metodologia para o ensino de história é essencial para o diálogo entre a realidade histórica e a realidade dos alunos e alunas. Desta forma, nota-se, que abordando assuntos como os acontecimentos, personagens, lugares comuns dos estudantes e sujeitos, muitas vezes, excluídos da História ensinada, o docente estará contribuindo com o fortalecimento do sentimento de pertencimento, importante para a construção da identidade cultural de seus alunos e alunas.

Falando de identidade cultural, não podemos deixar de mencionar a complexidade do conceito polissêmico de identidade, no entanto abordaremos aqui a relação da identidade com a cultura. Para Caimi (2013, p.17) “fala-se, então, identidade cultural para referir o compartilhamento de patrimônios comuns envolvendo um determinado grupo de pessoas, tais como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, dentre outros”. Desta forma, refere-se a cultura todos os elementos materiais e imateriais que despertam o sentimento de pertencimento de um local, de povo ou de um grupo, assim como, o desenvolvimento do processo de construção da identidade local compreende o reconhecimento e a aceitação dos aspectos culturais de uma localidade.

Sabe-se que o ensino da História Local tem a função de apresentar os bens históricos e culturais à sociedade, assim como contar a sua história. Deste modo, busca-se nesta pesquisa provocar reflexões sobre a importância do ensino da História Local para um conhecimento histórico mais dinâmico, atrativo e significativo para os discentes. No entanto, entende-se que a cidade histórica de Antonina com mais de trezentos anos de História e rica em patrimônios históricos e culturais ainda não possui nenhum projeto de Ensino da História Local

desenvolvido com as crianças e adolescentes do ensino básico, principalmente com os estudantes do Ensino Médio ou até mesmo com a população, no sentido de possibilitar aos capelistas um trabalho com a realidade mais próxima dos sujeitos da localidade, estabelecendo um relação de aprendizagem entre professores, professoras, alunos, alunas, patrimônios e cidade.

Assim, acredita-se que mesmo que as legislações sugiram o trabalho com a História Local, na prática e na maioria das vezes, não acontece. Muitos docentes não abordam a metodologia em suas aulas e acredita-se que a razão para tal é que na maior parte dos casos, por falta de preparo dos próprios professores e professoras, ou pela falta de material didático disponíveis nas escolas públicas, o ensino não seja direcionado para História Local, mas sim, para um ensino de História universal.

Portanto, trabalhar com o ensino da História Local tornou-se um grande desafio e requer muito trabalho por parte do docente, realizando pesquisas em documentos, em museus, arquivos e em outros espaços de pesquisa. Vale lembrar que esta especialidade do campo da História é recente – deu-se a partir dos anos 1980, quando novos temas, novas metodologias e novas ferramentas começam a ser pensadas para o Ensino de História, buscando romper com elementos tradicionais do código disciplinar apresentado por Cuesta Fernández, de uma História tradicional, objetiva, nacionalista e eurocêntrica.

A partir dos anos 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem novas abordagens para o Ensino de História: metodologias, temáticas e seleção de conteúdos que possibilitem aos estudantes a fazer reflexão sobre o seu cotidiano, percebendo que os espaços em seu entorno são lugares de História, assim como as pessoas comuns “gente como a gente” também são sujeitos históricos que possuem histórias dignas de serem contadas, portanto, busca-se com esta metodologia dar vozes a esses sujeitos que sempre foram excluídos dos conteúdos e dos livros didáticos, ou seja, fora do conhecimento histórico escolar.

Desta forma, na História Local o discente é possuidor de conhecimentos prévios: ele se reconhece nos espaços, nos acontecimentos, nas histórias e nas localidades, assim como os problemas sociais e as manifestações culturais da sua cidade são acontecimentos que ele presenciou ou que fazem parte do seu cotidiano. Nesse sentido, a História Local identifica um passado sempre presente nos espaços de vivência dos estudantes, seja ela nas ruas, nas praças, nos prédios, na comunidade, no bairro, na família e na própria escola. Portanto, utilizar e problematizar em sala de aula a história que contempla não somente o indivíduo, mas sim, a coletividade, é aproximar o ensino de História ao cotidiano dos estudantes, das suas memórias vividas ou de suas memórias perdidas, ou seja, dos seus lugares de memória e desta forma

reconhecer como ocorreu todo o processo de construção da identidade cultural do indivíduo ou do grupo a qual pertence, chamando a atenção dos dicentes para a importância não somente da preservação, da valorização ou do cuidado com esses espaços de memória e de seus patrimônios históricos, como também de propiciar aos dicentes a capacidade de poder problematizá-los. Para enfatizar a ideia de lugares de memória, Pollak cita Nora:

O patrimônio arquitetônico e o seu estilo que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (NORA, 1985, apud POLLAK, 1989, p.03).

Embora Nora não tenha mencionado, podemos compreender a escola como lugar de memória, por acreditar que o ambiente escolar, assim como os seus patrimônios e seus espaços, podem ser compreendidos como lugares de memórias, por suas representações funcionais e simbólicas, por sua importância, tradições, regras e costumes, assim como, pelas experiências e memórias vividas e compartilhadas pela comunidade escolar.

Assim, utilizando dos diferentes lugares de memórias e das diferentes fontes históricas, o professor tenta despertar o interesse dos alunos e alunas para o conhecimento histórico e valoriza os seus espaços, sua história e sua cultura. Atualmente, diversos estudiosos defendem que a História se aprende também fora da escola e que o professor pode utilizar de outros locais para ensinar como os museus, os arquivos e até mesmo outros espaços da cidade, como por exemplo na História Local.

De acordo com Bittencourt (2008, p. 169) “além da memória ser expressada pela escrita ou pela oralidade, há ainda ‘os lugares da memória’, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos e particulares, mas preservados como patrimônio histórico”. Os vestígios do passado são fontes possíveis de estudos. Ensinar e aprender história a partir da história das localidades é utilizar de outros lugares de saberes além do espaço escolar, fazer passeios pelas ruas da cidade, visitar os monumentos, os museus e os arquivos escolares e municipais é, ao mesmo tempo, ensinar história e compartilhar novas descobertas com os estudantes, é desenvolver o raciocínio e o hábito de investigação. Portanto, ensinar história além da sala de aula é dar significância a outros espaços de convivência dos estudantes, é perceber que esses locais também são lugares de História, possíveis de ensinar e aprender, sem desconsiderar a importância do espaço escolar.

Neste sentido, afirma Caimi (2014, p. 168), “sem desconsiderar o papel da história escolar, também reconhecemos que se aprende história fora da escola, com as séries televisivas,

com os filmes, com os monumentos e arquitetura urbana, com os arquivos e museus, entre tantos outros objetos e fenômenos disponíveis da sociedade”. Assim, para ensinar história é importante que o professor utilize diversos recursos e diferentes metodologias para conectar os jovens ao conhecimento histórico. Para Caimi (2014, p. 165) “vivemos em um tempo e em uma sociedade em que a demanda por aprender é constante e diversa, requerendo formas de aprender distintas das que tradicionalmente conhecemos”. Portanto, um dos grandes desafios é compreender que a maioria dos jovens vivem em um mundo conectado e o docente pode utilizar dessas mudanças e desenvolver uma aula mais interessante, mais dinâmica para os seus educandos, diminuindo a visão de um ensino de história tradicional baseado no processo de memorização e com o uso restrito de fontes.

Desta forma, desde a influência do movimento da Escola Nova na educação brasileira, muitos estudiosos defendem o uso de novas fontes que permitam aos estudantes uma melhor compreensão do processo de construção do conhecimento histórico, tarefa própria do ofício do historiador. Assim, desenvolver práticas que utilizem das diversas fontes, principalmente com o uso dos patrimônios históricos e culturais no processo de ensino e aprendizagem, é imprescindível para a sua conexão com os diferentes espaços e tempos e, desta forma, estabelecer uma relação com situações concretas e mais próximas de sua realidade. Portanto, acredita-se que as fontes históricas são facilitadores para a compreensão dos acontecimentos históricos vividos pelos diferentes sujeitos históricos citados, ou não, pela história “oficial”. Assim, destacado pela pesquisadora inglesa Hilary Cooper:

Fontes foram criadas com propósitos diferentes e, portanto, possuem diferentes níveis de validade; frequentemente são incompletas. Por isso, os historiadores fazem inferências sobre as fontes, no sentido de saber como foram feitas, usadas e o que podem ter significado para as pessoas que as produziram e as utilizaram (COOPER, 2006, p. 175).

Então, para que os educandos percebam as semelhanças e as diferenças, as mudanças e as permanências, e compreendam o processo histórico de sua localidade, o docente pode utilizar dos diferentes recursos pedagógicos nas suas aulas de História Local. Uma fotografia, uma pintura, um depoimento, um passeio pela cidade, visitação aos monumentos históricos, aos museus, aos arquivos ou até mesmo um passeio pelos corredores da própria escola, no caso, do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion onde está sendo realizada esta pesquisa, tem em seus corredores e em suas salas, ambientes repletos de fotografias e objetos antigos que carregam testemunhos silenciosos que contam as histórias dos alunos e alunas, das festas, das reuniões escolares, ou seja, do cotidiano da escola.

Desta forma, percebe-se que para os professores e professoras desenvolverem uma aula de história diferenciada e sair das aulas e de conteúdos tradicionais e eurocêntricos, pode-se utilizar dos espaços da própria escola, desenvolvendo ações e práticas de pesquisa que insira as ferramentas de ensino disponíveis na escola, como os documentos e objetos do arquivo escolar ou um depoimento de pessoas da comunidade, podendo conectar esses objetos da escola às suas narrativas, ou seja, contar as histórias neles contidas. Nesse sentido, o docente busca o diálogo entre a escola, o estudante e o ensino de história. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 89) “Além de gratificante, é altamente instrutivo para professor e alunos o trabalho que envolva saídas da sala de aula ou mesmo da escola para visitar um museu, ir a uma exposição de fotografias ou de obras de arte, conhecer um sítio arqueológico etc.”. Destarte que a simples saída da sala de aula e a utilização de outros recursos didáticos disponíveis na escola representam um momento lúdico, fornecendo oportunidades especiais ao colocar o aluno em situações diferentes, em aulas e atividades diversificadas, bem como o acesso a outros tipos de informações do conhecimento humano, portanto, situações que estimulem a participação e o envolvimento dos estudantes nas discussões.

Assim, busca-se proporcionar o contato dos estudantes com diferentes fontes históricas, oportunizando os discentes a construírem a sua própria observação e apropriação, criando situações de reflexões sobre a importância do reconhecimento, da preservação e divulgação desses patrimônios históricos e culturais. Ensinar história a partir dos bens locais é reconhecê-los como elementos que conectam os estudantes às suas narrativas, assim, a educação patrimonial é fundamental para essa relação entre a História Local e seus patrimônios, e nesse sentido, sente-se a necessidade da escola abordar assuntos referentes a importância da preservação da história e da memória de uma sociedade.

1.2 A Educação Patrimonial como Instrumento de Alfabetização Cultural

Terão os estudantes superado a ideia de História como é ensinada é realmente odiosa, e os professores partido para a organização de outras práticas pedagógicas mais significativas? (NADAI, 1993, p.143)

A Educação Patrimonial vem sendo muito valorizada e discutida no ambiente escolar, principalmente no Ensino de História, por auxiliar alunos e alunas no processo de conhecimento histórico e patrimonial, assim como incluí-los na realidade sociocultural em que estão inseridos, adotando modelos pedagógicas que valorizam as experiências sociais vividas pelos sujeitos, modelos nos quais se reconheçam enquanto participantes do processo de ensino aprendizagem.

Desta forma, conhecer seus patrimônios é reconhecer, preservar e valorizar a sua própria história e a sua identidade cultural, portanto, a Educação Patrimonial passa a ser indispensável para todo esse processo educacional, buscando levar os estudantes de todas as idades a envolver-se com a causa patrimonial e ao desenvolvimento de legitimação e apropriação de sua herança cultural, assim, busca-se com a Educação patrimonial capacitar os estudantes para conhecer melhor e usufruir desses bens, propiciando um conhecimento num processo contínuo.

Portanto, educadores e educadoras exercem uma função fundamental neste processo: buscar experiências individuais e coletivas nos espaços escolares e relacioná-las com o Ensino da História. Sendo assim, acredita-se que a participação e a apropriação da comunidade são indispensáveis para o desenvolvimento e o fortalecimento da identidade e cidadania. A Educação Patrimonial pode desenvolver uma metodologia nas aulas da disciplina que possibilita experiências com o contato direto com os patrimônios, permitindo a construção do ensino aprendizagem através do contato, do manuseio, analisando e interpretando esses bens, assim, o Ensino de História torna-se mais dinâmico e atrativo para os jovens.

Percebe-se que a educação básica vem buscando novas alternativas para o ensino de História, oferecendo o diálogo com outros locais culturais como museus, arquivos e outros espaços da cidade, assim como, a introdução de novas linguagens e outras ferramentas para a aquisição do conhecimento histórico. Desta forma, acredita-se que a Educação Patrimonial é um instrumento que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

Segundo Salvadori (2008, p.36), a Educação Patrimonial torna-se inevitável e necessária por tratar de proporcionar informações que permitam “aos alunos, perceberem a importância do passado na formação de sua identidade individual e coletiva e na realidade em que estão inseridos”, criando meios para a formação de uma consciência crítica em relação a conservação e preservação dos diferentes patrimônios reconhecidos ou não pela história local oficial.

Atualmente temos ouvido e lido muito sobre temas relacionados ao patrimônio histórico-cultural. Na maioria das vezes, a respeito do processo de tombamentos de casas, prédios, edifícios ou de outros espaços na cidade. Portanto, muitas vezes, o processo de tombamento, a conservação e a restauração de um bem, não garantem seu reconhecimento como fonte de pesquisa e de informação histórica.

No caso da cidade de Antonina, o município, sua história e os seus patrimônios naturais e arquitetônico são tombados e reconhecidos pelo IPHAN desde do ano de 2012, no entanto, o tombamento não garantiu que a situação de abandono, descuido e de

desconhecimento da sua história e seus patrimônios diminuíssem. A falta de comprometimento e de consciência da população e dos órgãos públicos pela história e pelos bens da cidade é lamentável. É nítido que o caso da cidade de Antonina não é uma situação isolada e infelizmente, episódios desta proporção estão sendo cada vez mais frequente em nosso país, cenário que se agravou ainda mais durante o desleixo e o descomprometimento com a História e com os patrimônios culturais do governo Bolsonaro (2019-2022).

Desta forma, percebe-se a necessidade de outras formas de atuação como a Educação Patrimonial no ambiente escolar e o papel da escola no processo de conscientização da preservação e da valorização desses bens é fundamental. Desse modo, acredita-se que o Ensino da História Local e a escola interagem com os outros espaços da cidade e a realidade social dos seus estudantes, sendo a educação patrimonial uma estratégia pedagógica nas instituições de ensino para atuar de forma mais interessante nas aulas de História, com o propósito de sensibilizar alunos e alunas para a importância destes bens culturais na construção do conhecimento histórico.

Portanto, o docente pode realizar atividades, passeios, visitas e outras ações em diferentes espaços utilizando os patrimônios históricos e culturais da sua cidade e principalmente da sua escola como prática de ensino para o conhecimento da História Local, despertando os seus estudantes para a importância da preservação e valorização desses locais de produção de conhecimento histórico, proporcionando também uma prática pedagógica mais participativa e mais interessante. Segundo Ferrari (2002, p.108) “a expressão educação patrimonial, tradução de *Heritage education* (Inglaterra), foi introduzida no Brasil na década de 1980, no 1º Seminário de Educação Patrimonial, no Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro”. Assim, destaca-se que a Educação Patrimonial é um trabalho centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo, sendo sua função a de educar indivíduos de qualquer idade para a importância de reconhecer e preservar um patrimônio de uma sociedade. Portanto, a Educação Patrimonial nos mostra a potencialidade educativa do uso dessas fontes para ensinar e aprender história, assim, acredita-se que a escola é o lugar que sensibiliza culturalmente o indivíduo, ou seja, a instituição escolar é o local que tem o poder de afirmação da importância de alguns patrimônios para a história e a cultura local, ou regional ou até mesmo nacional e desta forma, chamar a atenção dos alunos e alunas para a importância do reconhecimento desses patrimônios.

Podemos afirmar então que a Educação Patrimonial é essencial para entender o universo sociocultural em que o indivíduo está inserido, passando a ser fundamental para a construção da sua identidade cultural. Entrando em contato com o patrimônio, o sujeito passa

a criar vínculo com o mesmo e juntamente com o ensino, ressignificando a sua importância na construção da consciência histórica de um indivíduo ou de uma coletividade.

Destarte, a prática da educação patrimonial é fundamental para o processo de saber, conhecer, interagir em diversos espaços de saberes e diferentes níveis de experimentação, tanto na escola como em outros lugares. Assim, citado por Floerêncio:

É preciso considerar o patrimônio cultural como tema transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial ao processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos (Florêncio et al, 2014, p. 27).

A ideia do papel da Educação Patrimonial nas escolas é de sensibilizar os estudantes e a comunidade escolar para a importância do reconhecimento desses bens patrimoniais para uma formação histórica crítica, problematizadora e mais participativa dos estudantes com as questões sociais de sua realidade, proporcionando a conscientização da valorização da identidade cultural de uma localidade, de um povo, de um indivíduo ou de uma sociedade. Significa despertar interesse da comunidade para a preservação desses locais, ou de outros espaços de registros do passado não reconhecidos pela história escolar. Enfatizado por Almir Oliveira (2019):

O Guia da Educação Patrimonial, publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) informa-nos, que por meio de práticas de atividades de Educação Patrimonial, o patrimônio cultural pode e deve ser utilizado por todos da nossa sociedade como fonte histórica, tanto para conhecimento individual ou coletivo sobre o passado, cultura e tradições, capacitando-nos para usufruir e valorizar a nossa herança cultural, incorporando-os ao nosso cotidiano e na nossa vida no dia a dia (ALMIR, 2019, p. 98).

Mas, afinal, o que é um patrimônio histórico-cultural? Entendemos por patrimônio histórico-cultural tudo aquilo que é produzido pela humanidade, podendo ser tocáveis e não tocáveis, consagrados e não consagrados de valor cultural, artístico, ambiental, afetivo, científico ou em geral, portanto, deve ser preservado por representar um bem para a comunidade ou para a humanidade, para que esse bem seja conhecido por gerações futuras. Betânia Gonçalves Figueredo (2002) define o patrimônio:

Mas, quando nos referimos ao patrimônio histórico-cultural, não podemos nos deter apenas nos monumentos ou no inventário dos bens móveis e imóveis de um determinado espaço. O patrimônio histórico-cultural refere-se à passagem do homem pelo mundo sua forma de produzir, de se relacionar, de construir e destruir, de interpretar o que está à sua volta (FIGUEREDO, 2002, p. 56).

Portanto, não podemos deixar de mencionar a relação afetiva entre a população e os

espaços da cidade, colocando em destaque que a cultura e a história são construídas por sujeitos comuns em seus espaços de vivências, do seu cotidiano e da sua realidade. Desta forma, levar para a sala de aula a Educação Patrimonial e realizar algumas ações que envolvam a observação, a descrição, a exploração e a apropriação do objeto, é fundamental para sensibilizar os nossos estudantes para preservação e uso dos patrimônios, despertando a comunidade escolar da importância de conhecer, de valorizar e preservar a sua identidade cultural.

O tema Patrimônio Histórico cultural vem sendo muito discutido em relação ao seu uso como ferramenta pedagógica para o ensino aprendizagem nas aulas de História, temas que já podem ser encontrados nas habilidades propostas pelas Diretrizes do Ensino Médio, como podemos verificar:

(EM13CHS104)⁴ Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço (BNCC, 2018, p.560).

Desta forma, percebe-se a importância dos assuntos relacionados ao patrimônio histórico-cultural para as aulas de História com o objetivo de sensibilizar os professores e professoras para a possibilidade de desenvolver atividades e ações com as diferentes fontes e outros espaços da cidade. Assim, quando se refere aos patrimônios, deve-se lembrar que se faz referência não somente aos prédios, às praças, às igrejas, às ruas e aos objetos, mas sim, a outras formas de manifestações existentes como as festas, as músicas, as danças, as orações e aos rituais que devem ser utilizados como instrumento de conhecimento histórico. Com isso, sabe-se que patrimônios não são somente aqueles bens que fazem parte do chamado “Centro Histórico”, que são tombados e que privilegiam a história das ações dos grandes homens dominadores, mas sim, aqueles que podemos encontrar nas escolas, nas ruas, nos bairros e que fazem parte do nosso cotidiano, que retratam a história de pessoas comuns, de sujeitos históricos de diferentes classes sociais que muitas vezes são esquecidas pela própria história e por isso, devem ser reconhecidas e preservadas. O autor Mattozzi (2008) constata patrimônio e bens culturais como marcas que:

[...] nos processos de produção dos conhecimentos sobre o passado, assumem um

⁴Cada objetivo de aprendizagem e desenvolvimento é identificado por um código alfanumérico na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). O primeiro par de letras indicam a etapa da educação básica, o primeiro par de números indicam a habilidade descrita que pode ser desenvolvida em qualquer série do Ensino médio, conforme definição dos currículos, a segunda sequência de letras indica a área ou o componente curricular e os números finais indicam a competência específica à qual se relaciona a habilidade e a sua numeração no conjunto de habilidades relativas a cada competência.

valor cognitivo de instrumentos de informação ou, então, valor estético, afetivo ou mesmo simbólico, ou os quatro valores juntos: por isso, se tornam bens culturais, objeto de atenção, de estudos, cuidado, proteção, manutenção e de restaurações pelas instituições e administrações públicas ou privadas (MATTOZZI, 2008, p. 136).

Portanto, professores e professoras podem desenvolver estratégias de pesquisa utilizando as diferentes ferramentas de ensino, assim como os patrimônios que fazem parte da sua comunidade e da sociedade em que vivem tendendo a valorização e a identificação dos alunos e da escola com esses bens históricos culturais da cidade. No dia a dia dos docentes existem várias formas de planejar a sua aula e deixá-la mais atraente e participativa, desde o uso de jogos em sala de aula, uma leitura de texto, interpretação de canção, um documentário, uma pesquisa no laboratório, uma entrevista com uma pessoa da comunidade, uma interpretação de pintura, desenhos, uma exposição de fotografias ou até mesmo um passeio pelos espaços da escola a fim de identificar os patrimônios escolares. O ponto aqui em questão é selecionar, saber e pensar quais os conteúdos, temas e métodos de ensino de História devem ser incorporados nas aulas de cada turma durante o ano letivo. É refletir e ao mesmo tempo questionar o que e como deve ser ensinado História para que a sua relação com os estudantes deixe de ser uma relação odiosa (ver citação inicial de Nadai).

Diante de uma complexidade de temas interessantes e importantes para o conhecimento histórico, é necessário durante o ano letivo saber articular os conteúdos e temas adequados para cada nível escolar. Desta maneira, muitas vezes, é possível saber o que selecionar para ensinar em História? O que realmente é importante para os estudantes? Como selecionar os conteúdos de cada série? O que e para quem ensinar? Perguntas estas que muitas vezes são discutidas entre os professores de História da educação básica quando estão escolhendo os livros didáticos que irão utilizar por três anos nas escolas que lecionam ou, simplesmente, quando estão construindo os seus planejamentos escolares. Muitas vezes, dúvidas como estas também estão presentes na hora de decidir sobre o que escrever em uma monografia, dissertação ou simplesmente em um texto acadêmico, com tanta diversidade de temas na História, difícil é escolher por um assunto para ser o ponto de partida com inúmeras possibilidades no que se refere a uma temática no ensino de História. Mas afinal, o que seria História temática?

Segundo Rocha (2019, p. 137) “história temática é a organização e a seleção curricular no ensino de história que coloca no tema a potencialidade de sua problematização histórica e contemporânea”, ou seja, é a organização ou a seleção da História por temas articulados com os conteúdos e conceitos. Sabe-se que História temática envolve a distinção dos temas ou eixos temáticos que são escolhidos conforme alguns critérios pedagógicos como idade, nível escolar,

série, assim como, a sua significação e sua abrangência. Como vimos anteriormente, os anos 80 do século passado foram marcados por algumas discussões e propostas de mudanças pautadas na crítica do modelo tradicional, cronológico e etnocêntrico de ensino, principalmente com a divisão quadripartite da História, assim como, as possíveis revisões na legislação do Ensino de História. Acredita-se que a História temática no Brasil buscou entender a importância de levar em consideração o cotidiano dos alunos na escolha do tema, conteúdos e métodos do ensino de História. Por esta razão, começaram a surgir recomendações apresentando algumas produções que buscavam valorização dos aspectos culturais e sociais do dia a dia. Desta forma, nota-se que a História temática no país buscou referências teórica-metodológicas da Nova História francesa, dialogando com a vertente britânica do marxismo:

A reorganização da História a ser ensinada, pelo menos nos documentos curriculares oficiais, passou a ser regulada por outros parâmetros e a se fundamentar em conceitos e categorias explicativas, que até então não tinham sido considerados para o conhecimento escolar, como o cotidiano (ABUD, 2005, p.30).

Surgem então, algumas sugestões de propostas de tematização dos conteúdos dos currículos escolares com a justificativa de superar o modelo de organização cronológica e factual de ensino de História. A partir dos anos 90, aparecem alguns debates entre os professores de História, de academia e associações como a ANPUH. Discussões a respeito de novos temas ainda mais contemporâneos para o ensino de História começaram aparecer como sugestões a serem incorporados aos currículos, assim como, novas historiografias mais apropriadas aos novos temas foram indicadas. A História por eixos temáticos como proposta de organização curriculares está citada nas atuais Diretrizes Curriculares de História do Estado do Paraná como modelo mais apropriado a ser ensinado, diante da impossibilidade de se estudar toda a História da humanidade. A sugestão da separação dos conteúdos da História por temas é fundamentada na possibilidade de promover aos alunos o desenvolvimento da habilidade de pensar historicamente.

Sendo assim, sabe-se que os eixos temáticos não podem servir somente para delimitar um assunto histórico, mas sim, para relacionar a outros temas, utilizando de diversas metodologias no processo de aprendizagem, desse modo, rompendo com um ensino de História pautado na repetição, memorização de conteúdos e uso limitado de fontes históricas.

Assim, acredita-se que a organização da História em temas tenha uma abordagem que proporciona os estudantes desenvolverem um conhecimento mais significativo. Sua metodologia dá a possibilidade dos discentes de aprender, classificar, analisar e formular

hipóteses com o uso das diferentes fontes de pesquisa, portanto, os alunos desenvolvem o hábito de elaborar reflexões estabelecendo um conhecimento histórico em que eles consigam analisar as rupturas, as permanências, as diferenças e as semelhanças no processo histórico. Com isto, acredita-se que o ensino de História realmente faz sentido para os alunos, estabelecendo relação dos diferentes tempos e espaços históricos.

Por esta razão, sabe-se que muitos pesquisadores apontam a História Temática como uma possibilidade de rompimento com o ensino de História tradicional baseada na linearidade e na memorização, por estabelecer recortes temáticos, espacial e temporal, por problematizar os temas, relacionar com os aspectos sociais e culturais, deixando-os mais próximos das experiências, do cotidiano e da realidade dos alunos e por estabelecer a relação entre o passado e o presente.

2. OS CORREDORES COMO ARQUIVOS ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ENTRE A EXPERIÊNCIA E A PROFANAÇÃO

Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome (FARGE, 2009, p.15).

Segundo a primeira definição encontrada no Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ (1997) arquivo é um “conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa e família, no desempenho de suas atividades independente da natureza do suporte documentos”. Já na segunda definição, podemos dizer que arquivo é “instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e os documentos arquivísticos”. Nesse sentido, uns dos objetivos desta pesquisa não é apenas o de preservar esses locais, mas, o de provocar algumas reflexões a respeito da importância desses lugares para a pesquisa ou para outras práticas pedagógicas, assim, criando conexões e valores para esses espaços de memória e de fontes de informação.

Desta forma, acredita-se que os arquivos escolares surgem como uma proposta de um novo recurso de pesquisa que podem ser utilizados nas aulas de História Local em conjunto com os alunos. São fontes de grande potencial científico, informativo e que possibilitam a transmissão de saberes mais interessantes e acessíveis aos estudantes. Para Magalhães (1998, p.61), “o arquivo escolar é como fonte essencial, uma vez que a trajetória da instituição é construída da(s) memória (s) para o arquivo e do arquivo para a memória”. Assim, as escolas fazem parte da História da sociedade e produzem uma infinidade de documentos como vários tipos de atas, livros de registros, cadernos antigos, ofícios, convocações, projetos político-pedagógicos, dentre outros documentos que podem ser utilizados para a construção da memória local.

Trabalhar com os educandos utilizando os arquivos escolares é despertá-los para a construção do conhecimento histórico com diversos tipos de fontes e permitir reflexões a respeito da importância da preservação desses locais de memória, que, muitas vezes e por diferentes motivos, não recebem o tratamento adequado.

Utilizar dessas diversas fontes documentais como ferramenta pedagógica para ao ensino da História Local é perceber o grande potencial educativo e metodológico dos arquivos escolares, onde docentes e discentes, juntos, podem pesquisar, reunir e organizar registros para a construção de um arquivo histórico escolar físico e disponibilizá-lo para quem tiver interesse de estudos e pesquisas, tanto para o público atual, quanto para futuras gerações. A construção

da História Local a partir de documentos investigados no arquivo escolar é a valorização da narrativa dos sujeitos e da sua localidade.

O filósofo espanhol Santiago Alba Rico nos faz pensar como nossa relação com as coisas do mundo acontece de três formas possíveis. Inicialmente, as coisas são para comê-las, para devorar, para consumir e o vínculo se estabelece através da fome; um segundo tipo de relação está dado pelo uso das coisas como instrumentos que possuem uma duração maior (fungíveis). E, por último, temos as coisas para admirar, para se maravilhar, para estudar, para se responsabilizar, para cuidar. Não são para comer, nem para usar, mas para nos relacionarmos por meio do pensamento, da palavra, do juízo e da preservação. Neste trabalho pretendo pensar sobre o arquivo escolar não como um lugar de uso predominantemente administrativo, nem como um lugar com papéis úmidos que acumulam poeira, mas como um espaço de encontro público colocando em prática ações de construção, preservação e divulgação da memória escolar.

A proposta consiste em prestar atenção e refletir sobre o papel do historiador público na construção, nos cuidados e principalmente na importância da dimensão pública do arquivo escolar promovendo um espaço de interação entre pesquisadores, escola e comunidade. Em tempos de inovação e de “future-se”, parar para pensar desde a história pública o arquivo escolar permite enxergá-lo não como um lugar politicamente inerte e de construção técnica, mas como uma “trincheira de combate” de memórias, outorgando-lhe uma potência política que vai muito além de ser um mero depósito de papéis (CAIMARI, 2020, p. 225). As disputas situam-se no campo das memórias e principalmente de dar valor às memórias consideradas periféricas ou menores e, ao mesmo tempo, comunicá-las no sentido de colocá-las no mundo: em comum. Voltando sobre as três formas de relacionar-se com as coisas que apresenta Santiago Alba Rico, neste trabalho pretende-se uma aproximação ao arquivo escolar, não com um olhar extrativista nem uma visão de uso administrativo/burocrático que acabam invisibilizando memórias comunitárias ofuscadas pelo uso institucional formal. Assim, pretende-se pensar o arquivo escolar como problema:

Não podemos contemplar o dedal enquanto costuramos, não podemos pintar as nossas botas enquanto subimos uma montanha, não podemos admirar o martelo enquanto pregamos pregos. Poderíamos dizer que as coisas de usar somente voltam o mundo, à cultura, à presença, quando se tornam anacrônicas (quando, distantes do Tempo em que eram usadas, museificam-se) ou quando se quebram (no momento em que deixaram de estar embebidas de sua função, quando se fazem inúteis e deixam de servir), ou seja, quando se suspende ou se interrompe o seu uso, ou quando se colocam à distância e se tornam interessantes em si mesmas (LARROSA, 2021, p. 85-86).

Nesta visão a principal característica de um arquivo escolar não está determinado pelo consumir nem pelo usar, mas na possibilidade de colocar acima da mesa coisas que se transformam em maravilhas, em matérias de estudo para serem cuidadas e para prestar atenção em coisas interessantes por si mesmas apresentadas de forma pública. Este gesto em relação a um arquivo relaciona-se com a operação de profanar, no sentido que lhe outorga Agamben (2005, p. 59) sendo aquilo “que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens”, onde tudo deve perder sua aura de intocável, de sacralidade. Atribuindo uma perspectiva educacional a esta noção de profanação, os filósofos belgas Jan Masschelein e Maarten Simons (2018, p. 42) consideram que a escola é um lugar e um tempo para a “profanação” representado pelo “confronto com as coisas públicas disponibilizadas para uso livre e novo”. Profanar é “colocar algo sobre a mesa” como um objeto de estudo, transformando algo em matéria de estudo, que exige “nossa atenção, que nos convida a explorá-lo e engajá-lo, independentemente de como ele possa ser colocado em uso” (Masschelein; Simons, 2018, p. 42). No sentido escolar e da pesquisa, a profanação está vinculada com o lúdico, transformando alguma coisa em jogo para “seu uso livre e novo”, sendo as coisas profanas desligadas do seu uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significativo específico, e, portanto, algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re)apropriação de significado. É algo, nesse sentido geral (não religioso), que foi corrompido ou expropriado: em outras palavras, algo que se tornou público (Masschelein; Simons, 2018, p. 39).

O arquivo como “trincheira do combate” da memória e do público se posiciona na contramão da lógica dos romanos na destruição de Cartago e de seus “seguidores” contemporâneos representados pela: (1) linguagem empresarial da inovação que tem invadido o campo educacional com esse “futuro (que) viene hacia nosotros... El futuro es algo que nos ha pasado, que nos pasa por encima...” (Alba Rico, 2004, p. 22). (2) a lógica perversa de evacuar, jogar, depositar nossas experiências “en esa forma paradójica de memoria que se llama ‘archivo’. Literalmente la ‘archivamos’, con medios sin precedentes de registro y conservación, y la vamos dejando así en manos ajenas. Los otros... conservan el recuerdo de lo que no vivimos”. Na oposição a essas lógicas do culto da inovação e do arquivo como mero depósito morto, propomos olhar e realizar exercícios de problematização dos arquivos escolares por representarem um cantinho público nas escolas e nas cidades sem estar regulado nem “pela fome, nem pelo uso, e no qual os cidadãos estão não como consumidores ou como usuários, mas como homens livres e iguais que olham, julgam, pensam e falam”. Neste sentido, os corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion e seu acervo chamaram a nossa

atenção desde o primeiro momento da nossa visita ao estabelecimento de ensino, quando pudemos perceber o grande potencial deste espaço para as aulas de História. Assim imaginamos a relevância em realizar atividades em que os alunos pudessem ter o contato direto com as fontes históricas, explorando, analisando e pesquisando os patrimônios escolares expostos no local. Admiração esta que apresento no relato (ver Apêndice) que elaborei sobre as visitas, as conversas e impressões que tive durante a visita no Colégio.

2.1 Viagens ao corredor escolar: “diz alguma coisa”

Os arquivos escolares que guardam a memória da escola não podem ser reduzidos as velhas pastas escondidas nas secretarias, nem muito menos nos documentos oficiais burocraticamente digitalizados. Pensando o patrimônio, a História Local e os arquivos escolares, a proposta de trabalho é instaurar novas possibilidades de habitar os próprios espaços existentes na escola considerando-os espaços atravessados “por tempos diferentes, justapostos, que aparecem na forma de seus edifícios, no estilo de seu mobiliário e em toda sua configuração” (França, 1994, p. 13). Concretamente propor exercícios nos corredores escolares para transformar a atividade cotidiana de “passar” por eles de forma mecânica em possibilidades de interação com o patrimônio e a memória, habitando a escola como um **espaço de experiência**.

Considerando o próprio prédio escolar como um ‘arquivo’ que concentra experiências que vão desde o tátil ao olfativo em mensagens estéticas e mnemotécnicas, cada foto, quadro, nicho, canto, móvel, objeto está associado ao espaço “onde está”: “a arquitetura é uma das funções da sociedade... ela possui uma virtude pedagógica e social” (França, 1994, p. 33). Os seres humanos como “*animal symbolicum*” (França, 1994, p. 43) geram que diferentes culturas dispõem diversamente do espaço. No caso da “cultura escolar”, remete a um espaço-tempo onde “os atos aparentemente mais insignificantes da vida cotidiana, os atos que a educação e as estratégias de iniciação reduzem ao estado de automatismos, são os princípios mais fundamentais de um arbitrário cultural e de uma ordem política que se impõe” (França, 1994, p. 57). Quando se discute o espaço escolar muitas vezes se realiza análise sobre o utilitarismo do mobiliário, enquanto que neste trabalho a proposta é aprofundar a discussão em questões vinculadas a possibilidade de vivenciar experiências nos objetos: “uma cadeira me diz antes de mais nada que posso nela sentar-me. Mas se a cadeira for um trono, não deveria servir apenas para sentar, mas para fazer sentar com certa dignidade... a função de sentar da cadeira é apenas uma de suas funções, talvez a mais facilmente percebida, mas, certamente, não a única, já que outras se fazem latentes, nem a mais importante” (França, 1994, p. 90-91).

Para pensar os corredores escolares e seus pares “é preciso ver mais, escutar mais, sentir mais, e ter em mente a possibilidade de buscar alternativas em campos não-usuais, enfim, descobrir no visível o invisível” (França, 1994 p. 100). Sendo assim, essa alternativa pode estar centrada em pensar os corredores da escola, suas paredes e os objetos que estão neles como em seu caráter público: “o particular se converte no comum, onde qualquer matéria, qualquer coisa, qualquer mundo se abrem e não são propriedade de ninguém, e sim de todos, convertidas em ‘bem comum’ (Larrosa, 2021, p. 32). A forma em que Jorge Larrosa pensa a **experiência** definida como aquilo “que nos acontece”, aquilo que nos toca, ajuda a pensar que diariamente passamos pelo corredor do colégio onde muitas coisas acontecem, porém, na maioria dessas vezes nada nos acontece. Pensar o ensino de História pelo olhar da experiência coloca em questão visões lineares e mecânicas sobre o ensino, pois a experiência não é aprendível nem tem relação com a simples informação. Ao contrário, quando estamos sobrecarregados de informações, não fazemos outra coisa senão diminuir nossas possibilidades de experiências pois o sujeito da informação sabe muitas coisas, mas nada lhe modifica.

A experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva, e por isso não suporta o imperativo, mas se apresenta como um convite, uma aventura, uma viagem. O pensar não é somente o ato de raciocinar ou argumentar, pois muitas vezes está apenas vinculado com o acúmulo de informações que não geram sentidos. Larrosa afirma que a experiência é cada vez mais rara no mundo atual, por falta de tempo, pois tudo se passa depressa (como num corredor?), mas sem experiências. Os estímulos que estão acontecendo são fugazes e efêmeros e o excesso de trabalho também tornam a experiência cada vez mais rara: pessoas estão apenas cumprindo comandos, devido ao sistema que nossa sociedade percorre. Esse é um ponto importante aqui, pois entendemos então que a experiência não pode ser confundida com trabalho nem com o aprender informação. Nem sempre se pode adquirir experiência na prática do trabalho, ou na teoria dos livros. Então, experiência não é saber sobre algo. É reivindicar uma maneira de se viver, de estar no mundo, ou no tempo ou no colégio. Os espaços que possibilitam isso são os chamados de espaços e tempos educativos, espaço que podemos habitar ou simplesmente estar.

A experiência daquilo que “nos passa”, ou que nos toca, acontece, e quando passa por nós, nos transforma. Para isso, o sujeito da experiência deve ficar exposto e permitir que algo aconteça, o chamado “princípio de reflexividade”. O significado “o que me passa” é um pronome reflexivo, na compreensão de que a experiência é um abalo de ida e volta. Movimento de ida porque a experiência desconfia um movimento de exteriorização, de sair de si mesmo, buscar o que tem fora, um movimento que vai ao encontro com o que passa, ou então ao

encontro do acontecimento. Pensando sempre pelo viés da educação, buscando o conhecimento que vem de fora, do outro. É um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento aparenta a mim, produz implicações em mim, no que eu sou, na minha formação, nas minhas escolhas, no que eu penso, sinto, sei, quero, entre outras. O sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento:

A experiência neste sentido, não é coletiva, ainda que ensejada por iniciativas coletivas, pensando aqui no contexto escolar, mas uma sorte de apropriação subjetiva daquilo que move, que chama atenção, que faz pensar. A experiência pensada de esta forma, não pode ser didatizada. Não há procedimento metodológico que garanta a promoção de experiência em outrem. Há, no entanto, no exercício do ofício docente, uma série de arranjos que a tornam possível. Que criam condições de possibilidade que favorecem a experiência. Tais condições, apenas em certa medida, são construídas relação pedagógica (CUBAS, 2022, p. 22).

Pensar a educação e o ensino de História a partir da experiência não é apenas raciocinar, argumentar, como tínhamos aprendido, mas é principalmente dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Por isso, o convite é *caminhar pelos corredores e parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, sentir, viver e respeitar, e de certa forma suspender o juízo*. Dar atenção ao corredor como arquivo histórico, abrindo um refúgio em relação à agitação do mundo que não permite que nada nos aconteça. A experiência requer que algo nos aconteça ou no toque e isso requer parar para pensar, olhar e escutar, entendendo que no ensino da História estamos juntos com o outro, pensar com o outro, escrever, parar para escutar os diferentes sujeitos, olhar mais devagar, escutar mais devagar, parar para entender e sentir, perceber mais os detalhes, as diferentes opiniões, cultivando a delicadeza nas escolhas, ações e vontades, abrindo assim os olhos e ouvidos para aquilo que nos passa. Assim, aprendendo a escutar os outros e a falar sobre o que nos acontece, o sujeito da experiência tem paixão pelo que faz, sente, e pela sua transformação. É receptivo, e isso não diminui a sua ação, pelo contrário, é coerente com a sua sabedoria. A experiência permite um caminho para o desconhecido.

Parafraseando a Benjamin, poderíamos dizer que saber orientar-se no arquivo de uma escola não significa muito. No entanto, perder-se em seus corredores como arquivo, requer instrução. E a instrução tem relação com a forma de caminhar pelos corredores a partir das atividades/exercícios sugeridos pela professora que buscam profanar as paredes e os objetos dos corredores, dando-lhes atenção:

Preciso reivindicar tempo e atenção. Atenção para com as coisas do passado que, mesmo dolorosas, são constitutivas de nosso presente. Não para causarem comoção ou ódio incoerente, mas para serem compreendidas/sentidas como aquilo que são. Para terem o devido lugar em nosso presente e comporem, de fato, consciência histórica.

Para poderem ser transformadas. Assim, através da escola e através da história, talvez possamos tentar impedir que o mundo se desfaça (CUBAS, 2022, p. 29).

Como já foi dito, a profanação está vinculada com o lúdico, transformando alguma coisa em jogo para “seu uso livre e novo”. Profanar, nas aulas de história poderia ser “colocar algo sobre a mesa” (Masschelein e Simons, 2018, p. 42) como um objeto de estudo, transformando algo em matéria de estudo exigindo “nossa atenção, que nos convida a explorá-lo e engajá-lo, independentemente de como ele possa ser colocado em uso” (Masschelein e Simons, 2018, p. 42). Desta maneira, sentir nos corredores do colégio “o sabor do arquivo” que tem essa relação com a profanação, pois:

Pode-se examiná-lo sem pressa e dissecá-lo meticulosamente: mas resta ainda uma outra coisa, algo que não tem nome e que experiência científica não consegue explicar... Trata-se, evidentemente, desse adicional de vida que inunda o arquivo e instiga o leitor no que ele tem de mais íntimo. O arquivo é excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional. segundo (FARGE, 2017, p. 36).

Para isto, é necessária uma série de exercícios que tornem o corredor um lugar de pensamento, de memória, de disputa que abandonem a indiferença e criem novas práticas vinculadas com o cuidado, a responsabilidade e o reconhecimento. Um lugar habitado que diga algo:

“Circulando! Não tem nada aqui para ver”. A polícia diz que não há nada para ver numa estrada, nada a fazer além de caminhar. Ela diz que o espaço de circulação é apenas o espaço de circulação. A política consiste em transformar este espaço de circulação em espaço de manifestação de um sujeito: o povo, os trabalhadores, os cidadãos. Consiste em remodelar o espaço, o que ha para fazer para ver, para nomear... (RANCIERE, 2014, p. 242).

Esta citação de Rancière resulta relevante para pensar os corredores escolares como lugares de disputa e de arquivo no sentido de utilizar os próprios espaços escolares existentes, mas reorganizando-os e instaurando novas possibilidades para o ensino da História. Propondo exercícios para que ao invés de exigir “circular!” sugerir parar para ver, para nomear, para tornar público e comum, para pensar.

2.2 A Respeito da Memória e o uso dos acervos dos corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion para iniciativas educativas

O Ensino de História vem passando por grandes modificações ao longo das últimas

décadas, mudanças metodológicas e novas concepções de ensino mostram-se cada vez mais necessárias para entender as transformações no estilo de vida na contemporaneidade. No entanto, novos conceitos são entendidos como fundamentais para o entendimento da História, portanto, trabalhar com conceito de memória em sala de aula é essencial para o enriquecimento do trabalho docente, assim como para que indivíduo reconheça-se como parte do processo histórico e não ver a História como conhecimento construído somente pelos heróis dos livros didáticos. Por esta razão, acredita-se que trabalhar com os conceitos de memória e de identidade seja necessário para o desenvolvimento do conhecimento histórico dos estudantes e para a sua relação com a sociedade em que está inserido.

Neste sentido, surge a indagação: como abordar o conceito de memória no ensino da História? Uma vez que o Ensino de História vem sofrendo constantes modificações, portanto, entende-se que o conceito de memória seja fundamental para que a História não seja mais entendida como uma “ciência do passado”, uma vez que “o passado não é objeto de ciência” (Bloch, 2001, p.7). Sendo assim, compreende-se que a memória é viva, dinâmica e conecta o passado ao presente auxiliando no processo da construção do saber histórico dos estudantes, visto que todos tem memória e que esta pode ser ricamente ampliada pela História, aquela contada por sujeitos que fazem parte do entorno social em que os estudantes estão inseridos. À vista disso, sabe-se que a História “oficial” não os valoriza, portanto, percebe-se que a memória tem um grande valor para o Ensino de História através da educação patrimonial, da preservação dos patrimônios históricos e por meio de estudos dos diferentes acervos, os grupos sociais e os indivíduos tem a sua memória resguardada e valorizada. No entanto, qual é o valor real da memória para o ensino da História?

É inegável que a memória tenha um grande valor para o ensino da História, pois ela é essencial para ao processo de desenvolvimento da identidade individual e coletiva. Apesar do Brasil ser reconhecido como país sem memória, o que percebe-se é que há uma preocupação em criar instituições responsáveis pelo reconhecimento e pela valorização da memória e por esta razão, nota-se que os livros didáticos vêm dando um significativo enfoque a este assunto. Com isso, acredita-se que cada vez mais os estudantes vem se interessando em investigar assuntos da História pela possibilidade de relacioná-los com a sua família, amigos, a cidade em que vive e com a escola que frequentam. Assim, em sala de aula devem ser trabalhados com prioridade assuntos relacionados à memória e identidade, à história viva e principalmente local. Desta maneira, espera-se despertar o interesse dos estudantes e reflexões em torno da importância da educação, da preservação da memória e, sobretudo, a relação da História e o tempo presente.

Portanto, ações e atividades relacionadas ao ensino da História e da memória escolar podem ser uma grande possibilidade de prática pedagógica para ser desenvolvida nas aulas de História e assim, despertar o interesse dos estudantes para a construção do saber Histórico. No entanto, acredita-se que o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, construído em agosto do ano 1946, localizado na Avenida Conde Matarazzo 890, no bairro da Penha, na cidade de Antonina, no litoral do Paraná, foi durante muitos anos o único estabelecimento escolar a fornecer o antigo segundo grau na cidade e por esta razão acredita-se que esse Colégio tenha uma relação bem íntima com os capelistas⁵, sendo perceptível que este estabelecimento de ensino e seus patrimônios históricos estabelecem uma grande relação com História e a memória afetiva do povo antoninense.

Ao entrar no Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion para realizar esta pesquisa, caminhar pelos seus corredores e atentamente escutar os sons que vem das salas de aulas, sentir o cheiro da comida da cantina, observar com atenção tudo ao meu redor, como objetos, fotografias que estão expostos no corredor principal, olhar as paredes, as carteiras cheias de rabiscos, admirar a sua arquitetura, as janelas grandes e altas, as escadarias largas no caso do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, as portas das salas de aulas guardam uma particularidade bem especial, homenageiam de forma simples as professoras e professores antigos da instituição. Ao ver o quadro negro e o giz, vejo como aos poucos estão deixando as suas funcionalidades, quase nem usados são mais, agora na era “future-se” os educatrons⁶ começam rapidamente a substituí-los. Desta maneira, comecei a ter uma série de sentimentos nostálgicos e de lembranças do meu tempo de aluna do Colégio. Porém também percebi que todos estes elementos: fotografias, uniformes, as bandeiras, mapas, imagens religiosas no topo da porta da entrada do auditório, troféus e medalhas fazem parte de um conjunto de patrimônios que contam história contidas neles e que relembram o cotidiano escolar. Sendo assim, acredita-se que estes elementos formam uma importante fonte de pesquisa Histórica dos grupos de indivíduos que um dia por ali passaram e fizeram parte do dia a dia desta instituição, dos alunos, alunas, professores, professoras, funcionários e funcionárias, sujeitos que de alguma forma tem as suas memórias vivas, lembradas neste espaço. Dessarte, nota-se que o ambiente escolar não se trata somente de um local de construção de conhecimento científico, mas sim, um espaço

⁵ Nome referente aos moradores da cidade de Antonina, pois a cidade iniciou o seu processo de povoamento ao redor da capela de Nossa Senhora do Pilar, padroeira do município.

⁶ Educatrons são equipamentos compostos por um aparelho de televisão de tela plana acoplada a um computador e a uma *webcam*, com conexão à internet via *wifi* e utilizadas nas salas de aulas nas escolas do Estado do Paraná.

que constitui-se de diferentes saberes, sentimentos e relações de afeto, sendo assim, um local que pode despertar as nossas lembranças escolares mais antigas.

Os colégios são espaços que manifestam cotidianamente diferentes rituais docentes que marcam as rotinas de uma escola, a organização das aulas, o selecionar conteúdos, elaborar, corrigir provas e exercícios, escolher os materiais para cada aula. A Escola é o local onde a difusão das diferentes informações, valores e saberes das múltiplas fontes convertem-se em conhecimentos. A escola, assim como os arquivos, os museus, santuários, os cemitérios, monumentos, as associações, as festas e celebrações são diferentes espaços qualificados para constituir a memória e para fortalecer a sua dimensão simbólica. São lugares que reproduzem tradições ritualizadas e repetitivas, capazes de ressignificar momentos da História, sendo assim, locais onde a memória se cristaliza. São espaços denominados por Pierre Nora (1993) como lugares de memória. Vale lembrar que frequentemente confundimos as palavras espaço e lugar por pensarmos que elas são bem parecidas, portanto, é importante mencionar que elas possuem significados bem distintos. Para Tuan (1983, p. 3) “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. E por que não a velha escola? Visto que a escola é um local dos mais importantes na nossa vida, onde a maioria das pessoas passam bom tempo neste ambiente. Por esta razão, chamamos a escola de nosso segundo lar. A escola é, portanto, o ambiente que não só nos ensina, mas sim, nos acolhe, onde nos sentimos seguros, criamos sentimentos e lembranças do nosso tempo escolar. É o lugar que evoca as nossas emoções, nos arranca suspiros, lágrimas, sorrisos e sentimentos que nos conectam a um tempo vivido, sentido, a uma memória viva e afetiva.

Para Nora (1993, p.13) “os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é necessário manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas ações não são naturais”, sendo assim, as práticas do cotidiano escolar e as tradições ritualísticas que ocorrem no dia a dia de uma escola, despertam diferentes tipos de lembranças para aqueles que passam pela instituição, rememoram os acontecimentos que devem ser lembrados e as experiências que foram socialmente construídas e que se transformam em memória.

Portanto, para Nora (1993, p. 8) “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, por esta razão, nota-se que as escolas são locais onde as lembranças particulares e coletivas estão enraizadas, espaços onde as recordações ancoram-se e formam as memórias coletivas; portanto, acredito que os corredores do Colégio Estadual

Cívico Militar Moysés Lupion, não sejam somente um lugar de passagem, mas sim, locais que mereçam ser preservados, valorizados e usados. Que os estudantes, professores e funcionários ao passarem por estes espaços possam parar e observar, admirar, interpretar, questionar e identificar-se com este ambiente que constitui-se em memória viva, dinâmica e presente no dia a dia, configurando este conjunto de patrimônios expostos como um espaço da História Local. Sendo assim, os corredores desse colégio é um local de preservação e valorização da identidade do cotidiano escolar, ou seja, um testemunho de sua História e por isso podem ser chamados de lugares de memória. Segundo Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Desta maneira, acredita-se que corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés seja um espécie de museu escolar, não para ser visto como um local de acumulação ou como um depósito de documentos, mas sim, um lugar onde a memória está viva e que através de seus patrimônios expostos exista a possibilidade de desenvolver funções educativas no local necessárias para o ensino de História. No entanto, é importante pensar no corredor desse colégio como uma finalidade didática, onde a interação entre os estudantes e objetos possibilita novas reflexões para a construção do conhecimento histórico da localidade, assim alunos e alunas reconheçam-se como sujeitos construtores da História e da Memória local.

Portanto, vale lembrar que para Pollak (1989), assim como as tradições, os costumes, as regras, os rituais e os patrimônios históricos que nos acompanham a vida toda, a escola, os seus costumes e tradições são, no caso, elementos comuns que definem um determinado grupo, fundamentando, reforçando o seu sentimento de pertencimento e diferenciando-se de outros grupos.

Assim observa Pollak (1992, p. 200-212), enfatizando em seu texto que a memória, seja ela individual ou coletiva, se constitui também de acontecimentos, pessoas e lugares, bem como das experiências vivenciadas particularmente e aquelas que não foram vividas particularmente, mas sim, vivenciadas pelo grupo a que pertencem, as chamadas “vividas por tabelas”, resultando em memórias que foram “herdadas”. Portanto, composta das experiências, acontecimentos, pessoas e lugares que não são do nosso tempo, mas que de alguma forma se conhece, acontecimentos os quais não vivemos pessoalmente e que guardamos registros afetivos ou algum monumento, documento, fotografias, objetos e arquivos. Sendo assim,

segundo a análise de Halbwachs sobre a memória coletiva e citado por Pollack (1989, p. 3-15), o colégio com os seus corredores, fotografias, objetos expostos, seus documentos, arquivos, datas comemorativas, suas festividades, celebrações, regras, tradições e costumes são exemplos de pontos de referências, que muitas vezes estruturam a nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos.

Sabe-se que um passado é visualizável por meio de seu acervo, é o que dá acesso ao real e direto. Acredita-se que as práticas da Metodologia da Educação Patrimonial por meio dos suas etapas de observação, registros, exploração e apropriação desenvolvidas com os alunos e alunas nas aulas de História, oportunizem os discentes a trabalharem com as diferentes fontes históricas, contribuindo para que os estudantes possam ver na prática o trabalho de constituir um conhecimento histórico, progredindo na aquisição dos diversos saberes e práticas vinculadas à análise e a interpretação de dados a partir da formulação de problemas.

Logo, compreendemos que ações pedagógicas com o uso dos objetos e fotografias do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion como fonte de pesquisa possam enaltecer a identidade escolar, despertar o senso da importância da preservação dos acervos escolares e valorizar a memória individual, assim como reforçar o sentimento de pertencimento da memória coletiva dos grupos sociais que foram deixados de lado muitas vezes pela “memória local oficial”. Falando de memória, devemos lembrar aqui que este conceito foi abordado por inúmeros autores e tem uma grande diversidade de significados, portanto, acredita-se que a melhor definição de memória para ser usado neste texto é a de Halbwachs (2013), onde a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, um fenômeno construído na coletividade e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Portanto, a memória não é exclusivamente individual, uma vez que as lembranças do indivíduo são, sempre, construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo social. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos a que está inserido e que por eles sofre algum tipo de influência, como a da família, do seu grupo de amigos, da igreja e da escola.

Enfatizando a ideia de Halbwachs (2013, p. 30) que o indivíduo lembra que está inserido na sociedade com um ou mais grupos de referência, significa então que a memória é sempre construída no meio social, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e isso acontece por nunca estarmos a sós. Assim, o sentido buscado ao trabalhar com práticas educacionais relacionando o uso da memória escolar do acervo do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion incide na consciência sobre a necessidade de reconhecimento, da problematização, da valorização e da preservação da cultura

escolar enquanto um patrimônio cultural, para que alunos, alunas, ex-alunos, ex-alunas, professoras, professores, ex-professores, ex-professoras e toda a comunidade escolar possa refletir sobre a importância do uso deste lugar de memória para a construção do conhecimento histórico e assim despertar um sentimento de pertencimento com a história e a cultura escolar.

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA COM O CORREDOR DO COLÉGIO ESTADUAL CÍVICO MILITAR MOYSÉS LUPION

Você acredita que um simples corredor escolar pode ser um espaço de aprendizagem histórico? Com este questionamento apresento o recorte espacial e o produto educacional desta dissertação. Cabe lembrar, o corredor do colégio tem um grande potencial informativo, sendo fonte de pesquisa e que pode ser utilizado para a aprendizagem histórica por ser um espaço de muita movimentação pessoal, cultural e de trocas saberes no cotidiano escolar, além de uma grande quantidade de fotografias e de objetos que são encontrados neste local, patrimônios escolares fundamentais para a construção histórica ensinada.

Este produto educacional faz parte desta pesquisa de dissertação de Mestrado intitulada “Ensino de História e a Educação Patrimonial: os Corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina/PR”, realizada neste estabelecimento de ensino. A sua elaboração tem como propósito servir de recurso metodológico para os professores e professoras de História desse estabelecimento de ensino para utilizar em suas aulas em conjunto com seus alunos e alunas.

A proposta deste projeto iniciou-se a partir da ideia de realizar uma pesquisa no arquivo escolar do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, pesquisando e selecionando vestígios históricos para serem utilizados nas aulas da disciplina. Porém, diante de uma série de dificuldades encontradas, principalmente em relação ao acesso burocrático dos docentes e discentes ao arquivo para desenvolver a pesquisa - o que seria praticamente inviável, pois o nosso acesso ao local impactaria na dinâmica do trabalho dos funcionários administrativos do estabelecimento - optei então por outra alternativa.

Foi necessário centrar a atenção no reconhecimento, na valorização e no uso dos acervos expostos nos corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, espaços do estabelecimento que reúnem e “preservam” os patrimônios escolares, assim como um “museu escolar” que além de ser um lugar de preservação da memória, é um espaço de estudo, pesquisa e questionamentos. Ao visitarmos o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion (ver Apêndice) nos surpreendemos ao perceber que os vestígios da história local estão por todas as partes do estabelecimento: em suas mobílias, na sua arquitetura, suas paredes, nas salas de aulas, nos seus objetos, nos relatos dos estudantes e dos funcionários.

Pudemos perceber que existe uma certa preocupação em preservar a memória e a identidade escolar olhando para o corredor principal de acesso às salas de aula da instituição.

Destacam-se algumas fotografias dos momentos especiais da instituição, alguns mapas do colégio, do município, do Estado e das expedições marítimas, imagens religiosas deixando clara a devoção católica da localidade e uma variedade de objetos que estão expostos por todo o local.

Sendo assim, percebe-se que o corredor do colégio é um acervo que retira do silêncio e valoriza as experiências dos sujeitos históricos locais, tornando-se um espaço não somente de acesso para as salas de aulas ou um simples local de passagem, mas sim, um local para caminhar, para pensar, para admirar, olhar, sentir e experimentar a história partindo destes objetos expostos que constituem os patrimônios escolares.

Portanto, acredita-se que ações educativas que desenvolvam o ato comunicativo com os objetos seja fundamental para o ensino da História. Assim, cabe lembrar a contribuição de Ramos (2004, p. 21-22), “se aprendemos ler as palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos”.

Deste modo, acredita-se no reconhecimento dos bens escolares para a construção do saber histórico e para valorização da escola como espaço de saber, assim como lugar de encontros, de desencontros, de sentimentos, de ensinamentos e de aprendizados com os seus coloridos, sons, cheiros, movimentos, com o vai e vem dos frequentadores, com seu cotidiano, sua dinâmica e suas relações humanas durante todo o tempo.

Assim, como professora da disciplina do Ensino Básico, venho procurando alternativas no que se refere a uma aula mais significativa, mais participativa, mais problematizadora e desenvolver ações educativas que promovam experiências na forma definida por Jorge Larrosa, como algo que nos passa, que nos toca e nos acontece, que realmente nos dê um significado, algo que faça sentido para o conhecimento histórico dos estudantes. Deste modo, parafraseando Helenice Rocha, sabe-se que nas últimas décadas do século XX, alguns autores do campo do Ensino de História (Knauss, 1996, Grinberg, 2000, Cardona 2022) e, principalmente, o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História apresentam algumas abordagens importantes para as aulas de História no aspecto metodológico, como a realização de pesquisas dos alunos e alunas do Ensino Fundamental e Médio. Segundo Rocha (1993, p.3) é possível acessar o conhecimento “de forma que não seja exclusivamente através da exposição do professor, mas usando alternativas de busca de informações, como a pesquisa”. Para Rocha, a pesquisa seria desenvolvida a partir da análise das fontes históricas, como o trabalho realizado pelo historiador, elaborar práticas educativas que busquem implementar nas aulas um

“exercício de interpretação e de crítica do aluno” através da compreensão das fontes de pesquisa.

Desse modo, começamos a refletir nas possibilidades de desenvolver práticas pedagógicas que busquem propiciar experiências educativas e patrimoniais nas aulas de História partindo de pesquisas com fontes históricas do acervo exposto do corredor principal. Desta forma, pensamos em sugerir atividades de educação patrimonial que possam ser desenvolvidas com estudantes de todas as idades, com o objetivo de provocar neles atitudes favoráveis para com os bens que fazem parte do patrimônio histórico-cultural da escola e da história da localidade. Ou seja, a organização do ensino de História por meio de uma sequência didática de modo a incorporar às aulas estratégias de aprendizagem mais participativas e desafiadoras. Assim, acredita-se que estas práticas pedagógicas proporcionem benefícios mais significativos no processo do conhecimento históricos, estimulando alunos e alunas a tornarem-se mais interessados, mais críticos e problematizadores, de modo que possam compreender, investigar e criar autonomia intelectual e assim, romper com o ensino e aprendizagem da História tradicional através do trabalho em conjunto nas aulas com uso das fontes históricas encontradas e selecionadas no ambiente escolar.

Diante disso, começo a questionar-me: quais seriam os objetivos a serem alcançados no ensino de história através de atividades de educação patrimonial realizadas nas aulas de História? Através destes questionamentos pensamos em oportunizar neste trabalho ações educativas que possam ser realizadas com o uso do acervo do corredor como fontes de estudo para o desenvolvimento de práticas educacionais com a participação dos professores e professoras de História e dos alunos e alunas do primeiro ano do Ensino Médio.

Desta forma, alguns documentos educacionais e a própria BNCC colocam em destaque a importância do uso dos diferentes vestígios materiais e imateriais nas aulas de História para estimular a produção e o conhecimento histórico no âmbito escolar. Enfatizo a BNCC:

Para se pensar o ensino de História, é considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documentos (escritos, iconográficos, materiais e imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliários, instrumentos de trabalho de músicas etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos, as experiências humanas, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma -se em exercício, em laboratório da memória voltada para a produção de um saber próprio da história (BRASIL, 2018, p . 398).

Assim, acredita-se que o processo de observação, comparação, interpretação e análise de um objeto estimulam o pensamento do observador. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 562) “de posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos

com base na seleção e sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas”, objetivos bem claros destas propostas de atividades. Sendo assim, busca-se desenvolver a percepção e o espírito crítico dos estudantes através das experiências do contato direto com os bens materiais que podem ser reconhecidos ou não pela comunidade escolar, ou seja, os objetos, uniformes, medalhas, bandeiras, mapas e fotografias, assim enfatiza-se a importância do estudo que consiste no contato direto com as fontes históricas nas aulas de História, permitindo que os estudantes reconheçam na prática a experiência de como o conhecimento histórico é construído. Portanto, mediante a “leitura” dos objetos, os estudantes têm a sua curiosidade aguçada, despertando o seu interesse e o seu imaginário em relação ao passado.

É esperado que o uso das diferentes fontes de pesquisas na prática pedagógica nas aulas de História possa provocar a problematização e a sensibilização dos estudantes para a importância de reconhecer, preservar, analisar e valorizar o acervo que constitui o patrimônio do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion. Desta forma. Este trabalho de pesquisa foi pensado para a realização de algumas atividades de Educação Patrimonial a serem realizadas com as fotografias e objetos expostos no corredor do Colégio, no âmbito de Ensino de História, para auxiliar os sujeitos inseridos no processo pedagógico, ou seja, discentes e docentes no ato de ensinar e aprender. Assim, compreende-se que ao observarmos um objeto do passado e a partir da sua análise, vários questionamentos podem ser aprofundados.

A opção de realizar práticas educacionais com o uso do patrimônio escolar tem como propósito despertar professores e professoras para a necessidade da utilização de um acervo que faça parte do cotidiano escolar, tornando a aprendizagem histórica significativa. Assim, pretende-se o reconhecimento dos bens escolares como fontes de pesquisa e como suporte didático à disposição dos docentes para que práticas educativas sejam realizadas no ambiente escolar, ou seja, no corredor.

Desta forma, acredita-se que as atividades de Educação Patrimonial possam enriquecer o ensino de História com ações inovadoras, desafiadoras e motivadoras para professores, professoras e estudantes realizarem juntos. Portanto, espera-se que o processo de interação objetos-estudantes seja capaz de oferecer elementos significativos e necessários para a compreensão da História Local e esta experiência desperte a curiosidade e o interesse de nossos estudantes pelo saber histórico. Segundo Horta (1999, p. 09) “nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significados pela sociedade que o criou”, portanto, espera-se que o contato com os objetos favoreça um ensino-aprendizagem aberto, investigativo e que estimule o conhecimento, o debate e a pesquisa, para que os estudantes percebam o sentido de criar práticas

educacionais com o uso destes patrimônios no sentido de conscientizar sobre a importância de preservar e valorizar estes documentos, preservando a memória escolar local.

Desta forma, preservando os documentos, objetos e fotografias, assegura-se que estes bens sejam compartilhados e utilizados para pesquisas de presentes e futuras gerações. Assim, acredita-se que as atividades de Educação Patrimonial apareçam como aliada no Ensino de História apresentando propostas inovadoras e necessárias neste contexto, contribuindo com informações para que os estudantes percebam a importância do passado para a construção da sua identidade individual e da identidade cultural na sociedade em que está inserido.

Portanto, pode-se perceber que a Educação Patrimonial busca levar crianças, adolescentes e adultos a um processo ativo de conhecimento, valorizando e preservando a história e a cultura escolar local. Com este objetivo, realizaremos cinco atividades que poderão ser baseadas nos procedimentos da Educação Patrimonial do Guia Básico de Educação Patrimonial (1999, p.9), destacando as seguintes etapas metodológicas:

Quadro 1 – Etapas metodológicas da Educação Patrimonial

Etapas	Recursos/ atividades	Objetivos
<p>1) Observação</p>	<p>Exercício de percepção visual/ sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, mediação, anotações, comparação, dedução, jogo de detetive.</p> <p><i>Como fazer no Ensino de História?</i></p> <p>O professor pode selecionar algumas fotos expostas no corredor, pedir para os alunos observar e em seguida solicitar que eles identifiquem os tipos de patrimônios materiais e imateriais, personagens que estão contemplados e aqueles que não estão nas fotos.</p>	<p>- Identificação do objeto/ função e significado;</p> <p>- Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.</p>

<p>2) Registros</p>	<p>Depois de observarem, é hora dos estudantes expressarem o que aprenderam sobre patrimônios através de desenho, da descrição verbal ou da escrita, dos gráficos, das fotografias, das maquetes, dos mapas e das plantas baixas...</p>	<p>- Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica</p> <p>- Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional</p>
<p>3) Exploração</p>	<p>Pode ser uma aula de campo para a análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamentos, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, laboratório de informática, instituições, jornais, entrevistas, etc.</p>	<p>- Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.</p>
<p>4) Apropriação</p>	<p>Serve para mostrar o entendimento do aluno, sua identidade ou o seu laço afetivo com o patrimônio, que pode ser expressado através da recriação, da releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão, como pinturas, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme, vídeo, etc.</p>	<p>- Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa. Valorização do bem cultural.</p>

Portanto, vale lembrar que, embora as propostas das atividades que serão apresentadas a seguir terem sido idealizada para o primeiro ano do Ensino Médio em virtude dos conteúdos e das habilidades necessárias para estas ações estarem contempladas nos documentos educacionais, acredita-se que estas práticas podem ser realizadas durante as aulas de História ou até mesmo como projeto no contraturno, podendo ser adaptadas para outras turmas e para outros estabelecimentos de ensino. Para isso, foi elaborado uma sequência didática com conteúdos e conceitos que o professor de História possa utilizar antes de desenvolver as propostas das atividades apresentadas neste trabalho.

A sequência didática no Ensino de História promove a organização sequencial de atividades e conteúdos necessárias para um ensino e aprendizagem significativo na construção do saber Histórico dos estudantes. Segundo Zabala (1998, p. 18), uma sequência didática é composta por alguns elementos importantes, portanto, acredita-se que seja “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Para Rocha (1993, p. 4) “a sequência didática é uma proposta em que professores e alunos realizam atividades que se constituem como passos da aula ou de um conjunto de aulas. Cada passo permite que o próximo seja realizado”. Desta forma, desenvolver uma sequência didática como estratégia de ensino implica em estabelecer situações que a cada fase da aula estimulem os estudantes a se apropriarem de outros saberes, permitindo o seu ensino e aprendizagem. Sendo assim, uma sequência didática apresenta diferentes etapas como: planejamento, aplicação e avaliação.

Antes de realizar qualquer atividade é necessário que o professor e a professora tenham bem definidos os seus objetivos educacionais e resultados pretendidos, assim como para quais turmas as atividades serão aplicadas, qual a faixa etária dos estudantes, como irá proceder a pesquisa de campo com os estudantes e como ocorrerá em sala de aula após a pesquisa, quais os objetivos espera-se alcançar com as atividades, decidir que conceito e que tipo de conhecimentos os alunos e alunas devem adquirir com estas práticas. A sequência didática deve promover a compreensão e a aprendizagem dos estudantes.

Para que estas atividades e a sequência didática sejam efetivadas, deve-se obedecer os procedimentos a seguir: primeiro, a apresentação para os estudantes dos temas que serão trabalhados, estratégias que serão utilizadas, a importância dos conteúdos e o que se espera como resultado. O segundo procedimento que o professor e a professora deve levar em

consideração é apresentar e discutir com seus estudantes os objetivos e as finalidades dos conteúdos ou das atividades selecionadas. A terceira etapa é a definição da sequência: de acordo com o objetivo traçado, o professor define a sequência das práticas para tais objetivos, procurando atender as particularidades da turma. A quarta etapa é a produção final: nesta fase o docente analisa os resultados das ações propostas - é importante que seja realizada a comparação com o objetivo traçado na primeira etapa. Para isso, pensou-se em definir alguns exemplos de sequências didáticas com temas que podem ser trabalhados e relacionados com os conteúdos escolares do Ensino de História.

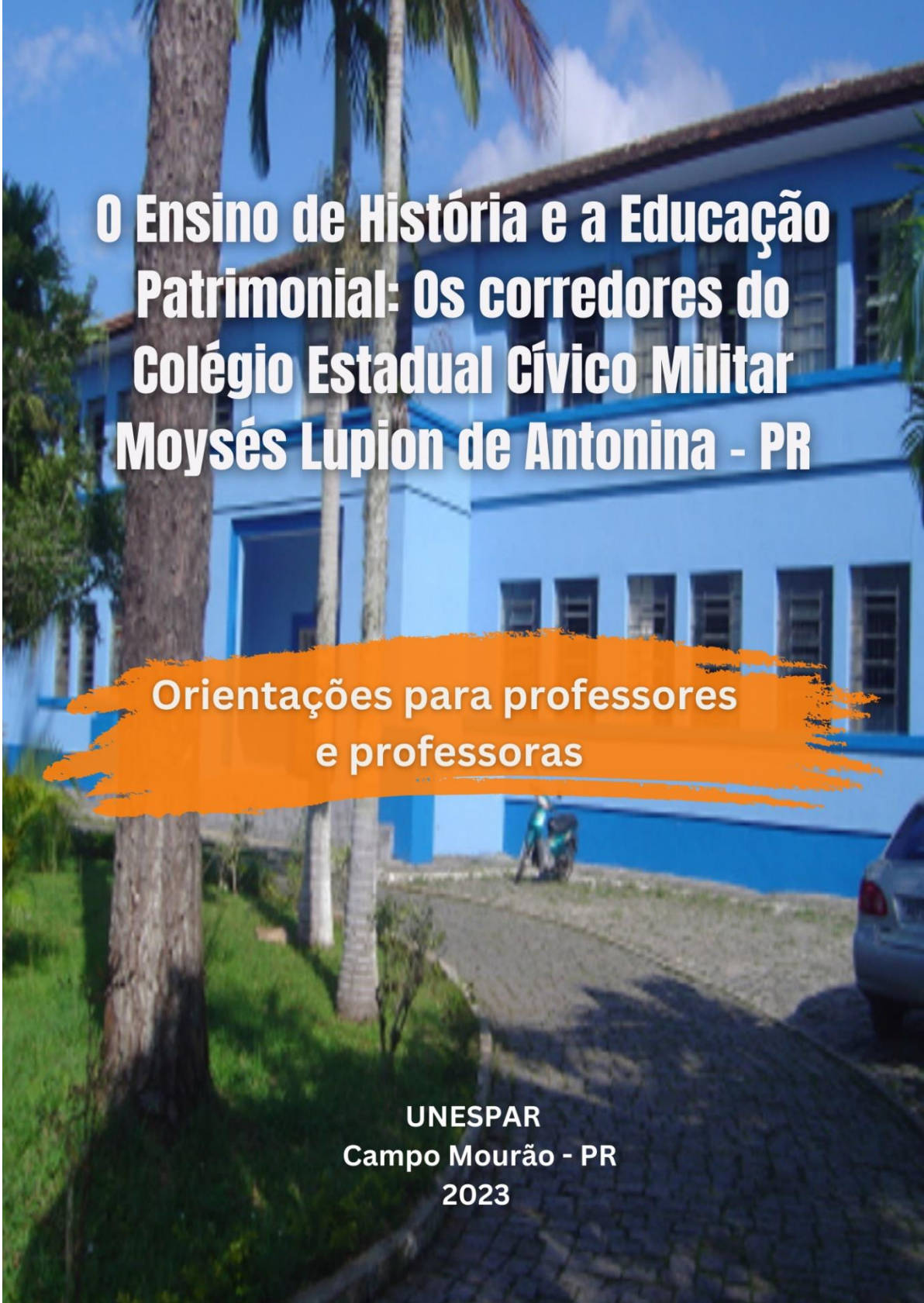
3.1 Sequência Didática para a aplicação das atividades educacionais propostas neste trabalho

A seguir apresento um Guia de Orientações para professores e professoras que tem como finalidade realizar ações pedagógicas com os jovens e adultos do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion do Município de Antonina. No entanto, como já mencionamos, as propostas de atividades aqui sugeridas podem ser adaptadas para atender melhor às necessidades do docente e do estabelecimento de ensino. Este Guia de Orientações está constituído por três sequências didáticas e cinco sugestões de atividades utilizando dos princípios da metodologia da Educação Patrimonial. Temos como um dos objetivos a inclusão dos patrimônios escolares como fonte de pesquisa e informação para o Ensino da História Local e na maioria das vezes, os assuntos relacionados a esta metodologia são deixados de serem abordadas nas aulas de História pela falta de livros e outros materiais didáticos produzidos ou até mesmo pela falta de instrução dos docentes no assunto.

Muitas vezes, o ambiente escolar dispõe de uma variedade de objetos, documentos e fotografias que podem ser disponibilizados como recursos metodológicos para as aulas de História. Trabalhar com ações metodológicas que priorizem o contato direto dos estudantes com fontes produzidas no ambiente escolar é proporcionar um ensino de História mais próximo das experiências, das vivências e dos saberes dos alunos e alunas, desenvolvendo uma prática educativa de ensino de História que diminua o distanciamento entre o conhecimento histórico escolar e a realidade dos estudantes, diminuindo a ideia de que a História é uma disciplina hermética.

Com o uso da metodologia específica busca-se desenvolver a percepção e a apropriação dos patrimônios escolares no ensino da disciplina, despertando professores e professoras,

alunos e alunas para a importância do reconhecimento, da preservação e da valorização dos bens locais. Que este guia possa ser um material de apoio para professores e professoras que desejam incluir em suas aulas práticas diferenciadas para serem realizadas em conjunto com os seus educandos e assim ofertar um ensino de História mais significativo através das atividades lúdicas. Espero que as ações sugeridas no guia apresentado a seguir possam enriquecer ainda mais a prática do ensino de História em sala de aula.



O Ensino de História e a Educação Patrimonial: Os corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina - PR

Orientações para professores e professoras


**UNESPAR
Campo Mourão - PR
2023**

**O Ensino de História e a Educação
Patrimonial: Os Corredores do Colégio
Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de
Antonina - PR**

Orientações para professores e
professoras

Mariele de Fátima Cunico

2023
Antonina - PR



“ A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele ”

Hannah Arendt

SUMÁRIO

II INTRODUÇÃO - CARTA AO PROFESSOR E A PROFESSORA

05

07

ANTONINA

Por que os acervos do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion?

10

12

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

SD 01 - Fontes Históricas - Explorando o passado e o uso das fontes na construção do saber histórico

14

15

SD 02 - Patrimônios Históricos, materiais, imateriais, reconhecidos e não reconhecidos: Conhecendo os patrimônios históricos culturais

SD3- Conhecendo a história local e valorizando a minha identidade histórica

16

17 Sugestões de atividades para serem realizadas com os estudantes utilizando os bens patrimoniais escolares do acervo do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés

Proposta 01

Uma Caminhada pelo corredor do Moysés, admirar as fotografias e realizar um Jogo da Memória

19

Proposta 02

22

Recepcionar e apresentar o acervo do corredor do Moysés Lupion para outros alunos.

Proposta 03 -

Construindo uma caixa histórica da nossa comunidade escolar.

24

Proposta 04-

26

Caminhando, observando e descrevendo o corredor do Moysés Lupion

Proposta 05

Interpretando as fotografias do Corredor do Moysés - Parar, observar, sentir e interpretar.

28

30

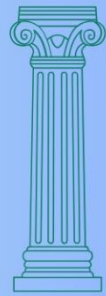
CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

33



CARTA AO PROFESSOR E A PROFESSORA



Prezados docentes,

Este guia de orientações para professores e professoras é parte integrada do produto educacional da dissertação de mestrado do ProfHistória denominado de **Ensino de História e a Educação patrimonial: Os corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina - PR**. A mesma apresenta algumas sugestões de práticas pedagógicas que possam ser realizadas nas aulas de História com crianças, jovens e adultos. O objetivo deste guia é de agilizar e facilitar o trabalho docente no cotidiano escolar, constituído de três sequências didáticas e cinco atividades.

As ações propostas neste guia foram pensadas e concebidas na perspectiva de colaborar com a inserção dos patrimônios históricos escolares e da História Local no processo de ensino e aprendizagem, fazendo o uso da metodologia da Educação Patrimonial.

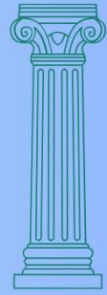
Neste sentido, acredita-se que a Educação Patrimonial é um instrumento de “Sensibilização cultural”, sendo assim, essencial para o Ensino de História como mecanismo para uma prática educativa que promova reflexões a respeito da valorização da identidade local, despertando o sentimento de pertencimento dos educandos com a sua escola, com a sua cidade e com a sua realidade, conscientizando assim, docentes e discentes para a necessidade de reconhecer, valorizar, preservar e problematizar os patrimônios e a História local.

Desta forma, busca-se como propósito destas sugestões metodológicas oferecer o desenvolvimento de um ensino de História de qualidade, com práticas e estratégias diferenciadas e participativas, desenvolvendo uma relação mais significativa entre docentes, estudantes e o ensino de história, conectando-os ao passado através do estudo e da pesquisa nos patrimônios do acervo escolar.

Admite-se que as maiores inspirações para a realização deste estudo foram as aulas, as leituras, as discussões e debates proporcionados pelo ProfHistória, onde tive a possibilidade de estar em contato e aprender com os renomados docentes do programa. Posso também mencionar, como estímulo para a realização deste trabalho, os meus questionamentos e as minha experiência com mais de quinze anos em sala de aula como professora de História, onde pude perceber o distanciamento e a falta de interesse dos estudantes com o conhecimento Histórico tão distante de sua realidade.

As atividades expressadas aqui, podem ser analisadas, interpretadas e adaptadas por professores e professoras que precisam, reinventar a sua prática docente para o contexto de sua sala de aula, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais criativo, mais significativo e com conteúdos mais próximos do cotidianos dos seus estudantes.





Assim, a relevância deste guia é de subsidiar as atividades de professores, professoras, alunas e alunos dentro e fora da sala de aula, suscitando discussões, debates e reflexões a respeito do uso dos patrimônios escolares como ferramenta para o ensino da História, proporcionando um encontro de saberes entre docentes, estudantes, cidade, escola, comunidade e os patrimônios históricos locais.

Para a construção desta proposta, foram utilizados alguns referenciais teóricos e as atividades aqui sugeridas foram inspiradas nos procedimentos da metodologia recomendada no Guia Básico da Educação Patrimonial.

Desta forma, cabe lembrar, que os patrimônios escolares do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, os saberes, as tradições, o cotidiano e cada elemento que constituem o corredor principal desse estabelecimento de ensino, são fundamentais a serem reconhecidos, contemplados, vividos, estudados e valorizados pela comunidade escolar antoninense.

Com isso, espera-se que este material possa contribuir para um melhor desenvolvimento pedagógico dos professores e das professoras de História, com as suas práticas em sala de aula e principalmente com a apropriação, valorização e o reconhecimento da importância dos patrimônios escolares para a construção de um saber histórico mais compreensivo para os estudantes, sendo assim, um instrumento pedagógico para o fortalecimento do sentimento de identidade e de cidadania.

Para finalizar, deixo aqui mencionado um convite para os leitores e leitoras contemplarem o texto desta dissertação na íntegra, assim como, outros importantes trabalhos de dissertação disponíveis no site do profHistória (<https://www.profhistoria.com.br/>).

Para isso, desejo-lhe uma boa apreciação do material, uma instrutiva, agradável e inspiradora leitura.

Bons estudos e aproveite!



Antonina



Olá! Para iniciarmos os estudos contarei resumidamente um pouco do objeto de pesquisa desta dissertação.


É com grande prazer que apresento o recorte espacial deste trabalho de Mestrado. As atividades aqui apresentadas são propostas educacionais criadas para professores e professoras de História realizarem nas suas aulas em conjunto com os seus estudantes.

Elas podem ser adaptadas e reinventadas para atenderem às necessidades do contexto escolar, no entanto, este estudo sugere como proposta metodológica o uso das fontes históricas do acervo do corredor principal de um dos colégios mais antigos do Estado do Paraná, o Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, inaugurado em Agosto de 1946, na pequena e pitoresca cidade de Antonina, no litoral do Estado do Paraná.

O simpático município Histórico está situado a 90 km da capital do Estado, a cidade de Curitiba e sua população contada no último censo de 2022, foi de aproximadamente 18 mil habitantes.

Segundo a história contada pelos capelistas mais antigos do município, os primeiros vestígios de ocupação foram encontrados nos sambaquis nas regiões. Posteriormente o local foi habitado pelos índios carijós, sendo que os primeiros povoadores portugueses que aqui chegaram datam de 1648 e 1654.

Antonina originou-se das catas e faisqueiras de ouro que em meados do século XVII, existiam na região. No ano de 1714, foi autorizada a construção de uma capela em homenagem à Virgem Santíssima do Pilar, sendo assim, o dia 12 de Setembro de 1714, foi considerado como a data de fundação da cidade, que ficou conhecida por Capela e os seus moradores por “capelistas”.



A cidade é conhecida por ter um lindo conjunto arquitetônico e uma paisagem natural deslumbrante que encanta seus visitantes. Antonina passou pelo processo de tombamento pelo IPHAN como Patrimônio da União em 2012, ação essa que não garantiu a diminuição do desgaste e do abandono de seus patrimônios e o desconhecimento de sua História.

Hoje, o município que já teve a sua fase áurea nas primeiras décadas do século XX, período de grande crescimento econômico e cultural, sobrevive das poucas atividades econômicas que desenvolve como a portuária e a turística.

Além das privilegiadas paisagens, das águas calmas da sua baía e da vegetação exuberante, Antonina tem uma rica História e uma linda cultura popular, pouco reconhecida e preservada até mesmo pelos próprios moradores da cidade.

O objetivo deste trabalho é sugerir e incentivar o ensino da História local, através de atividades com o uso dos patrimônios Históricos e culturais disponíveis no ambiente escolar, práticas para serem realizadas nas aulas de História utilizando a metodologia da Educação Patrimonial, possibilitando que estudantes reconheçam e valorizem a história, cultura e a identidade local.





Antonina no Mapa do Paraná - Fonte: Wikipédia - 2024



Localização de Antonina- PR
Fonte: Secretaria Municipal de Comunicação - 2024



Por que os acervos do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion?

Primeiramente, justifico o meu interesse por elaborar ações pedagógicas com uso dos objetos do acervo do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, por acreditar na necessidade de se criar práticas educativas centradas nos patrimônios, neste caso, os escolares, como fonte de pesquisa e conhecimento. Sendo assim, admite-se que esse estabelecimento de ensino e o seu acervo são o patrimônio da memória e da cultura local que confere a identidade do povo capelista. Seus espaços e seus acervos compõem um legado das gerações passadas para as gerações futuras.

Mesmo que já mencionadas em outros momentos, vale lembrar outras justificativas pelas quais fiz esta escolha. O Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion foi durante algumas décadas, a única instituição escolar da cidade de Antonina a fornecer o ensino médio, desta forma, assim como eu, a grande maioria dos antoninenses estudaram ou estudam nesta instituição de ensino, sendo assim, o estabelecimento e seus espaços foram cenários do cotidiano escolar, das histórias, das lembranças e da memória do povo capelista, exercendo uma forte relação de afetividade com o município.

Deste modo, como professora de História e moradora da cidade Antonina, condiciono-me aos momentos sociais, culturais e históricos da minha localidade e na perspectiva de poder possibilitar aos docentes de História do município, atividades que possam ser realizadas neste espaço de memória escolar, e assim, através da

metodologia da Educação Patrimonial desenvolver ações educacionais dinâmicas que desenvolvam a capacidade intelectual dos estudantes e desta forma, provocar situações significativas de aprendizagens em relação a sua realidade e a sua própria vida.

Portanto, acredita-se que esta proposta de ensino de História possa despertar a percepção, o espírito crítico e atitudes favoráveis dos alunos e alunas para com os bens escolares, oferecendo o contato direto com os patrimônios, com as histórias e espaços comuns que expressam significados e ao mesmo tempo, constrói a cultura local.

Assim, o Guia de Orientações para Professores e Professoras tem como objetivo, apresentar possibilidades de trabalhar em sala de aula com os bens históricos culturais do acervo do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e alunas, a fim de estimular nos estudantes o senso de problematização, de preservação e de reconhecimento dos bens locais.

Portanto, cabe ressaltar, que os patrimônios escolares localizados nos corredores do Colégio nos chamaram atenção desde início, na nossa primeira visita no local.

Desde o primeiro momento, percebemos o potencial desse espaço e o quanto seria interessante e de grande riqueza promover atividades de História utilizando e ressignificando os bens que constituem este grandioso e riquíssimo acervo escolar. Desde então, imaginamos uma aula de História em um local em que os alunos e alunas pudessem ter contato direto com as fontes históricas, analisando, explorando, pesquisando e interagindo com os patrimônios produzidos no ambiente escolar e pela comunidade local.

Acredita-se, então, que nada substitui a relação com o objeto real como fonte de informação. Portanto, sabe-se que através dessa relação, os estudantes consigam construir o seu conhecimento histórico local e assim, sejam capazes de problematizar as questões atuais de sua realidade.

Portanto, pretende-se promover atividades que sirvam de inspirações para que outros professores e professoras de História, possam adaptar as suas aulas e realizarem uma prática educativa mais significativa para os seus estudantes, utilizando dos patrimônios históricos e escolares no processo de ensino e aprendizagem, despertando o senso de reconhecimento, problematização e de preservação da memória coletiva, indispensável para o processo de identificação com a história e a cultura local.



Sequência didática

As sequências didáticas e as atividades apresentadas neste trabalho são propostas de ações educacionais para serem realizadas nas turmas dos primeiros anos do Ensino Médio do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion. No entanto, como já mencionamos anteriormente, elas podem ser adaptadas e reinventadas para atender as possibilidades reais do meio em que serão realizadas. O objetivo de propor atividades com o uso das fontes históricas escolares do acervo deste estabelecimento de ensino, é de propiciar experiências educativas e patrimoniais entre professores, professoras e estudantes, com a finalidade de provocar reflexões e atitudes favoráveis em relação a problematização, a preservação e a valorização dos patrimônios da história e da cultura local.

Desta forma, organizamos atividades com algumas estratégias de aprendizagens mais colaborativas e desafiadoras, proporcionando aos estudantes saberes mais significativos para a construção do conhecimento histórico, rompendo assim, com as regras e normas do ensino de História tradicional.

A sequência didática desta prática de ensino, foram organizadas de forma sequencial conforme a orientação de Zabala (1998, p.18), para este estudioso, elas podem ser classificadas como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Cabe lembrar aqui que estas sequências didáticas estão compostas por conteúdos que foram selecionados para aulas e atividades de História, servindo de apoio para uma melhor compreensão das ações educativas propostas com o uso do acervo do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion como fonte de pesquisa e informação, ações estas que irão proporcionar aos estudantes a relação, a análise e a interpretação dos objetos e fotografias escolares reais, explorando a sua perspectiva histórica e possibilidades futuras.

Este material está composto por três sequências didáticas e cinco atividades educacionais, práticas estas para serem realizadas no acervo escolar exposto no corredor principal do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion, os temas selecionados para as aulas das sequências didáticas foram escolhidos pela necessidade de aproximar as ações educacionais propostas ao conhecimento histórico dos alunos.

Primeiramente, na Sequência Didática 1, será trabalhado o conceito e tipos de fontes históricas, assim como a sua importância para o trabalho do historiador na construção do conhecimento histórico. Através destas atividades, os estudantes poderão ter contato direto com as fontes e desenvolver a compreensão da prática do ofício do profissional da História.

Na Sequência Didática 2, o tema a ser trabalhado será o conceito de Patrimônios e os tipos de Patrimônios.



A finalidade desta proposta é provocar reflexões a respeito da possibilidade de educar-se através dos patrimônios escolares, estabelecendo uma relação do presente e do passado mediada pelos objetos desse acervo, proporcionando possíveis discussões entre professores, professoras, alunos e alunas sobre o reconhecimento da importância destes bens, da necessidade da sua valorização e preservação, assim, garantindo o contato da história e da cultura local à gerações futuras.

A história local é o terceiro assunto destas sequências didáticas, onde propõe-se a reflexão sobre a necessidade de professores, professoras e estudantes concentrarem-se em um ponto menor e mais próximo da sua realidade, como a sua rua, seu bairro, sua cidade ou sua escola, locais de onde partem a maioria dos saberes da comunidade escolar.

A história local propicia o trabalho coletivo durante todo o processo de construção, cabe lembrar também que ela possibilita, dependendo do recorte escolhido, a interdisciplinaridade, podendo trabalhar com diversas disciplinas como a Geografia, Sociologia, Biologia, assim como pode estabelecer relação com outros temas, campos e abordagens.

Cabe lembrar também que, muitas vezes, os alunos e alunas tem uma relação muito difícil com a história escolar em razão dos conteúdos serem muito distantes de sua realidade, portanto as atividades apresentadas neste guia propõem uma aproximação dos conteúdos de história com os estudantes.

A História Local é indicada por proporcionar o ensino do entorno dos alunos, indicando o passado sempre presente nos seus espaços de convivência, deixando de lado o ensino da história do poder local e dos dominantes, ligando-se a história e a cultura das pessoas comuns, dos chamados excluídos da história "oficial".

O uso das fontes e os patrimônios para o ensino da história local proporciona uma construção do saber mais compreensivo e participativo para os estudantes, considerando o papel protagonista e a autonomia dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 01

Tema da aula: Fontes Históricas - Explorando o passado e a importância do uso das fontes na construção do saber histórico



Objetivo da aula:

- Compreender a importância dos diferentes tipos de fontes históricas para a construção do conhecimento, enfatizando os diversos tipos de fontes utilizadas para a pesquisa, como as fotografias, as charges, as pinturas, os documentos escritos e não escritos, as narrativas, entrevistas, depoimentos, os vestígios materiais, os não materiais e entre outros;
- Desenvolver a análise crítica, a interpretação, a problematização e a contextualização das fontes históricas pelos estudantes;
- Estimular o pensamento histórico

Turma: 1º do Ensino Médio, alunos e alunas entre 14 a 18 anos de idade

Quantidades de aulas necessárias: 3 aulas



Habilidades da BNCC: (EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diferentes linguagens, com vistas à compreensão e a crítica de ideias filosóficas, processos e eventos históricos, geográficos, políticos e econômicos, sociais e ambientais.



Materiais usados e recursos necessários: laboratório de informática, quadro e giz, data show e imagens e material audiovisual (músicas e depoimentos)

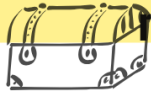
Aula 1 - Expositiva	Aula 2- Prática	Aula 3- Roda de Conversa
<p>Primeiramente, o professor ou a professora apresentará o tema da aula, feito isto, será realizado o conhecimento prévio dos seus estudantes, em seguida, explicará as etapas da sequência didática, assim como, o objetivo da aula, as atividades que serão realizadas e a avaliação proposta. Em todos os momentos serão respeitadas a participação dos estudantes.</p>	<p>A turma será dividida em dupla para a realização da atividade. Em seguida serão distribuídas as diferentes fontes históricas de um tema específico, depois será solicitado aos estudantes para que eles identifiquem o tipo de fonte que lhe foi entregue, analisem e interpretem, realizando a apropriação da informação, fazendo um desenho, uma charge, ou um texto, logo após, o estudante deverá explicar para a turma o que ele descobriu com a sua fonte histórica.</p>	<p>Será realizada uma roda de conversa entre o professor ou professora e os estudantes, onde eles deverão apresentar as suas opiniões e os desafios encontrados na realização da tarefa, o docente, deve concluir com os posicionamentos necessários buscando demonstrar a importância das fontes para o saber histórico, assim como a sua preservação e a valorização.</p>

AValiação: será avaliada a participação dos discentes em todas as etapas desenvolvidas, seus questionamentos e apontamentos, assim como sua autonomia e interpretação.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02

Tema da aula: Patrimônios Históricos, materiais, imateriais, reconhecidos e não reconhecidos: Conhecendo os patrimônios históricos culturais



Objetivo da aula:

- Compreender os diferentes conceitos de patrimônios e os tipos de patrimônios existentes;
- Conscientizar sobre a importância do reconhecimento, da problematização, valorização e proteção dos patrimônios materiais, não materiais, consagrados, não consagrados, locais, regionais e nacionais para a construção do conhecimento histórico e assegurar o contato às gerações futuras;
- Desenvolver a conscientização entre os estudantes sobre a importâncias dos bens para a cultura, para a construção da identidade e da cidadania.

Turma: 1º do Ensino Médio, alunos entre 14 a 18 anos de idade

Quantidades de aulas necessárias: 3 aulas.

Habilidades da BNCC: (EM13CHS104) analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e espaço.

Materiais usados e recursos necessários: laboratório de informática, quadro e giz, data show e imagens (fotografias) e vídeos



Aula 1 - Expositiva	Aula 2- Prática	Aula 3- Debate
<p>Serão apresentadas para os estudantes os diferentes tipos de conceitos de patrimônios existentes, explicar conscientizando que os bens são selecionados e reconhecidos para atender um contexto histórico e social. Cabe lembrar também a existência daqueles bens que não são reconhecidos pela história oficial.</p>	<p>Será separados os alunos em duplas para a realização de uma pesquisa sobre os patrimônios e os tipos de patrimônios. Depois da pesquisa terminada, o docente pode convidar os alunos para um passeio pelo colégio e solicitar que identifiquem um patrimônio escolar exposto, feito isto, os estudantes deverão descreve-los e relacionar a sua importância ou utilidade para o ambiente escolar</p>	<p>Nesta aula será discutida entre os estudantes a importância dos patrimônios para a nossa identidade. Será realizada uma roda de conversa sobre os assuntos discutidos nas aulas, com a finalidade de conscientizar sobre a importância do reconhecimento, da problematização, da valorização e da preservação dos patrimônios para a história e a cultura de um povo ou de uma localidade.</p>

AValiação: Avaliaremos a participação dos alunos em todas as etapas desenvolvidas, seus questionamentos e apontamentos, assim como sua autonomia e interpretação a respeito do assunto discutido.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03



Tema da aula: conhecendo a História Local e valorizando a minha identidade histórica



Objetivo da aula:

- Entender e reconhecer a história local como fundamental para o desenvolvimento da sua identidade, assim como, provocar questionamentos acerca da realidade e da sua localidade;
- Valorizar a história local e reconhecer a sua importância para o processo de construção histórica;
- Identificar a importância dos diferentes sujeitos e culturas para a história e para a formação da identidade local.

Turma: 1º do Ensino Médio, entre 14 a 18 anos de idade

Quantidades de aulas necessárias: 3 aulas



Habilidades da BNCC: (EM13CHS102) identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais hegemônicas (etnocêntrica, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Materiais usados e recursos necessários: laboratório de informática, quadro e giz, data show e imagens (fotografias), recortes de jornais e revistas, documentos históricos locais, cartas, mapas e vídeos



Aula 1 - Expositiva	Aula 2- Prática	Aula 3- Debate
<p>A aula iniciará com a apresentação dos conceitos de História Local e a importância, identificar e reconhecer alguns espaços, sujeitos e culturas que fizeram e fazem parte da história e da realidade da cidade de Antonina. Busca-se possibilitar que o estudante possa fazer reflexões a respeito do seu cotidiano e da realidade a sua volta.</p>	<p>Os alunos e alunas serão separados em grupo de quatro pessoas, feito isso, será solicitado para cada grupo identificar um patrimônio que consideram importante na sua cidade e região, logo após, os alunos irão pesquisar no laboratório fotos e imagens do patrimônio escolhido. Em seguida irão fazer o antes e o depois, identificando as mudanças e as permanências das imagens pesquisadas e finalizar com uma pesquisa sobre a história do patrimônio, e a apresentação para a sala.</p>	<p>Neste encontro será discutido sobre a história local e a valorização da cultura e identidade da localidade, assim como, debater sobre as curiosidades, os espaços e os sujeitos que muitas vezes, ficam de fora da história contada, refletir sobre as suas possíveis causas e a importância da escola no papel da construção dos diferentes saberes de uma cidade.</p>



AValiação: será avaliada a participação dos(as) estudantes na atividade solicitada e a aprendizagem sobre os assuntos relacionados na tarefa, assim como será identificado se o aluno ou aluna é capaz de compreender como consiste no trabalho de reflexão, seleção e escrita do historiador, tendo como base os conceitos históricos.



16



Sugestões de atividades para serem realizadas com estudantes utilizando os bens patrimoniais escolares do acervo do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion

As sequências didáticas aqui apresentadas foram elaboradas em razão de auxiliar os alunos, as alunas, professoras e os professores de História nas atividades de Educação Patrimonial e estimular o uso dos patrimônios históricos e culturais nas aulas de História de forma lúdica e mais agradável.

Desta forma, sugere-se como propostas, ações pedagógicas que proporcionem aos estudantes a experiência com o contato direto com as fontes históricas produzidas no ambiente escolar e assim busca-se desenvolver os diferentes sentidos.

Sabe-se que ao olhar e manusear um objeto pode-se sensibilizar o sujeito a respeito da necessidade da valorização dos patrimônios e das identidades locais.

Caros professores, professoras, leitores e leitoras, acredita-se que através das metodologias utilizadas do Guia Básico de Educação Patrimonial (observação, registro, exploração e apropriação), pode-se construir uma consciência preservacionista e, ao mesmo tempo, reconhecer os indivíduos como produtores de diferentes saberes.

Acredita-se que o uso dos patrimônios escolares nas aulas de História, favorece a ampliação da visão crítica da comunidade escolar a respeito do passado, da memória e da história oficial, dada muitas vezes como verdade absoluta.

Deseja-se com esta ação educacional explorar o potencial dos objetos escolares do acervo do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, e assim construir uma compreensão crítica e científica dos patrimônios, da sua escola, cidade e da história da sua localidade.

Espera-se desenvolver as habilidades de observação, de contextualização e problematização, fazendo da história escolar um conhecimento significativo, diminuindo o seu distanciamento com os estudantes e levando a sensibilização e a apropriação dos bens culturais pela comunidade envolvida.





Assim, o reconhecimento, a valorização e a preservação podem ocorrer de forma habitual, cotidiana e natural, deixando que o desaparecimento, o desleixo e abandono, desses bens, da memória e da identidade local aos poucos deixem de ocorrer.

Desta forma, foram pensadas em cinco atividades para serem feitas com o uso do acervo do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion no sentido de contribuir para a sensibilização e da apropriação dos bens culturais pela comunidade envolvida, sendo, as ações educacionais fundamentais para a valorização dos bens culturais e para o fortalecimento da identidade local. As atividades lúdicas com as fontes históricas escolares, foram criadas para facilitarem o interesse e a participação dos estudantes nas aulas de História, desenvolvendo as suas habilidades de observação, contextualização e valorização dos patrimônios e da história local. As práticas pedagógicas serão apresentadas passo a passo a seguir neste Guia.





Proposta 01

Uma caminhada pelo corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion: admirar as fotografias e realizar um Jogo da Memória



Objetivo da aula



- Reconhecer a importância de realizar atividades com o uso das fontes históricas disponíveis no ambiente escolar;
- Identificar os objetos e fotografias expostas no corredor como patrimônios escolares;
- Valorizar a identidade cultural escolar;
- Reconhecer a importância desse acervo para a memória escolar;
- Compreender a importância do uso da fotografia como fonte histórica para a história local.





Primeiro Passo

Poderá iniciar a aula com a explicação de alguns conceitos utilizados como: fontes históricas, fotografias, patrimônio material, imaterial, consagrado, não consagrado e memória.



Segundo Passo

O docente convidará seus estudantes para realizarem uma caminhada pelo corredor principal do Colégio, parar e observar o que está a sua volta, escolher e analisar com atenção uma fotografia do acervo escolar.



Terceiro Passo

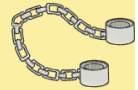
Após alguns minutos em que os alunos olham e admiram a fotografia escolhida, os alunos são convidados a ficarem de costas para a imagem e com o “olhar de historiador” e são convidados a descrever para a classe os detalhes da fotografia escolhida por ele. O docente poderá realizar alguns questionamentos para o estudante.





Sugestões de perguntas que podem ser realizadas com o estudante:

- a) A foto é colorida ou preta e branca?
- b) Quantas pessoas estão na foto?
- c) Esta foto é atual ou antiga?
- d) Quem são? Parecem ser alunos? Professores? Funcionários? Ou pessoas da comunidade em geral?



- e) O que estão fazendo?
- f) Que lugar foi tirada a foto?
- g) Consegue identificar se é algum evento retratado na foto?
- h) Qual é o sentimento que a foto passa ao observador?
- i) Qual o ano da fotografia?
- j) Qual relação da imagem com a história local?



Quarto Passo – Primeira conclusão da aula

Em sala de aulas os alunos e alunas apresentarão as suas opiniões sobre a atividade realizada, identificando a importância do acervo escolar para a memória e identidade escolar.

O professor ou professora pode desejar continuar com a mesma atividade, solicitando aos estudantes a descrição do corredor em detalhes, pedindo que os alunos e alunas identifiquem outros objetos expostos no local, as características da decoração, arquitetônica, assim como o estado de conservação do ambiente, bem como descrever as funcionalidades do espaço.

Acredita-se que ao realizar uma prática educativa com o uso da fotografia no ensino de História, o docente estará proporcionando aos estudantes o desenvolvimento do processo de percepção sobre as transformações e as permanências ao longo do tempo, levando os alunos e alunas a desbravarem o espaço além da sala de aula, desenvolvendo o senso crítico. Sendo assim, sabe-se que a fotografia tem o papel educativo fundamental no processo de ensino aprendizagem.





Proposta 02

Recepcionar e apresentar o acervo do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion para outros alunos



Introdução da aula

Apresentação da proposta da atividade para os estudantes e explicação a respeito da importância desta ação educativa.

Objetivo da aula:

- Conhecer e valorizar os diferentes patrimônios escolares expostos nos corredores;
- Interagir com outros estudantes do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion e com os de outras instituições de ensino;
- Compreender a importância do reconhecimento, da valorização e do uso dos objetos que constituem o acervo escolar para o ensino de História;
- Reconhecer a necessidade de se aprender a história local para a construção da memória e identidade escolar;
- Estimular o senso de pertencimento e cuidado com os patrimônios escolares.

Material usado para a aula

Giz e quadro, celulares ou câmeras fotográficas, papel, caneta e o laboratório de informática.





Primeiro Passo - 02 aulas

- Iniciar a aula com o uso do giz e quadro negro explicando sobre os principais assuntos necessários para esta atividade como: conceito de fonte histórica, os tipos de fontes, conceito de patrimônios, os tipos de patrimônios, conceito de memória, identidade, a História do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion e a história local;
- Falar sobre a importância do acervo do corredor para a construção da memória escolar;
- Explicar a importância da preservação dos patrimônios escolares.

Segundo Passo - 02 aulas

- Convidar os alunos e as alunas a explorarem o corredor do colégio destacando os objetos, móveis e fotografias encontrados;
- Apresentar os patrimônios do acervo do corredor do Colégio Estadual Cívico Moysés Lupion para os estudantes;
- Solicitar aos alunos e alunas para fotografarem o corredor, seus objetos, fotografias e outros patrimônios que lhes chamarem a atenção;
- Realizar anotações e a descrição dos objetos e fotografias expostos no local, destacando suas características e importância;
- Incentivar a busca por informações ou curiosidades sobre os objetos e fotografias expostas no local através de pesquisa no laboratório ou com entrevistas com a comunidade local.

Terceiro Passo - 02 aulas

- Momento de apresentação, onde os alunos e alunas poderão compartilhar com os colegas e com o docente as informações que conseguiram sobre o patrimônio escolar escolhido e a importância desse bem;
- Exposição no datashow das fotografias dos patrimônios escolhidos por cada aluno;
- Considerações e discussão entre docente e estudante sobre a apresentação e sobre a importância do bem escolhido.

Quarto Passo - 01 aula

- Apresentação dos patrimônios escolares do corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion e interação através de dinâmicas e brincadeiras com a comunidade escolar e estudantes de outras instituições.

Quinto Passo - 01 aula

- Reflexão sobre a importância da atividade e dos patrimônios escolares para o ensino de História, assim como, como a da realização da atividade e de suas etapas;
- Reflexão sobre a relação entre patrimônio, memória e identidade.





Proposta 03

Construindo uma caixa histórica itinerante da nossa comunidade escolar



Objetivos da aula:

- Identificar e selecionar as fontes históricas relevantes para a história escolar;
- Compreender a importância das fontes históricas para a história escolar;
- Estimular novas buscas por objetos que podem constituir a caixa histórica;
- Desenvolver a curiosidade e o interesse dos alunos e das alunas pela História local;
- Incentivar participação e o trabalho em grupo dos estudantes;
- Organizar as fontes em uma caixa.

Materiais necessários para a atividade:

- Caixa para armazenamento
- Papel e caneta para as anotações
- Celulares para fotografar
- Fotografias, mapas, recortes de jornais, recortes de revistas, trechos de entrevistas, objetos antigos, entre outros relacionados a História local escolar.
- Internet para realizar as novas buscas de objetos para constituir a caixa História.

Obs.: os estudantes podem solicitar contribuição de informações, objetos, fotografias e narrativas para ex-alunos, alunas, professores, professoras, funcionários e funcionárias que passaram pelo colégio.





Primeiro Passo - 01 aula

- Apresentar a atividade aos estudantes;
- Explicar o conceito de fontes históricas, os tipos de fontes históricas, patrimônio, tipos de patrimônios e história local;
- Discutir sobre a importância das fontes históricas para a construção da História local escolar;
- Apresentar a proposta da construção da caixa histórica e a importância desta atividade.

Segundo Passo - 01 aula

- Dividir a turma em grupos;
- Incentivar os alunos e as alunas a buscarem na comunidade escolar fontes históricas relacionadas a história, os fatos importantes e as curiosidades sobre Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion;
- Reunir e selecionar as fontes necessárias para a construção da caixa Histórica itinerante.

Terceiro Passo - 01 aula

- Organização das fontes nas caixas;
- elaboração das etiquetas com as informações das fontes selecionadas;
- roteiro de apresentação e exposição das fontes históricas selecionadas para a comunidade.

Quarto Passo - 01 aula

- Apresentação e exposição no corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion da caixa para a comunidade escolar;
- Realizar as atividades e questionamentos que compõem a caixa com a comunidade escolar;
- Alunos e alunas devem explicar as fontes selecionadas e a sua importância para a comunidade escolar;
- Estabelecer conexão entre as fontes e a história local escolar;
- Reconhecer que todos somos sujeitos da História, inclusive os que não são citados e deixados de fora da história oficial;
- Identificar a importância da preservação e valorização da história e da cultura local.

Quinto Passo - 01 aula

- Reflexão sobre a atividade, identificando e discutindo os pontos positivos e negativos, assim como a relevância desta proposta de atividade para a história local;
- A atividade permitirá o contato direto dos estudantes com as diversas fontes históricas importantes para a construção do conhecimento histórico, assim como, o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e organização





Proposta 04

Caminhando, observando e descrevendo o corredor do Colégio estadual Cívico Militar Moysés Lupion



Objetivos da atividade:

- Identificar os patrimônios escolares localizados no corredor do colégio;
- Reconhecer a importância da realização de ações neste espaço da escola;
- Compreender e valorizar os patrimônios do corredor do colégio;
- Interpretar as diferentes fontes expostas no espaço escolar;
- Despertar o senso de pertencimento através da história escolar.

Materiais utilizados para aula

Papel e caneta, celulares para fotografar, data show, giz e quadro

Primeiro passo - 01 aula

- Exposição da proposta da atividade de caminhar, observar e descrever o corredor do colégio aos estudantes;
- Explicação dos conceitos de patrimônio escolar, a história do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion e o trabalho com fontes históricas.

Segundo passo - 01 aula

- O professor ou professora irá com os alunos realizar um passeio pelo corredor do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, solicitando para os estudantes observar tudo com muita atenção e realizar anotações sobre o objeto (que podem ser fotos, desenhos e texto) e escrever sobre a funcionalidade daquele objeto.





Terceiro passo - 01 aula

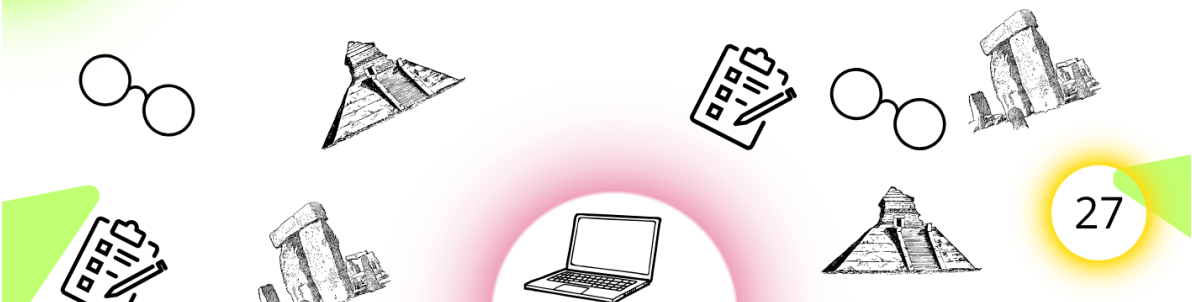
- O estudante irá descrever o que mais lhe chamou atenção no corredor, a importância desse objeto descrito, a funcionalidade e as suas principais características.

Quarto passo - 01 aula

- Apresentação e compartilhamento com os estudantes da descrição do patrimônio escolhido, a sua importância, características, a funcionalidade do objeto na história e na atualidade. Feito isto, os estudantes identificarão os motivos da sua escolha.

Quinto passo - 01 aula

- Debater da importância da atividade, identificar os pontos positivos e os negativos da prática educativa.





Proposta 05

Interpretando as fotografias do Corredor do Colégio estadual Cívico Militar Moysés Lupion - Parar, observar, sentir e interpretar




Objetivo da atividade:

- Reconhecer a fotografia como uma importante fonte histórica para a construção do conhecimento histórico;
- Incentivar o uso da fotografia como fontes históricas para a prática do ensino de História;
- Preservar a memória e identidade local.

Material utilizado para a aula

Giz, quadro, caneta, caderno e data show





Primeiro passo - 01 aula

- Apresentação da proposta de atividade para os estudantes;
- Explicar o conceito e importância das fontes históricas;
- Ensinar o uso da fotografia como fonte histórica;
- Identificar os tipos de informações mais comuns adquiridas com o uso das fotografias.

Segundo passo - 01 aula

- Convidar os alunos e as alunas para caminhar no corredor, observar e identificar uma fotografia que lhe chamou a atenção;
- Registrar através do uso câmara do celular.

Terceiro passo - 01 aula


- Descrever todos os aspectos da fotografia e as principais informações que obteve com o uso desta fonte;
- Informações como data, que acontecimento foi fotografado, sentimentos das pessoas, se for paisagem descrever e relacionar com a imagem atual.

Quarto passo - 01 aula

- Apresentar para a turma;
- Descrever a fotografia com as informações mais importantes e apresentar para a turma;
- Descrever a fotografia com as informações mais importantes e explicar o motivo da escolha para os outros estudantes;
- Provocar opiniões sobre a imagem escolhida, observada, registrada e descrita.

Quinto passo - 01 aula

- Debate;
- Alunos e as alunas darão a sua opinião sobre a atividade realizada, identificarão os pontos positivos e negativos



Considerações finais

Professoras e professores, chegamos ao fim deste guia! Se você chegou até aqui, saiba que este final marca o início de uma série de reflexões e de possibilidades de ações educacionais que podem ser realizadas nas aulas de História.

Desde o princípio, a pertinência deste estudo era o de promover e ampliar as discussões a respeito da importância do ensino da história da cidade de Antonina, visto que, como moradora do município e professora de História, pude perceber com a minha prática docente o desinteresse e o abandono com a história e os patrimônios locais.

No entanto, durante as aulas, estudos e debates promovido pelo programa de Mestrado do ProfHistória, pude constatar grandes possibilidades de mudar essa realidade de Antonina, proporcionando sugestões de diferentes estratégias do Ensino de História Local que tenha como metodologia a Educação Patrimonial.

Pensando neste sentido, a pretensão desta escrita, foi de ofertar uma proposta educacional de ensino de História local através do uso dos patrimônios encontrados no ambiente escolar, neste caso, no acervo localizado no corredor principal do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, rico em objetos e fotografias, fontes de estudos e pesquisas que podem enriquecer o ensino de História por meio do contato e manuseio destes bens escolares.

Assim, acredita-se na necessidade de ampliar a nossa visão e mente para as possibilidades de perceber que estas fontes de estudos estão em toda parte, na cidade, nas ruas, nos bairros e até mesmo nos corredores escolares e que podem ser utilizadas como recurso metodológico para o ensino e aprendizagem histórico.

Deste modo, quando pensamos em realizar este guia de orientações, teve-se a perspectiva de sugerir práticas educativas para serem realizadas entre os docentes de História e seus estudantes e de forma colaborativa e participativa, proporcionando um ensino de História de qualidade, preparando os alunos e as alunas para exercer a sua cidadania e transformar a realidade em que vivem, neste caso, um olhar mais sensível para a História e os patrimônios locais, ressignificando a relação de pertencimento com o município.

Ademais, muitas vezes, cabe aos docentes desejosos por mudança, adaptar os métodos e os conteúdos em sala de aula, transformando os assuntos programados em temas mais relevantes para sua realidade e para os estudantes, propondo um ensino de História Local que deixe de privilegiar os estudos dos grandes heróis, dos governantes e as suas ações, mas sim, sugerimos ações metodológicas com diferentes assuntos do ensino de História, como fontes históricas, patrimônios, história local e memória.



Buscamos então, apresentar um saber mais próximas dos estudantes, do seu cotidiano, diminuindo assim, o distanciamento dos alunos e das alunas com o conhecimento histórico. Cabe lembrar, que estas práticas educativas podem ser adaptadas e realizadas com qualquer turma do ensino regular e estabelecimento, sendo livre para o docente escolher se serão aplicadas nas suas aulas relacionando com os conteúdos programados, no contraturno ou até mesmo em algum evento escolar.

Cabe mencionar que este trabalho surgiu diante da necessidade de se pensar na escola não somente como lugar de construção do conhecimento científico, ou de um ambiente tradicional de ensino, cheio de normas e regras, mas sim, com uma escola de trocas de saberes, uma escola problematizadora e emancipadora, onde respeita a diversidade, a cultura e a história de pessoas comuns, uma escola que prepara o estudante para refletir e discutir sobre a sua realidade e o seu cotidiano.

Uma das questões fundamentais na sociedade atual é reconhecer a importância do papel da escola na vida dos estudantes, uma vez que houve uma ampliação dos ambientes de ensino e aprendizagem, principalmente com os ambientes virtuais, mas ainda assim a instituição escolar continua sendo única em seu papel no processo educativo.

Pensar na escola e as suas diversas representações só foi possível em razão dos estudos promovidos pelo ProfHistória e pela a minha experiência em sala de aula como docente de História, sendo fundamentais para compreender e perceber a necessidade da inclusão de ações pedagógicas voltadas para a Educação Patrimonial e para os estudos da História local, buscando aprofundar as discussões com os estudantes sobre memória, identidade e patrimônios históricos nas aulas de História.



Portanto, outro ponto fundamental a mencionar, foi o de utilizar o acervo localizado no corredor principal do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion como fontes históricas de pesquisa, e levar para discussão em sala de aula os patrimônios, os espaços e sujeitos locais, possibilitando os alunos a problematizar a sua realidade e ao mesmo tempo reconhecer-se como sujeitos históricos.

Para a realização deste trabalho percorremos um longo caminho de estudos, pesquisas, discussões e reflexões, no entanto, não temos a pretensão de apresentar um caminho certo ou uma verdade absoluta para a construção do conhecimento histórico, pretende-se, colaborar com uma alternativa de trabalho para os professores e professoras, assim como, com outros trabalhos e pesquisas possibilitando novos caminhos para uma educação de qualidade.

Antes de concluir esta consideração final, cabe comentar um fato essencial: as fotografias que ilustram este guia foram todas fotografadas do acervo escolar durante a pesquisa de campo realizadas nos espaços do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, ou seja, os objetos e as fotografias podem ser utilizadas para as atividades aqui propostas, proporcionando uma significativa relação entre os estudantes e o acervo escolar.

Não podemos deixar de mencionar a importância do programa ProfHistória, suas aulas, os textos, dos professores e das orientações foram fundamentais neste





processo de pesquisa e escrita desta dissertação, programa proporciona uma formação para professores e professoras voltada para a inovação e a qualidade do ensino de História, promovendo-me um olhar mais sensível e crítico para as necessidades da escola e do ensino de História. Assim, reconhecemos que um dos objetivos desta pesquisa é o de fornecer subsídio para uma prática que desperte os estudantes para a importância da preservação e valorização dos bens patrimoniais, da história e da cultura, assim como o reconhecimento da sua memória e identidade local.

Insistimos no convite aos leitores e leitoras para realizarem a leitura desta dissertação na íntegra, assim como outros importantes trabalhos que estão disponíveis na site do ProfHistória.



Obrigada pela leitura, até a próxima!



Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes, Ensino de história: fundamentos e métodos. 2º Ed. São Paulo: BR Cortez. 2008.

COOPER, Hilary. Ensino de história na educação infantil e anos iniciais: um guia para professores. Curitiba: Base Editorial, 2012

FERRARI, Aída Lúcia. Educação patrimonial. In: Grupo Gestor (org). Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, p. 107 – 120, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Dias de (Coord.). Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro: FGV, 2009

FIGUEIREDO, Betania Gonçalves . Patrimônio Histórico e Cultural: Um novo campo de ação para os professores. In: IEPHA/SEE-MG. (Org.). Educação patrimonial: Reflexões e contribuições para educação patrimonial - Coleção Lições de Minas. 1ed. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 2002.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim et.al. Educação patrimonial: histórico, conceito e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília. IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

SALVADORI, Maria Ângela Borges, História, ensino e patrimônio. Araraquara (SP): Juqueiras e Marin editores, 2008.

ZABALA, Antoni, A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

As atividades sugeridas neste guia de orientação para professores e professoras são apenas algumas propostas de práticas indicadas para as aulas de História Local, no entanto, elas podem ser adaptadas dependendo das necessidades do professor e da professora, da turma e do estabelecimento que será aplicada, desta forma, acredita-se que o objetivo desta prática educacional é conscientizar a comunidade escolar para a importância da valorização, do uso e da preservação do acervo localizado no corredor do colégio.

Deve-se também ressaltar o intuito de compreender a relação entre aluno e os saberes escolares no processo da construção do conhecimento histórico, assim como reconhecer a escola como espaço de pesquisa e de informação. Assim, espera-se que estas atividades contribuam como subsídios para que professores de História utilizem os patrimônios do ambiente escolar como uma importante ferramenta de ensino e aprendizagem histórica, despertando o interesse dos estudantes e da comunidade para as aulas de História, promovendo um processo de ensino mais envolvente, contextualizado e problematizado.

Espera-se também com esta pesquisa que professores, professoras e estudantes despertem para a importância da educação patrimonial no reconhecimento, preservação e na valorização dos bens escolares para a construção do sentimento de pertencimento da identidade e memória local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas três décadas, a História escolar vem passando por mudanças expressivas no contexto histórico, marcado por momentos importantes no Brasil que atingiram estrategicamente a disciplina de diversas formas. Como se não bastassem, nos últimos anos em um cenário marcado por disputas políticas e sociais, por inverdades causadas por *fake news* e pelo avanço do negacionismo, presenciamos a descrença com a disciplina, a desvalorização do profissional da História, diminuição dos números de aulas que vem ocorrendo a cada ano e a falta de interesse dos estudantes com o conhecimento histórico são alguns dos ataques que vem ocorrendo com a disciplina.

Essas agressões nos levam a refletir e a debater sobre o Ensino de História na conjuntura atual, diferentes caminhos educacionais para uma educação básica de qualidade vêm sendo constantemente pensados, novas estratégias, métodos e conteúdos possíveis que envolvam os diversos saberes que constituem o ambiente escolar vem ganhando novas dimensões.

Definir o que deve ser ensinado torna-se cada vez mais uma tarefa árdua e tomar as melhores decisões para ensinar são preocupações constantes do ofício do docente, principalmente o de História.

Diante disso, acredita-se que estes caminhos para as transformações no Ensino de História não dependem somente do compromisso do professor, mas sim, de uma série de outros fatores que atingem diretamente a qualidade do ensino de História no país. Assim, questões como estas foram motivações para a realização desta pesquisa de dissertação de Mestrado do ProfHistória e de futuras experiências profissionais e acadêmicas que enriqueçam o ensino e aprendizagem da disciplina, potencializando cada vez mais a construção do conhecimento histórico.

Cabe lembrar que atualmente presenciamos o crescimento do conhecimento ágil da tecnologia informativa e da internet comunicativa, onde as formas de conhecimentos são constantes e diversas, os conteúdos históricos escolares e o ensino tradicional da História não apresentam-se mais tão interessantes para os estudantes, cansados com os assuntos tão distantes de suas realidades. Diante deste contexto, como professora da rede básica de ensino com mais de quinze anos de experiência em sala de aula, sinto-me na necessidade de buscar diferentes estratégias para diminuir a relação “odiosa” dos estudantes com o conhecimento histórico, sugerindo como estratégia metodológica práticas educacionais com o uso e contato direto com as fontes históricas, neste caso, particularmente, com os vestígios produzidos

pela comunidade escolar do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion da cidade de Antonina, como forma de reconhecimento e de valorização dos patrimônios locais. A escolha pela cidade e pelo estabelecimento de ensino como recorte espacial desta pesquisa, já foram mencionados em outras ocasiões neste trabalho.

No entanto, reconhecemos que o município de Antonina, localizado no litoral do Estado do Paraná é uma das cidades mais antigas do Estado. Mesmo tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) por ter uma riquíssima história e um deslumbrante conjunto patrimonial, não existe nenhum projeto educacional na cidade, nas escolas ou em outras instituições que favoreça e contemple a Educação Patrimonial e a História Local do município. Muito pelo contrário, as instituições escolares da cidade, nem se quer incentivam práticas e ações relacionadas ao Ensino de História. Nenhuma dos sete colégios da rede estadual já desenvolveram ou desenvolvem algum projeto ou ação relacionado algum assunto da disciplina. Desta forma, questiono: como sensibilizar os estudantes para a importância do reconhecimento da História e dos patrimônios locais para a formação da sua identidade?

Assim, sabe-se que a Educação Patrimonial e o ensino de História Local quando contempla o uso e a interpretação dos patrimônios locais (escolares) contribui para a construção da identidade e da memória local, considerando os diferentes saberes, os espaços, sujeitos e as particularidades da localidade no processo de construção do conhecimento histórico, portanto, entende-se que estudar as questões locais é fundamental para que alunos e alunas desenvolvam-se historicamente, agregando conhecimentos que não encontramos nos livros e materiais didáticos de História.

Portanto, acredita-se que seja fundamental saber que o estudo da História Local não necessariamente deve ser um ensino isolado da história do mundo, mas sim, conectado aos acontecimentos regionais, nacionais e globais, desta forma, os estudantes podem reconhecerem-se como sujeitos históricos não isolados do mundo.

Neste entendimento, esta dissertação denominada “O Ensino de História e a Educação Patrimonial: os corredores do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion de Antonina/PR” buscou promover discussões e reflexões a respeito do ensino desta disciplina, sugerindo como prática metodológica e a realização de ações educacionais voltadas para o ensino da História da localidade através da metodologia da Educação Patrimonial. Estas propostas sugeridas nesta pesquisa faz o uso dos patrimônios materiais, imateriais, consagradas e não consagradas do acervo localizado no corredor principal deste estabelecimento de ensino, as práticas foram criadas para serem desenvolvidas em conjunto

com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de forma colaborativa e permitindo a participação dos estudantes nas reflexões, nos debates e nas ações desenvolvidas em todas as etapas das aulas.

No entanto, diante de uma série de dificuldades encontradas no percurso deste trabalho e da inviabilidade para a execução dessas atividades no Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion, em virtude das dificuldades de organização do tempo entre a pesquisa, o estudo e escrita, não foi viável sua aplicação até o momento. Portanto, as práticas foram pensadas e sugeridas para serem realizadas por professores e professoras de História desejosos de enriquecer a sua prática educacional, tornando-a mais interessantes para os estudantes. No entanto, no diário que consta nesta dissertação, relato uma experiência de adaptação das ações propostas neste trabalho, onde utilizo de um bem escolar como fonte de pesquisa e informação para o ensino da História Local.

Cabe ressaltar que estas práticas educacionais foram elaboradas para serem adaptadas para alunos e alunas de qualquer idade, série e estabelecimento, atendendo as diferentes particularidades do contexto escolar. Podendo ser realizadas como uma alternativa curricular, relacionado aos conteúdos programados ou no formato de projeto no contraturno com a participação voluntária dos estudantes.

É imprescindível mencionar que este estudo buscou uma nova compreensão do ensino de História Local. Através do significado atribuído aos patrimônios escolares, pretende-se o desenvolvimento de forma natural de uma cultura preservacionista e identitária dos estudantes, reconhecendo e valorizando a sua memória e identidade por meio do contato direto e manuseio destas fontes, possibilitando assim, a diminuição do distanciamento entre alunos e alunas e o ensino de História.

A proposta de atividade com o uso das fontes escolares nas aulas de História buscou potencializar o alcance da Educação Patrimonial e da História Local no ensino de História, proporcionando aos estudantes o pensamento sobre “fazer história”, sobre o trabalho do historiador, assim como os seus métodos, sua não-neutralidade e a seleção dos patrimônios, muitas vezes, bens de sujeitos ou grupos relegados ao silenciamento.

Para facilitar a aplicação das atividades, foi elaborado e incluído no capítulo três deste trabalho, como produto educacional, um Guia de Orientações para professores e professoras de História, constituído de três sequências didática dos assuntos necessários para o desenvolvimento de cinco atividades baseadas na metodologia da Educação Patrimonial, apresentadas passo a passo neste mesmo guia. Este material pode ser disponibilizado para as escolas locais como sugestões de atividades de História.

Sem dúvida, em uma visão geral, acredito no potencial desta pesquisa, dos assuntos abordados, nos aportes teóricos pesquisados e principalmente nas propostas de atividades, visando que este trabalho seja uma sugestão de práticas metodológicas a serem contempladas nas aulas da disciplina, porém, estamos conscientes de que nem tudo está perfeito e da responsabilidade das adequações que serão necessárias.

As considerações finais apresentadas nesta pesquisa não apresentam resultados da aplicabilidade das ações, sendo inviável a sua realização por incompatibilidade de tempo dos colégios no exercício da função de professor no período da elaboração desta pesquisa. No entanto, as aulas, as discussões, os debates, os estudos, pesquisas, orientações e sugestões foram enriquecedoras e extremamente satisfatórias para dar continuidade a esta dissertação.

Entre os obstáculos vivenciados no transcorrer do trabalho, podemos mencionar que foram poucos, no entanto significativos. Neste caso, cabe lembrar a necessidade de mudarmos o objeto de pesquisa, onde a princípio, o cerne desta dissertação seria o arquivo escolar do Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion. Os estudos transcorriam por este caminho, mas ao realizar a primeira visita no estabelecimento escolar, percebemos a impossibilidade de continuarmos neste mesmo percurso e que a mudança do foco central desta pesquisa era inevitável. Lembro-me que nesta primeira visita, ao caminhar pelos corredores desta instituição de ensino, observamos o acervo de objetos e fotografias expostas no local que nos chamou muita atenção. Pensamos e conversamos que o novo tema de discussão estava bem diante de nossos olhos. Confiantes, esperançosos e cientes da responsabilidade dessa nova proposta, fomos traçando novos caminhos a serem percorridos.

Desta forma, consciente de que todas as pesquisas realizadas, as visitas no colégio e as conversas informais com a comunidade escolar, não contribuíram somente com o meu crescimento intelectual, mas sim, para uma transformação pessoal e profissional, ao propor um trabalho que oferece como alternativa para o Ensino da História Local, atividades inspiradas na metodologia da Educação Patrimonial, através da interpretação dos patrimônios escolares, permitiu-me rever a minha prática em sala de aula, abrindo brechas para a realização de um trabalho mais consciente, afetivo e revolucionário.

Um grande desafio na realização desta dissertação e que não poderia deixar de mencionar, foi a de criar um Guia de Orientações para professores e professoras com fotos e ilustrações. Optei pelo Canva Education, plataforma para professores, professoras e estudantes criarem aulas e apresentações com um toque de criatividade, a princípio, encarei como um grande obstáculo, pois não sou nada “tecnológica”, no entanto, resolvi superar e encarar com responsabilidade e dedicação, pois acredito que tudo seja uma aprendizagem e

neste momento o meu era de romper a barreira que havia entre mim e a tecnologia. A dificuldade, a falta de criatividade e de tempo me agustavam cada dia.

No entanto, desde o início do mestrado eu sabia que iria encontrar algumas dificuldades e que teria que persistir e superá-las, digamos que esta foi um delas.

Assim, em um balanço final, evidencio alguns apontamentos importantes que encontrei durante a elaboração desta pesquisa que cabe mencionar: primeiramente, percebe-se que quanto mais o docente oportuniza aos alunos e alunas uma ação com o uso das diferentes fontes de pesquisa, mais os estudantes poderão avançar na aquisição dos diferentes saberes adquiridos pela interpretação e pela análise destes bens, proporcionando assim, um Ensino de História que permite o desenvolvimento da cidadania e da identidade do sujeito.

O trabalho com as fontes históricas é tão importante nas aulas de História por possibilitar aos estudantes a experiência de aprender na prática, como se constitui o conhecimento histórico.

Em relação ao Ensino da História Local, entende-se que quando os docentes contextualizam e problematizam a realidade dos alunos e alunas, oferecendo uma relação entre o passado e as questões políticas, econômicas, sociais e culturais atuais, despertam a criticidade dos estudantes que aprendem a história discutindo, debatendo, refletindo, respeitando, reconhecendo e valorizando as diversas identidades culturais em que estão em contato, assim, a aula torna-se mais atrativa, diferenciada e prazerosa, saindo da rotina das aulas tradicionais, levando os estudantes a gostarem de aprender história.

Sendo que a metodologia é considerada como o ponto inicial para o desenvolvimento de inúmeras competências importantes para a construção dos saberes dessa disciplina, assim, para finalizar, a metodologia aqui sugerida como produto educacional pode ser facilmente reproduzida e adaptada, podendo ser a inspiração para o trabalho de outros profissionais da educação comprometidos com o Ensino de História de qualidade, buscando cada vez mais aperfeiçoar e rever a sua prática dentro e fora da sala de aula, diminuindo a relação conflitante e “odiosa” entre os estudantes e os conteúdos escolares tão distantes de suas realidades, contribuindo para as transformações profundas no ensino de História e na vida dos estudantes, dando vozes aos grupos silenciados e excluídos da História, permitindo que seus alunos e alunas se reconheçam como sujeitos da História, provocando atitudes preservacionistas, de reconhecimento e de valorização dos patrimônios e da História Local.

Acredito que este trabalho não encerra as discussões sobre estes assuntos aqui abordados, muito pelo contrário, as discussões aqui apresentadas e sugeridas aumentam a

necessidade de continuar avançando na produção dos saberes tão fundamentais no campo do Ensino da História.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. Processo de construção do saber histórico escolar. In: **História & Ensino: Revista do Laboratório do Ensino de História/UEL**. Londrina, Ed.UEL, 2005.
- AGAMBEM, Giorgio. **Profanaciones**. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2005.
- ALBA RICO, Santiago. La ciudad intangible. **Ensayo sobre el fin del neolítico**. Instituto cubano del libro. La Habana, 2004.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática, 2005.
- BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes, **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2º Ed. São Paulo: BR Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/ Lei 9.394/96)**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL, **Legislação**. Decreto nº 528 de 28 de Junho de 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 03 Dez de 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história / geografia**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAIMARI, Lilian. **El momento archivo**. Población y sociedad. Vol 27 (2). Argentina: Universidad Nacional de La Pampa, 2020.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Geração Homo Zappiens na escola: novos suportes de informação e aprendizagem histórica**. In: MAGALHÃES, Marcelo et. al. (orgs) **Ensino de História**. Usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FVG Editora, p. 165 – 183, 2014.
- CAIMI, F. E. **Cultura, memória e identidade: o ensino de História e a construção de discursos identitários**. In: Cristiani Bereta da Silva; Ernesta Zamboni. (Org.). **Ensino de história, memória e culturas**. 1ed.Curitiba: Editora CRV, v. 1, p. 17-33, 2013.
- COOPER, Hilary. **Aprendendo e Ensinando sobre o passado a criança de três anos**. Educar Especial. Curitiba: UFPR, p. 171- 190, 2006.

COOPER, Hilary. **Ensino de história na educação infantil e anos iniciais: um guia para professores**. Curitiba: Base Editorial, 2012.

CUBAS, Caroline Jaques. **Por uma história que corte feito estilete: presença, experiência e sentidos em uma aula de História**. Revista História Hoje, v. 11, p. 15-32, 2022.

CUESTA, F. R. **Sociogênese de una disciplina escolar: la Historia**. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1997

CUESTA, F. R. **El Código disciplinar de la historia escolar em Espanã: algumas ideias para la explicación de la sociogénesis de una material de enseñanza**. Encounters on Education, v.3, p. 27-41. Disponível em: <<https://ojs.library.queensu.ca/index.php/encounters/article/view/1721>>. Acesso em: 18 de nov. 2023

DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa-Portugal: Publicações Don Quixote, 1989.

FARGUE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARGE, Arlette. **Presença, experiência e sentidos em uma aula de História**. São Paulo: Revista História Hoje, v.11, No 22, p. 15-32, 2022.

FERRARI, Aída Lúcia. Educação patrimonial. In: Grupo Gestor (org). **Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial**. Belo Horizonte: SEE/MG, p. 107 – 120, 2002. Tesis de doctoral (Facultad de Educación), 1997

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Dias de (Coord.). **Dicionário de Ensino História**. Rio de Janeiro: FGV, p. 20

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. In: ROCHA, Helenice (Org.) **História Temática**, p. 137. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. In: COSTA, Aryana (org.) **História Local**, p. 132; OLIVEIRA, Almyr (Org.) Educação Patrimonial, p. 98. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FIGUEIREDO, Betania Gonçalves . **Patrimônio Histórico e Cultural: Um novo campo de ação para os professores**. In: IEPHA/SEE-MG. (Org.). Educação patrimonial: Reflexões e contribuições para educação patrimonial - Coleção Lições de Minas. 1ed. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 2002.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim et.al. **Educação patrimonial: histórico, conceito e processos**. Brasília: IPHAN, 2014

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos, espaço educação**. São Paulo, Annablume, 1994.

GERMINARI, G. D.; MELLO, P. E. D. de. **Reforma do ensino médio e a base nacional comum curricular: confrontos narrativos, estratégias de imposição e impactos no**

ensino de história. Revista Interações, [S. l.], v. 14, n. 49, p. 7–24, 2018. DOI: 10.25755/int.16154. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/16154>> . Acesso em: 21 fev. 2024.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. 2º Ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriana Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Em Tremores. Escritos sobre a experiencia. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

LARROSA, Jorge. **Impedir que o mundo se desfaça.** Em LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen, CUBAS, Caroline. Elogio do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2021

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Justino. **Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas.** In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, p.51-69, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MATTOZZI, I. **Currículo de história e educação para o patrimônio.** Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 47, p. 135-55, 2008.

MIRANDA, Sonia Regina. **Lugares de Memória, Espaços de Formação: Elos Invisíveis na constituição do Conhecimento Históricos de Professores.** In. E. Zamboni; &S G. Fonseca, Espaços de formação do professor de História. Papiros, 2008.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: 1993.

NADAI, Elza. **A Escola Pública Contemporânea: Os Currículos Oficiais de História e o Ensino Temático.** In: Revista Brasileira de História. V. 6, n. 11, Setembro 1985/ fevereiro 1986

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.** Revista Projeto História, n. 10. São Paulo: PUC, Dezembro 1993

NORA, Pierre; AUN, Houry. T.Y: **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós graduados de História. (S.I),

v.10, 2012. Disponível em: <<https://revista.pucsp.br/index.php/revph/articie/view/12101>>. Acesso em: 2 de maio de 2023

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto: O Museu no Ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

RANCIERE, Jacques. **Na margens do político**. Lisboa, KKYM, 2014

ROCHA, Helenice. **A presença do passado na aula de História**. In: Marcelo Magalhães et al. **Ensino de História. Usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro (RJ): Ed da FGV, p.33-52, 2014

SALVADORI, Maria Ângela Borges, **História, ensino e patrimônio**. Araraquara: Juqueiras e Marin Editores, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro**. IN: QUEIROZ, Renato da Silva; SCHWARCZ, Lilia Mortiz (org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Dayse Lúcida Silva, **Métodos e técnicas de pesquisa em história**. Montes Claros (MG): Unimontes, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
ZABALA, Antoni, **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7. ed. Curitiba: Editora e Gráfica Vicentina, 1995.

APÊNDICE – DIÁRIO DE PESQUISA

Visitas no Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion

22 de Janeiro de 2023

No dia 22 de Janeiro de 2023, entrei em contato via WhatsApp com a professora Edna Pinto Cardoso, diretora auxiliar do Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion para conversar sobre o meu interesse de realizar uma pesquisa de dissertação de mestrado no arquivo escolar do Moysés Lupion e se teria alguma possibilidade (levando em consideração a correria do começo do ano, pois estavam no período de distribuição de aulas) de marcar uma conversa, uma reunião informal com as duas diretoras do colégio para explicar melhor o assunto da pesquisa e como poderia ser realizado caso fosse autorizada a fazer o trabalho no arquivo do colégio. A princípio, a professora Edna foi muito acolhedora, cordial e prestativa, logo falou que por ela não haveria nenhum problema na realização do trabalho e que seria um grande prazer o colégio contribuir com a pesquisa, porém, ela comentou que eu deveria também de conversar com a outra diretora, a professora Ivelise do Pilar Souza Guimarães Martins, ver a sua opinião e se ela autorizaria a realização da pesquisa no colégio.

Nesta mesma noite, enviei uma mensagem a professora Ive e fiquei aguardando por sua resposta. No dia seguinte, a professora Edna entrou em contato comigo, disse que ela e a professora Ivelise gostariam de conversar comigo pessoalmente para saber melhor sobre o tema da pesquisa e se eu teria a possibilidade de encontrá-las na quarta feira dia 25/01 às nove da manhã na sala da direção do Moysés Lupion, entusiasmada claro, respondi que seria possível sim e que seria um enorme prazer em conversar com elas, agradei pela oportunidade e pelo retorno. No mesmo dia, comuniquei a resposta ao professor Federico que logo e em um gesto de gentileza se dispôs a acompanhar toda a conversa com as senhoras diretoras.

Uma sala no Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, Antonina, litoral do Paraná, 25 de Janeiro de 2023.

Horário: 09h05

Cheguei no Colégio em torno das nove horas da manhã e aguardei pela chegada do professor Federico que logo em seguida chegou comentando o quanto havia ficado impressionado com a arquitetura e o tamanho do Colégio do Moysés. Assim, percebe -se, que

as Instituições escolares antigas com as suas arquiteturas grandiosas foram símbolos da importância que se atribuía a educação no Brasil, a ideia de grandiosidade era para demonstrar para sociedade o quanto o governo dava de atenção necessária com as escolas. Ao entrarmos no colégio encontramos as duas diretoras trabalhando na primeira salinha, local da antiga secretária. Ao chegarmos então, houve as apresentações, nos acomodamos e iniciamos a nossa conversa de forma bem informal agradecendo primeiramente pela acolhida e pela oportunidade de conversarmos sobre a ideia de desenvolver a minha pesquisa de Mestrado no Moysés Lupion, eu e o professor Federico explicamos o tema de pesquisa e a nossa intenção de pesquisarmos no arquivo escolar do colégio Moysés, justificamos a escolha desta instituição ressaltando alguns pontos, primeiramente, pelo fato de o colégio ser uma das mais antigas instituições escolares do Estado do Paraná, inaugurada na década de 1940 e que ao nosso ponto de vista, deve ter em seu acervo uma grande quantidade e variedade de fontes históricas que podem ser utilizadas pelos professores de História em suas aulas, assim, utilizando de um patrimônio histórico escolar da própria instituição e de um espaço próximo da realidade dos estudantes, já que a maioria dos antoninenses, estudam ou estudaram no Colégio Moysés, ou se nunca estudaram, devem ter um amigo, um conhecido ou familiar que passou pelo estabelecimento, este foi a única instituição escolar a fornecer o ensino médio na cidade durante alguns longos anos.

Acredita-se, que para nós Historiadores, o colégio Moysés Lupion não é apenas uma instituição escolar, mas sim, um patrimônio histórico da sociedade capelista, um local de História, de memórias, de produção humana, que faz parte do dia a dia da cidade de Antonina e de seus moradores. Assim, de alguma forma, o Colégio foi o palco do cotidiano de muitos antoninenses que tiveram a sua vida escolar nesta instituição, portanto, acredita-se, que exista uma infinidade de relatos, fotografias, cadernos antigos, diplomas, certificados, objetos e outros documentos relacionados a este estabelecimento, assim, o Moysés Lupion e o seu acervo são uma importante fonte de estudo para ensinar e aprender a História, temos também, como objetivo de pesquisa a intenção de despertar reflexões em relação a importância do conhecimento, da valorização e do uso destes espaços de saberes pela comunidade escolar. A minha segunda justificativa para a escolha do colégio é a relação afetiva que tenho com o Moysés Lupion, como a maioria dos capelistas, um dia também fui aluna da instituição, estudei no Moysés o Ensino Fundamental e médio, da mesma forma, que durante alguns anos, retornei ao estabelecimento, mas não como aluna, mas sim, como professora de História, assim, além de ter estudado e lecionado na instituição, sou também, filha, sobrinha, prima, irmã, tia, amiga, colega de trabalho e mãe de antigos estudantes do Moysés. Assim como eu, todos os professores

nascidos e criados na cidade de Antonina, foram também alunos do Colégio Estadual Moysés Lupion. Hoje, ao retornar ao colégio para conversar com as diretoras, percebi que estava conversando não somente com duas diretoras, mas sim, com as minhas antigas professoras e que um dia foram também minhas colegas de trabalho, confesso, que fiquei muito empolgada e também muito preocupada pela grande responsabilidade de realizar este trabalho, de escrever sobre este importante patrimônio da cidade de Antonina, este bem precioso para todos os antoninenses. Bem! Voltando no relato do dia da visita, ao mencionarmos que a pesquisa seria realizada no arquivo escolar e que gostaríamos de ter contato com objetos, fotos, plantas e outros documentos da instituição, percebi que não houve nenhum tipo de demonstração de preocupação ou de oposição por parte da direção que até o momento nos escutaram atenciosas e chegaram a comentar de forma entusiasmada que gostariam que pudéssemos organizar o que eles teriam de material para um acervo histórico, achamos a ideia excelente e comentamos que seria um dos nossos objetivos de trabalho, o de realizar a pesquisa no acervo escolar e a partir das fontes encontradas, organizar e disponibilizar o acervo histórico para a comunidade escolar, falamos que o trabalho teria uma terceira dimensão que se relacionava com essa outras duas, o outro propósito do trabalho seria a de elaborar algumas atividade que possa ser realizadas nas aulas de História pelos professores da disciplina da instituição.

Após alguns minutos de conversa e pela concordância de marcarmos um outro momento para iniciar com a pesquisa neste acervo, solicitamos um passeio pelo colégio e se possível a visita no acervo escolar, as diretoras concordaram e a diretora, a professora Ive nos acompanhou fazendo um tour pelo Colégio Moysés, primeiramente fomos ao arquivo, que fica em um outro prédio, ao lado do prédio principal, o arquivo se encontra em uma parte dos fundos da secretária com acesso somente dos funcionários, a princípio para o meu trabalho de dissertação pensei em realizar uma pesquisa com os alunos no arquivo, após ver a localização, percebi que seria impossível. Ao chegarmos no local, pedimos licença para os dois funcionários que se encontravam na secretaria e fomos até onde estavam os documentos.

O que me chamou a atenção em relação ao arquivo, foi o local, à primeira vista, um lugar que estava limpo, iluminado, organizado, conservado e preservado em caixas, pastas, estantes e arquivos, aqueles de aço com chave que geralmente são usados nas escolas, mas, para um arquivo de um colégio tão importante, acredito, que o local seja muito pequeno e inapropriado para estudar e realizar uma pesquisa com os alunos, sabe-se que muitas vezes, estes locais são chamados de arquivos “mortos” e quando as pessoas os organizam eles fazem de uma forma que seja viável para atender o dia a dia da secretária e não pensando em organizar um acervo Histórico cheios de fontes raríssimas e importantes para a História, na

verdade olhamos de forma diferente para estes documentos, para nós historiadores são documentos valiosos, que nos contam sobre a vida escolar, a cultura e a identidade local, conseguimos com estes documentos obter grandes informações importantes para a história de uma instituição, mas, para o pessoal do administrativo e gestão são apenas atas, ofícios, diários e documentos necessários para as informações administrativas do colégio e nada mais, e que ao passar o prazo necessário de arquivamento pela legislação são descartados. A professora Ivelise abriu algumas gavetas e falou sobre os tipos de documentos que estavam arquivados e para a minha surpresa, ali no arquivo tinha documentos com a data de 1949, sendo que o colégio foi inaugurado em 1946, ou seja, tinha documento muito antigo e com grande potencial histórico, meus olhos brilharam com a notícia.

Ao conversarmos um pouco com o funcionário administrativo Fabio e a secretária Patrícia soubemos por eles que já houve uma professora da UFPR realizando uma pesquisa com os seus alunos no arquivo, tirar fotos do material, mas, segundo a Patrícia, não foi dado continuidade e nem notícias sobre o trabalho o pessoal do colégio teve.

E o funcionário Fabio nos comunicou que o colégio tem uma grande quantidade de fotos, mapas, documentos e objetos guardados em outro local, porém tínhamos que ver com uma outra funcionária que só trabalharia no período da tarde, a Célia. Ressaltamos o nosso interesse de conversar em um outro momento com esses funcionários para termos mais informações em relação ao acervo do Moysés Lupion.

Ao voltarmos para o prédio principal que funciona todo o movimento escolar, fomos andar pelos corredores e pelas outras dependências do colégio, assim, ao caminhar percebemos que os corredores estavam com algumas fotos, estátuas religiosas, quadros de eventos realizados na instituição, medalhas, troféus, bandeiras, uniformes, livros em estantes bem antigas, mesas na entrada e de tão antiga que soubemos que tem até colecionadores interessados em comprá-las, uma infinidade de patrimônios escolares, logo pensei, aqui daria uma boa aula de História. Porém, também pude perceber que algumas fotos estavam se perdendo com o tempo, tive a impressão que de que a História também está se perdendo, desaparecendo e ver a história se perder é muito triste, seria necessário uma ação no Moysés que valorizasse e preservasse essa história, a Educação patrimonial seria fundamental para despertar a comunidade para a importância deste patrimônio escolar e ver este corredor do colégio como um espaço que privilegia as pessoas comuns da cidade, dos bairros, das ruas e da própria escola, gente como a gente, assim, perceber que são lugares de memórias, deste local valioso para ensinar e aprender História.

Ao terminarmos o nosso passeio pelo Colégio agradecemos novamente a professora

Edna e a professora Ivelise pela acolhida e pela receptividade que nos receberam e para finalizar, combinamos a nossa volta ao colégio para iniciarmos a pesquisa no acervo, marcamos para iniciarmos logo após que passar o período de planejamento dos professores, nos despedimos delas e seguimos em direção ao estacionamento.

Eu e o Professor Federico combinamos de tomar um café para discutirmos os pontos necessários para a pesquisa e conversarmos sobre a nossa primeira visita ao colégio, entre os pontos discutidos durante o café, posso ressaltar, a ideia de retirada da implementação da aula no arquivo com os alunos, por vários motivos, entre eles, as dificuldades de levar as crianças para o arquivo que fica em um espaço pequeno e super limitado na secretaria do colégio, comentamos a falta de viabilidade por eu não ter nenhuma turma de alunos no colégio onde será realizada a pesquisa e alguns problemas que teríamos ao longo da pesquisa por realizar a atividade com turmas que pertencem a outro professor, teríamos que ver a disponibilidade do professor do 1º ano do Ensino médio disponibilizar algumas de suas aulas em uma época em que a carga horária das aulas de História estão cada vez mais sendo reduzidas. Assim, ficou combinado em pensar em algumas atividades para deixar como proposta para o professor de história realizar com suas turmas no acervo escolar, sempre com o objetivo de chamar a atenção de seus alunos que se encontram pelos corredores do colégio, um lugar de passagem que está repleto de memórias, repletos de Histórias.

Colégio Estadual Cívico Militar Hiram Rolim Lamas, 27 de fevereiro de 2023.

Horário: 09h05

Hoje por volta das 10 horas da manhã fui até o Colégio Moysés Lupion com o objetivo de realizar uma pesquisa sobre o Histórico da instituição para o meu trabalho de dissertação. Ao chegar no estabelecimento escolar conversei com a diretora auxiliar, professora Edna e falei que gostaria de fazer uma pesquisa sobre o Histórico e a infraestrutura do colégio para localizar o arquivo, as salas com os nomes dos antigos professores e os corredores carregados de histórias. Como sempre, a professora me acolheu muito bem e me orientou que eu conversasse primeiramente com a diretora Ive e depois com as pedagogas que elas poderiam me ajudar com o material que eu estava precisando para a pesquisa, agradei. Segui no corredor “Arquivo” ou corredor “Memória” do colégio, chamo assim, pois o corredor da parte térrea do Moysés é repleto de fotos, medalhas, bandeiras e outros objetos expostos, uma verdadeira maravilha para uma aula de educação patrimonial.

Pois bem! Retornando assunto da minha visita de hoje, chegando na sala das

pedagogas, encontrei a diretora Ivelise com as pedagogas Helem Cristina Tagliatela Mendes, que já foi a minha colega de trabalho e Selma Licia da Silva Adaltino, que já foi a minha professora, esta pessoa incrível por sua simpatia, atenção, profissionalismo e humildade com as pessoas, a minha admiração por ela é muita, além dela ser pedagoga ela é também professora de História da instituição. Então, comuniquei a razão da minha visita no colégio, logo, elas falaram que os assuntos que eu queria poderiam estar no Regimento escolar do Moysés, este seguia o regimento Militar, em relação a planta do Moysés eu poderia encontrar com os funcionários da secretaria e que eu poderia ir ver com o pessoal do administrativo. Peguei o regimento escolar para fazer uma cópia e fui à secretaria buscar a planta do colégio. Cheguei na secretaria encontro uma amiga de muito tempo, havia retornado de Curitiba para trabalhar novamente na secretária Colégio Moysés, conversei com ela e em seguida solicitei a planta e as cópias. A secretária perguntou se não seria melhor eu solicitar um empréstimo do regimento para eu levar para a casa, e foi isso que fiz, conversei com as pedagogas que solicitei à diretora o empréstimo, assinei um termo e emprestei o regimento e as plantas do colégio para realizar com calma a pesquisa em casa. A minha visita foi rápida, mas pude notar que hoje a rotina estava diferente de um dia escolar normal, principalmente, um dia típico do Moysés, hoje estava tudo calmo e silencioso, as crianças não estavam no colégio, as pedagogas estavam atendendo os alunos evangélicos, os outros estudantes estavam no centro da cidade, na praça fantasiados e brincando o carnaval, hoje, uma sexta-feira de carnaval é a abertura da festa dos capelistas e já é tradição na cidade as escolas prepararem um dia diferente para os alunos, que adoram este momento diferenciado.

Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas, 16 de Fevereiro de 2023.

Horário: 09h00

Hoje fui na secretaria do Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas, colégio em que trabalho e comecei conversar informalmente com a secretária Wânia Afonso e a Márcia do Administrativo, perguntei a elas como estava organizado o arquivo do Colégio Hiram e a Márcia começou me mostrar como eles organizavam o arquivo burocrático. Neste momento, ela começou a mostrar alguns armários, caixas, pastas com documentos dos alunos, atas, ofícios, históricos entre outros documentos do cotidiano escolar, para a minha tristeza as fotos de eventos do colégio como festas, feiras de Ciências, gincana cultural, cadernos de alunos e objetos a escola não teria mais, nada foi arquivado e nem digitalizados, tudo se perdeu, simplesmente não sabem onde foram parar, pra onde foi, com quem estava, nada. Pensei, como

assim? Como não sabem? Como sumiram? Neste momento me veio uma grande tristeza e ao mesmo tempo um sentimento de revolta. Acredito que exista vários motivos para esta situação da inexistência de fotografias e outros documentos do cotidiano dos alunos, documentos importantes para a identidade do colégio e de seus estudantes. Confesso que a minha indignação e decepção foram grandes, toda uma memória escolar esfacelada, perdida. Percebi, que o arquivo burocrático do Colégio Hiram está localizado e funcionando dentro da secretaria, em caixas espalhadas por dentro dos móveis, estantes e móveis antigos, empoeirados, inapropriados e cheios de cupim. Esta situação era cada vez a pior possível, mas, ao mesmo tempo, como professora sei muito bem a realidade de abandono das escolas, a falta de funcionários para tudo, limpeza, cozinha e administrativo. Portanto, mesmo indignada, pensei que esta situação pode ser a realidade de muitas escolas públicas, a falta de espaço, de locais apropriados e de funcionários preparados espelham muito a situação de abandono da educação Pública.

Neste momento, retornei para a sala de aula e pensei o quanto isso tudo era desrespeitoso e injusto com a história, memória, patrimônio escolar e com a pesquisa, ficaremos sem poder contemplar, reconhecer a História e a memória da comunidade do Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas.

Colégio Estadual Cívico Militar Moisés Lupion, 17 de Março de 2023.

Horário: 15h00

Hoje por volta das 15:00 horas fui até o Colégio Moisés para levar a solicitação da Unespar para que eu possa realizar a pesquisa no arquivo do estabelecimento, ao entrar, fui direto na diretoria conversar com a diretora, fiz entrega da solicitação à diretora Ivelise. Ao sair da sala da diretoria e caminhar em direção ao corredor principal pensei, será que as pessoas que passam todos os dias por aqui por estes corredores conseguem imaginar o quanto eles são importantes? O quanto se tem de História ou o quanto aquelas fotos e outros objetos estão relacionados à memória de alguém ou de um grupo? Particularmente, acredito que as pessoas nem percebem o que está exposto neste corredor.

Por esta razão, ao mesmo tempo, reflito que alguns anos atrás, eu como professora de História, também passava por eles e não os via como algo interessante ou algo que pudesse ser utilizado nas minhas aulas de história, acredito que estava vendo a história somente dos livros didáticos, hoje, após as aulas de Mestrado, do ProfHistória consigo perceber que a história está além dos livros didáticos, está praticamente em tudo, olho para este corredor e imagino as

boas aulas de História que um professor pode realizar naquele espaço com todos aqueles objetos e fotos, analisar e estudar os momentos e lugares fotografados. Assim, tirei o meu celular do bolso e comecei a fotografar o corredor do colégio, a sala dos troféus, o hall de entrada e do auditório, alguns objetos, imagens religiosas, roupas e fotografia de antigos formandos.

Após fotografar me direcionei até secretária e lá encontrei as funcionárias do administrativo Mema e Gilcélia, a secretária Patrícia que me atenderam de forma muito hospitaleira, sentei e comecei a conversar de forma informal com elas, perguntando sobre algumas informações necessárias para incluir na pesquisa sobre o arquivo como, tipos de documento arquivados, a forma como estão organizados, de conservação, limpeza, quantos e quais os funcionários responsáveis pelo acervo, se eles recebem algum tipo de treinamento para mexer com estes documentos, as normas em relação ao descarte e digitalização de destes documentos, e quais os documentos são descartados e em quanto tempo. A Secretária Patricia me informou que sente uma certa indignação com a ordem da Seed em digitalizar e depois descartar os documentos físicos dos alunos, ela como secretária, ainda arquivava os documentos em pastas de papéis que elas mesmo as fazem, pois nem envelopes para os documentos o Estado não envia mais, a secretária arquivava tudo por achar que mesmo que o sistema realize as transições de forma muito rápida, simples e prática, a digitalização dos documentos não assegura o acesso a tudo que a secretaria precisa de informação sobre a vida escolar de um aluno.

Segundo a secretária Patricia, o sistema fornecido pelo Estado não tem espaços suficientes para vários documentos extremamente necessários e importantes, por isso, ela ainda guarda alguns documentos físicos para consultas e tão cedo, ela não vai se desfazer deles. Após esta conversa, a funcionária Gilcélia me levou até o local do arquivo, localizado nos fundos da secretária para me mostrar como eles organizam o acervo e também mostrou alguns dos documentos que constam em um arquivo burocrático escolar, como os registros de classe, vários tipos de atas, pastas dos alunos, ofícios e decretos.

São tantas estantes arquivos, muitas pastas, caixas e uma grande quantidade de papel, em umas das caixas-arquivos fornecidas pela funcionária Gilcélia tinham algumas fotos de eventos escolares como desfiles, peças teatrais, festas escolares e eventos esportivos, umas fotos com datas e outras para a minha agonia sem nenhuma data, sem nenhuma informação, o que me deixou bastante decepcionada. Na caixa tinha também alguns convites de formaturas, várias partituras como a Souvenir de Chopin, A Bela adormecida de Tchaikowsky, Fox Trot da Saudade, tinha também alguns hinos como o do Paraná e o de Antonina, estas partituras,

segundo as funcionárias eram dos tempos em que o colégio tinha aulas de músicas. Ao mexer nas fotos sempre sob a supervisão da Gilcélia, pois uma das normas para a consulta dos documentos do arquivo é sempre estar supervisionada por uma das funcionárias, mas, ao mexer com as fotos, eu e ela começamos a conversar sobre os eventos e os possíveis conhecidos daquelas fotos, a cada fotografia uma nova conversa surgia, depois foi chegando a outra funcionária, a Mema para consultar junto conosco e se incluir na nossa conversa, a cada pessoa que elas reconheciam nas fotos, um sentimento vinha junto, muitas vezes, de saudades, alegria, tristeza e sempre com uma conversa sobre algum acontecimento, foi muito interessante passar esta tarde no Moysés com as funcionárias da secretaria e perceber quanta lembranças elas tiveram ao observar aquelas simples fotos antigas. Como disse em um outro texto do diário, todos nós, capelistas tivemos a nossa história escolar relacionada com este colégio Moysés, pois foi o único a fornecer o Ensino médio na cidade, todos temos lembranças dos tempos de colégio.

Desta forma, percebi o potencial dos objetos e principalmente das fotografias para o ensino de História, para a memória. Notei o quanto as fotos são ricas como fontes de conhecimento histórico e o quanto elas podem enriquecer uma aula de história. Ao olhar as fotografias me admirei com a riquíssima experiência pessoal que tive nesta com as funcionárias da secretaria do Moysés Lupion tarde, pude ver, as fotos despertaram vários tipos de emoções nelas, muitos sentimentos, elas recordaram de muitos acontecimentos da vida escolar delas, lembraram de eventos, dos professores que tiveram e seus colegas de classe. Trabalhar com estas fontes é uma experiência única e que só pude perceber a importância da fotografia, após a leitura do texto: "Instrucciones para mirar una fotografia da Cora Gamarnik" indicado pelo professor Federico, o texto apresenta algumas instruções para olhar, analisar e interpretar as fotos. Ao trabalhar com as fotos e objetos como fontes históricas o professor de História pode realizar uma aula mais interessante e participativa, fazer com os alunos interajam com este objetos, analisem e pesquisem sobre eles e assim, façam parte do processo de construção do conhecimento histórico local.

Colégio Estadual Cívico Militar Moysés Lupion, 13 de Abril de 2023.

Horário: 14h00

Fui até o arquivo do Colégio Moysés Lupion conversar com os funcionários da secretária e solicitar algumas informações importantes. De forma informal tomando café fomos conversando sobre a organização e o andamento do arquivo burocrático do Moysés.

Perguntei a elas sobre os tipos de documentos que estão arquivados naquele espaço, como são organizados, como é feito o descarte e as funcionárias Gilcélia e Noemia também foram participando com as informações. Segundo elas, entre os documentos que se encontram no arquivo do Moisés estão, as atas específicas, os registros de matrículas, as atas de resultados finais, as atas de exame e processos especiais de avaliação, atas de incineração de documentos, termos de visitas de inspetores, atas de reuniões pedagógicas, atas de reuniões de colegiados, termos de exercícios de servidores, livro de designação, transferência expedida e recebida, ata de reunião de conselho de classe, pastas de legislação, decretos, ofícios, autorização de abertura de curso, renovação de curso e de funcionamento. Livro ponto, documentos de alunos e funcionários, documentos da escola entre outros. Segundo a secretária Patricia, destes documentos citados tem aqueles que são permanentes nos arquivos e tem os que são descartados, mas todos são classificados por elas como documentos de valor informativos e probatórios

No arquivo hoje trabalham cinco funcionários e todos eles assinam antes de começar a trabalhar com os documentos um termo de ética, quanto a organização não existe nenhum técnico especialista nesta função de organização de arquivos, os funcionários que seguem da forma que eles acharam mais apropriada para o funcionamento da secretaria, sem muitas condições de cuidados especiais em relação a organização e limpeza do arquivo, pra eles o que interessa é a boa funcionalidade da secretaria, portanto, organizaram o arquivo da forma que eles acharam melhor e mais fácil para o dia a dia de trabalho na secretaria. As pastas de documentos estão organizados pelo tipo de documento, por datas e ordem alfabética, a limpeza no local é feita pelas mulheres que cuidam da limpeza geral do colégio e a limpeza das caixas dos documentos dos arquivos é feita por eles da secretaria, o descarte de documentos são feitos conforme as normas determinadas pela SEED (Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná) e, os empréstimos de documentos são proibidos. As consultas de documentos no local são permitidas desde que supervisionada por um dos funcionários e depende do documento que podem ou não ser consultado. Todos que trabalham na secretaria são responsáveis pelos documentos que entram e saem da secretária. As prestações de conta do colégio são documentos que são arquivados no arquivo físico e no arquivo digital para as consultas. O sistema do arquivo digital é integrado e não comporta os documentos de todos os alunos necessários para a vida escolar dos estudantes, portanto, as funcionárias criaram uma pasta onde colocam os documentos dos alunos. Independentemente de sua funcionalidade para os funcionários da secretaria, independentemente de sua organização, estado de conservação, profundidade de informações e de local onde se encontra, estes ambientes para nós da história

são fontes de informações, onde temos a esperança de ter livre acesso a qualquer hora que necessitamos, para consultar objetos e documentos antigos em perfeitas condições de preservação, mas muitas vezes não é a realidade de muitas escolas. Portanto, reforçamos que ao escolhermos como assunto de pesquisa deste trabalho os documentos, fotografias, as mobílias e objetos do corredor do Moisés, nos referimos às atividades de história que podemos realizar nos corredores do colégio, o que percebemos no caso do Colégio Moisés é que seu acervo histórico se encontra espalhado por todo o colégio depositados em armários antigos na esperança de preservar esses documentos escolares, pelo menos é o que acreditamos, que seja como forma de preservar a história escolar, se pararmos para pensar, o próprio colégio é um patrimônio da cidade de Antonina. E a nossa pretensão é que este trabalho inspire outros colegas da História para que este importantíssimo acervo escolar seja utilizado nas aulas da disciplina como momento de reconhecimento e de interação dos alunos com a sua realidade, com o cotidiano escolar do estabelecimento e que novas ações sejam pensadas para que esta história, estes patrimônios e esta memória não se percam.

Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas, 15 de fevereiro de 2024.

Horário: 9h30

Hoje, na minha aula com a turma do sexto ano do Colégio Estadual do Campo Hiram Rolim Lamas, optei por adaptar uma das ações proposta no meu trabalho de dissertação de Mestrado, pensei em utilizar as fontes de pesquisas disponíveis no ambiente escolar para o ensino e a aprendizagem da História, neste caso, a minha aula tinha como tema “o papel do historiador e as fontes históricas”. confesso que este assunto me motivou para realizar uma aula diferenciada com os pequenos.

A cada explicação sobre o tema da aula, fui notando a participação dos alunos e a motivação com que eles respondiam as perguntas sobre a função do Historiador, o detetive da história, pude perceber que os estudantes quando chegam no sexto ano, é tudo novo para eles, tudo uma novidade, estão cheio de motivação, empolgação e curiosidades sobre o que irão apreender. Acredito que a mudança de escola para um colégio maior, com mais gente, mais professores na sala de aula mexe com a imaginação da criançada que chegam cheios de energia. Confesso que me impressionei desde o primeiro momento com este sexto ano, os alunos são participativos e curiosos, não passava nada sobre a aula sem eles contribuírem com o assunto discutido. Logo pensei em aproveitar toda esta curiosidade e empolgação com

o conhecimento histórico. A Ideia de utilizar os espaços do colégio para o ensino da História nestas duas aulas com esta turma foi ganhando força, quando eu e os alunos estávamos conversando e durante a explicação do papel de detetive dos historiadores e o uso das fontes históricas, sobre as pistas que ele reúne e investiga para construir o conhecimento histórico. Logo pensei, que poderia ser interessante aplicar e adaptar umas das ideias de ação educacional da minha pesquisa.

Quando comecei a questioná-los sobre quais fontes temos na escola que poderíamos utilizar para investigar sobre as principais características do colégio Hiram? E se temos alguma fonte de informação sobre a região que estamos localizados? No caso na área rural, na vila da Copel. As crianças empolgadas com o assunto começaram a sugerir inúmeras fontes que poderíamos utilizar para a nossa investigação, neste momento, consegui constatar que eles logo perceberam quais fontes e quais informações cada uma delas poderiam nos oferecer. No Colégio Hiram tem um mural que foi feito por um artista chamado Emersom Ramos da cidade de Morretes em conjunto com os alunos de todas as turmas, esse mural tem as particularidades da região onde estamos localizados, cheios de paisagens que caracterizam o local, então, um dos alunos do sexto ano, logo mencionou o mural como fonte de pesquisa. Na mesma hora, solicitei para que eles pegassem seu material, lápis, caneta, a borracha e caderno e os orientei para a atividade que iríamos realizar. Neste caso, propus que eles observassem a pintura durante alguns momentos e descrevessem o que eles estavam vendo, esta descrição poderia ser em forma de um desenho, anotações para depois narrarem sala, ficava livre para eles escolherem a melhor forma de expressar a sua observação, no momento, perguntei aos alunos sobre o que eles estavam observando que pudessem servir como fonte de pesquisa para compreendermos as principais características do local onde o colégio Hiram esta inserido, porém esta atividades eles iriam responder com seus relatos na sala de aula, compartilhando com todos os colegas.

Voltamos para a sala de aula depois de alguns momentos da observação do Mural e iniciamos uma roda de conversa, onde o aluno teria que compartilhar o que e como ele registrou as suas observações do mural, feito isso, os alunos começaram a narrar sobre quais as figuras que representam as principais características do nosso local, onde o Hiram está localizado. Confesso que durante a atividade fui questionando e direcionando o que estávamos vendo e fui fazendo perguntas que facilitasse na realização das atividades solicitadas para o sexto ano. Percebi, que diante desta primeira prática com os alunos e ciente das diferenças de aprendizagens existentes nestes estudantes, os objetivos e resultados obtidos foram alcançados, os alunos compreenderam que o assunto e atividade proposta de forma

participativa e colaborativa. E desta forma, compreendi que a estratégia pedagógica escolhida e proporcionada se contrapôs às aulas tradicionais de História de forma desafiadora, participativa e lúdica. Assim, acredito que de um ponto de vista pedagógico, a aprendizagem obteve um resultado significativo para os estudantes que desenvolveram várias habilidades, como a sua percepção e a apropriação das informações disponíveis na fonte escolar, a aula de História e a atividade proporcionada foi um momento de interação, motivação, criatividade e espontaneidade para os discentes, que fortaleceram a sua autoconfiança, sua auto estima e o seu senso crítico neste primeiro dia de aula em um novo ambiente escolar, o Colégio Hiram.